U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
LISBON SCHOOL OF ARCHITECTURE
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Reabilitação da Quinta Vale do Rosal:

Projeto de Hipódromo e Centro Hípico

Carolina Vieira Fonseca Resende

(Licenciada)

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura com Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Orientação Científica:

Especialista Arquiteto Carlos Macedo

Professor Doutor José Luís Crespo

Júri:

Presidente: Professora Doutora Barbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Vogal: Professora Doutora Ljiljana Cavic

Orientador: Especialista Arquiteto Carlos Luís Faria Lemonde de Macedo

Documento Definitivo

Lisboa, FA.-ULisboa, dezembro, 2024



Fig. 1 . Desenho elaborado por Álvaro Siza Vieira, 2003

Título

Reabilitação da Quinta Vale do Rosal: Projeto de Hipódromo e Centro Hípico

Nome

Carolina Vieira Fonseca Resende

Orientação Científica

Especialista Arquiteto Carlos Macedo

Professor Doutor José Luís Crespo

Mestrado Integrado em Arquitetura com Especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

Lisboa, dezembro de 2024

RESUMO

A reabilitação e a arquitetura são apresentadas neste documento como elementos criadores de um projeto que intervém no território e na paisagem, visando a revitalização de um património desconhecido para muitos.

Pretende-se reabilitar a Quinta Vale do Rosal, na Charneca de Caparica, Almada, detentora de quase 500 anos de história, e dar-lhe o destaque e proteção que merece e que foi perdendo ao longo dos anos. Apresenta-se um programa de centro hípico que possa ser frequentado diariamente como zona de aprendizagem da arte de montar a cavalo e interação com o mesmo; pretende-se proporcionar uma experiência equestre inspirada pelo enriquecimento cultural, aproveitando os recursos locais existentes e resgatando memórias do passado.

Para além da reabilitação, este documento parte, também, de uma vontade de trabalhar numa proposta de projeto que responda a uma necessidade real. O atual Hipódromo Municipal de Vale Figueira encontra-se num estado de degradação avançado, sem condições de segurança nem espaço suficiente para continuar a albergar o Festival Hípico e outros eventos equestres.

Assim, tendo como premissa inicial a necessidade de um novo espaço, esta observação constitui uma oportunidade para (re)pensar um novo hipódromo como substituição do atual, para receber, pontualmente, cavaleiros amadores e profissionais em eventos e competições de nível superior.

Desta forma, cria-se um núcleo desportivo, social e cultural onde a população se possa reunir e desfrutar de uma sensação rural no meio da cidade, e revitalizar, através do turismo equestre uma quinta centenária.

Palavras-chave: arquitetura ; reabilitação ; centro hípico ; hipódromo ; turismo equestre

Title

Rehabilitation of Quinta Vale do Rosal: Project for Hippodrome and Equestrian Center

Name

Carolina Vieira Fonseca Resende

Main Adviser

Specialist and Architect Carlos Macedo

Teacher and Doctor José Luís Crespo

Integrated Master in Architecture with Specialization in Interiors and Building Rehabilitation

Lisbon, December 2024

ABSTRACT

Rehabilitation and architecture are presented in this document as creative elements of a project that intervenes in the territory and landscape, aiming to revitalize a heritage unknown to many.

The aim is to rehabilitate Quinta Vale do Rosal, in Charneca de Caparica, Almada, which has almost 500 years of history, and give it the prominence and protection it deserves and which it has lost over the years. An equestrian center program is presented that can be visited daily as an area for learning the art of riding a horse and interacting with it; The aim is to provide an equestrian experience inspired by cultural enrichment, taking advantage of existing local resources and rescuing memories of the past.

In addition to rehabilitation, this document also comes from a desire to work on a project proposal that responds to a real need. The current Municipal Hippodrome of Vale Figueira is in an advanced state of degradation, with no safety conditions or sufficient space to continue hosting the Equestrian Festival and other equestrian events.

Thus, with the initial premise being the need for a new space, this observation constitutes an opportunity to (re)think a new hippodrome as a replacement for the current one, to occasionally receive amateur and professional riders in higher level events and competitions.

In this way, a sporting, social and cultural center is created where the population can come together and enjoy a rural feel in the middle of the city, and revitalize, through equestrian tourism, a century-old farm.

Keywords: architecture ; rehabilitation ; equestrian center ; hippodrome ; equestrian tourism



Fig. 2 . Desenho elaborado por Álvaro Siza Vieira, 2013

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador e professor Carlos Macedo por todo o apoio, força, disponibilidade, sabedoria e boas energias transmitidas ao longo deste processo. E à Susana e ao Rui pela experiência e conhecimento partilhado.

Ao meu orientador e professor José Crespo, pela dedicação, paciência e incentivo infindáveis.

À minha família, em especial ao meu irmão Tomás, pela presença e compreensão constantes.

Às minhas amigas, Beatriz pelo apoio e companhia em todas as fases deste projeto e da vida, e Inês, pelo encorajamento, pelas gargalhadas nos bons momentos e pela paciência e conforto nos maus. E ao meu amigo Zé por toda a ajuda e inspiração desde o primeiro ano.

À Teresa e a toda a família Ramalho Carlos, pelo tempo passado, pela partilha de histórias e memórias, por abrirem a sua casa e me receberem sempre da melhor maneira.

ÍNDICE

Resumo V

Abstract VII

Agradecimentos IX

I. Introdução 1

II. Enquadramento Temático 5

II.I. O arquiteto e o cavalo 5

II.II. Arquitetura Equestre 11

II.III. Reabilitação e Património 27

II.IV. Turismo Equestre 38

III. O Lugar e o Objeto 41

III.I. Envolvente - Análise e enquadramento 43

III.II. Quinta Vale do Rosal 49

IV. O Projeto 65

IV.I. Programa 65

IV.II. Estratégia 79

IV.III. Proposta Urbana 81

IV.IV. Proposta Arquitetónica 85

V. Considerações Finais 94

Bibliografia 97

Anexos 103

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 . Desenho elaborado por Álvaro Siza Vieira, 2003 (p.III)

Fig. 2 . Desenho elaborado por Álvaro Siza Vieira, 2013 (p.VIII)
Fonte: https://www.publico.pt/2013/10/06/culturaipsilon/fotogaleria/os-desenhos-de-siza-para-as-palavras-de-bastide-325880 (2023)

Fig.3 . *Siza montado a cavalo*, desenho elaborado por Álvaro Siza Vieira, 2003 (p.6)

Fig.4 . *Esquiços ao jantar*, desenho elaborado por Álvaro Siza Vieira, 2003 (p.6)
Fonte: https://naul.wordpress.com/2009/12/17/alvaro-siza-esquissos-ao-jantar-5-dez-a-7fev/ (2023)

Fig.5 . Barragán com a sua égua Arjala, fotografia de René Burii, 1969 (p.8)
Fonte: https://www.barragan-foundation.org/luis-barragan/life (2023)

Fig. 6 . Barragán (esquerda) durante um evento equestre, fotografia de Armando Portugal, 1960 (p.8)
Fonte: https://www.barragan-foundation.org/luis-barragan/chronology (2023)

Fig. 7 . Casa Mirante, fotografia de Rafael Gamo, 2013 (p.10)
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/779426/casa-mirante-cc-arquitectos/573200fee58eced11d00000c-el-mirador-house-cc-arquitectos-photo (2022)

Fig. 8 . Esquiço de perspetiva das Cavalariças San Cristóbal, elaborado por Luis Barragán, 1966 (p.10)
Fonte: https://www.barragan-foundation.org/works/list/cuadra-san-cristobal (2023)

Fig. 9 . Box no Centro Equestre Merricks, 2014 (p.12)
Fonte: https://watsonarchitecture.com/projects/equestrian-centre-merricks (2022)

Fig. 10 . Boxes nas Cavalariças de polo Figueras, fotografia de Daniela McAdden, 2017 (p.12)
Fonte: https://www.archdaily.com/878759/figueras-polo-stables-estudio-ramos (2023)

Fig. 11 . Cavalariças de polo Figueras, fotografia de Daniela McAdden 2017 (p.14)
Fonte: https://www.architecturaldigest.com/story/nacho-figueras-polo-stables (2023)

Fig. 12 . Detalhes das boxes nas cavalariças, fotografia de Daniela McAdden, 2017 (p.14)
Fonte: https://www.archdaily.com/878759/figueras-polo-stables-estudio-ramos (2023)

Fig. 13 . Campo de polo, fotografia de Daniela McAdden, 2017 (p.16)
Fonte: https://www.archdaily.com/878759/figueras-polo-stables-estudio-ramos (2023)

Fig. 14 . Espelho de água, fotografia de Daniela McAdden, 2017 (p.16)
Fonte: https://www.archdaily.com/878759/figueras-polo-stables-estudio-ramos (2023)

Fig. 15 . Zonas sociais, fotografia de Daniela McAdden, 2017 (p.18)
Fonte: https://www.archdaily.com/878759/figueras-polo-stables-estudio-ramos (2023)

Fig. 16 . Cavalariças de polo Figueras, fotografia de Daniela McAdden, 2017 (p.18)
Fonte: https://www.archdaily.com/878759/figueras-polo-stables-estudio-ramos (2023)

Fig. 17 . Cavalariças San Cristóbal, fotografia de Kevin Scott, 2018 (p.20)
Fonte: https://www.kevinscott.us/cuadra-san-cristobal (2023)

Fig. 18 . Casa Egerstrom, Cavalariças San Cristóbal (p.20)
Fonte: https://www.designboom.com/architecture/luis-barragan-cuadra-san-cristobal-mexico-city-11-25-2019/ (2023)

Fig. 19 . Espelho de água, fotografia de Kevin Scott, 2018 (p.22)
Fonte: https://www.kevinscott.us/cuadra-san-cristobal (2023)

Fig. 20 . Cavalariças San Cristóbal, 2019 (p.22)
Fonte: https://www.designboom.com/architecture/luis-barragan-cuadra-san-cristobal-mexico-city-11-25-2019/ (2023)

Fig. 21 . Planta do piso térreo das Cavalariças de polo Figueras (p.24)
Fonte: https://www.archdaily.com/878759/figueras-polo-stables-estudio-ramos (2023)

Fig. 22 . Fonte, fotografia de Daniela McAdden, 2017 (p.24)
Fonte: https://www.archdaily.com/878759/figueras-polo-stables-estudio-ramos (2023)

Fig. 23 . Planta do piso térreo das Cavalariças San Cristóbal (p.24)
Fonte: https://es.wikiarquitectura.com/edificio/los-clubes-cuadra-san-cristoba-fuente-los-amantes/ (2023)

Fig. 24 . Fonte e espaço de água (p.24)
Fonte: https://www.re-thinkingthefuture.com/case-studies/a2386-equestrian-trilogy-cuadra-san-cristobal-mexico-by-luis-barragan-geometry-nature-and-architecture/ (2023)

Fig. 25 . Herdade de Torre de Palma, desenho elaborado por João Mendes Ribeiro, 2014 (p.26)
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/757231/intervencao-na-herdade-de-torre-de-palma-joao-mendes-ribeiro (2024)

Fig. 26 . Abegoaria em estado de quase ruína, circa 2010 (p.28)
Fonte: https://caminhandoporsintra.blogspot.com/2013/06/inauguracao-abegoaria-do-parque-da-pena.html (2024)

Fig. 27 . Abegoaria depois da reabilitação, fotografia da autora, 2024 (p.28)

Fig. 28 . Vista superior das cavalariças, 2013 (p.30)
Fonte: https://www.researchgate.net/publication/320710292_Reabilitacao_Dos_Edificios_Da_Antiga_Abegoaria_Aviario_E_Estufas_Da_Quinta_Da_Pena_No_Parque_Da_Pena_Em_Sintra (2024)

Fig. 29 . Cavalariças do Parque da Pena, fotografia da autora, 2024 (p.30)

Fig. 30 . Edifício principal da Herdade de Torre de Palma, fotografia de Eduardo Nascimento, 2014 (p.32)
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/757231/intervencao-na-herdade-de-torre-de-palma-joao-mendes-ribeiro (2024)

Fig. 31 . Novas construções, fotografia de Eduardo Nascimento, 2014 (p.32)
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/757231/intervencao-na-herdade-de-torre-de-palma-joao-mendes-ribeiro (2024)

Fig. 32 . Materialidades, fotografia de Eduardo Nascimento, 2014 (p.34)
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/757231/intervencao-na-herdade-de-torre-de-palma-joao-mendes-ribeiro (2024)

Fig. 33 . Herdade de Torre de Palma, fotografia de Eduardo Nascimento, 2014 (p.34)
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/757231/intervencao-na-herdade-de-torre-de-palma-joao-mendes-ribeiro (2024)

Fig. 34 . Continuidade e contraste, fotografia de Eduardo Nascimento, 2014 (p.36)
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/757231/intervencao-na-herdade-de-torre-de-palma-joao-mendes-ribeiro (2024)

Fig. 35 . Continuidade e contraste, fotografia da autora, 2024 (p.36)

Fig. 36 . Carta corográfica dos terrenos em volta de Lisboa (detalhe), 1814 (p.42)
Fonte: https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2015/12/valderozal.html (2022)

Fig. 37 . Localização da Quinta Vale do Rosal, Google Earth, 2024 (p.42)

Fig. 38 . Palco do júri do Festival Hípico da Sobreda, 2019 (p.44)
Fonte: https://www.jf-charnecacaparica-sobreda.pt/noticias/desporto/arrancou-o-festival-hipico-na-sobreda (2022)

Fig. 39 . Provas de obstáculos, 2018 (p.44)
Fonte: https://www.jf-charnecacaparica-sobreda.pt/galeria/fotos/category/253-festival-hipico-na-sobreda?start=128 (2022)

Fig. 40 . Hipódromo Municipal, fotografia da autora, 2022 (p.46)

Fig. 41 . Zona de preparação dos cavalos, fotografia da autora, 2022 (p.46)

Fig. 42 . Acesso à zona de estacionamento, fotografia da autora, 2022 (p.46)

Fig. 43 . Instalações sanitárias e depósito, fotografia da autora, 2022 (p.46)

Fig. 44 . Comparação entre a área da quinta e a do atual Hipódromo Municipal, Google Earth, 2023 (p.48)

Fig. 45 . Fotografia aérea do terreno da Quinta Vale do Rosal, Google Earth, 2023 (p.48)

Fig. 46 . Terreno da quinta antes da construção da A33, Ortofotomapa, 2007 (p.50)
Fonte: https://sig.cm-almada.pt/WebSIGAlmada/ (2022)

Fig. 47 . Terreno da quinta após a construção da A33, Ortofotomapa, 2018 (p.50)
Fonte: https://sig.cm-almada.pt/WebSIGAlmada/ (2022)

Fig. 48 . Atividades equestres na quinta, fotografia disponibilizada pelos proprietários (p.52)

Fig. 49 . Quinta Vale do Rosal antes de 4 de outubro de 1910 (p.52)
Fonte: https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2016/10/vale-de-rosal-e-os-dias-4-e-5-de.html (2022)

Fig. 50 . Corredor das celas, 1910 (p.54)
Fonte: https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2016/10/vale-de-rosal-e-os-dias-4-e-5-de.html (2022)

Fig. 51 . Capela após o assalto e incêndio, 1910 (p.54)

Fonte: https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2016/10/vale-de-rosal-e-os-dias-4-e-5-de.html (2022)

Fig. 52 . Edifícios da quinta após o assalto e incêndio, 1910 (p.54)

Fonte: https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2016/10/vale-de-rosal-e-os-dias-4-e-5-de.html (2022)

Fig. 53 . Muro de suporte do Monte da Cruz (p.56)

Fonte: https://teixeiraduarteconstrucao.com/projetos/a33-subconcessao-baixo-tejo/ (2022)

Fig. 54 . Vista da quinta pela A33, fotografia da autora, 2023 (p.56)

Fig. 55 . Fotografia aérea do edificado da quinta, Google Earth, 2009 (p.56)

Fig. 56 . Fotografia aérea do edificado da quinta, Google Earth, 2014 (p.56)

Fig. 57 . Sala da abóbada, fotografia da autora, 2022 (p.58)

Fig. 58 . Sala da abóbada, fotografia da autora, 2022 (p.58)

Fig. 59 . Pavimento original, fotografia da autora, 2022 (p.58)

Fig. 60 . Detalhe da construção da capela, fotografia da autora, 2022 (p.60)

Fig. 61 . Capela no estado atual, fotografia da autora, 2022 (p.60)

Fig. 62 . Planta do programa original da quinta, escala 1:500, elaborada pela autora (p.62)

Fig. 63 . Planta das diferentes datas de construção, escala 1:1000, elaborada pela autora (p.63)

Fig. 64 . Planta da Teoria de Valor, escala 1:500, elaborada pela autora (p.63)

Fig. 65 . Habitação de tratador no Centro Equestre Merricks, 2014 (p.66)

Fonte: https://watsonarchitecture.com/projects/equestrian-centre-merricks (2023)

Fig. 66 . Zona lounge e sala de arreios das Cavalariças de polo Figueras,, 2017 (p.66)

Fonte: https://www.archdaily.com/878759/figueras-polo-stables-estudio-ramos (2023)

Fig. 67 . Cavalariças no Centro Equestre Merricks, 2014 (p.68)

Fonte: https://watsonarchitecture.com/projects/equestrian-centre-merricks (2023)

Fig. 68 . Cavalariças no Centro Hípico del Bosque, 2011 (p.68)

Fonte: https://www.archdaily.cl/cl/02-228477/hipico-del-bosque-apt-arquitectura-para-todos (2023)

Fig. 69 . Paddock no Centro Equestre Merricks, 2014 (p.70)

Fonte: https://watsonarchitecture.com/projects/equestrian-centre-merricks (2023)

Fig. 70 . Zona de limpeza e lavagem nas Cavalariças de polo Figueras, 2017 (p.70)

Fonte: https://www.archdaily.com/878759/figueras-polo-stables-estudio-ramos (2023)

Fig. 71 . Picadeiro coberto no Centro Equestre Leça da Palmeira, 2012 (p.72)
Fonte: https://www.dezeen.com/2015/06/17/castanheira-bastai-arquitectos-timber-framed-equestrian-centre-portugal-northern-coast-cabo-do-mundo-leca-da-palmeira/ (2023)

Fig. 72 . Picadeiro coberto na Reitarena Stubai, fotografia de Peter Fiby, 2011 (p.72)
Fonte: https://www.archdaily.com/260528/reitarena-stubai-ao-architekten (2024)

Fig. 73 . Picadeiro descoberto no Centre Equestre Merricks, 2014 (p.74)
Fonte: https://watsonarchitecture.com/projects/equestrian-centre-merricks (2024)

Fig. 74 . Picadeiro descoberto no Rancho Cerro Pelón, fotografia de Guido Mocafico (p.74)
Fonte: https://archeyes.com/tom-fords-horse-ranch-tadao-ando/ (2023)

Fig. 75 . Planta do programa da proposta de Centro Hípico, escala 1:1000, elaborada pela autora (p.76)

Fig. 76 . Planta do programa da proposta de Hipódromo, escala 1:1000, elaborada pela autora (p.77)

Fig. 77 . Desenho conceptual das linhas diretrizes do projeto, elaborado pela autora (p.78)

Fig. 78 . Área do terreno em estudo, Google Earth, 2024 (p.80)

Fig. 79 . Planta da proposta urbana, elaborada pela autora (p.80)

Fig. 80 . Planta de implantação - Centro Hípico, elaborada pela autora (p.82)

Fig. 81 . Planta de implantação - Hipódromo, elaborada pela autora (p.82)

Fig. 82 . Maquete virtual do núcleo do Centro Hípico, elaborada pela autora (p.84)

Fig. 83 . Esquema da relação entre a preexistência e o novo construído (p.84)

Fig. 84 . Cortes do módulo habitacional, elaborados pela autora (p.86)

Fig. 85 . Plantas esquemáticas do módulo habitacional, elaboradas pela autora (p.86)

Fig. 86 . Principais materiais utilizados nos revestimentos interiores (p.86)
Fonte: https://pt.pinterest.com/pin/573505333851524317 (2024)

Fig. 87 . Ambientes interiores da cozinha e zona de estar, elaborados pela autora (p.88)

Fig. 88 . Ambientes interiores do quarto e zona de vestir, elaborados pela autora (p.88)

Fig. 89 . Cortes dos módulos das cavalariças, elaborados pela autora (p.90)

Fig. 90 . Plantas esquemáticas dos módulos das cavalariças, elaboradas pela autora (p.90)

Fig. 91 . Principais materiais utilizados nas cavalariças (p.90)
Fonte: https://pt.pinterest.com/pin/573505333851584690/ (2024)

Fig. 92 . Maquete virtual do núcleo do Hipódromo, elaborada pela autora (p.92)

I. INTRODUÇÃO

I. INTRODUÇÃO

Como amante do mundo equestre e praticante de equitação, desde sempre que houve um carinho especial pela autora no que toca ao contacto e trabalho com os cavalos. Igualmente amante da arquitetura, aproveitou a oportunidade que surgiu de investigar e projetar algo que se inserisse dentro do tema em questão, uma vez que nunca aconteceu ao longo do seu percurso académico.

O desenvolvimento do projeto final de mestrado deve ser constantemente cativador e entusiasmante, por isso juntaram-se estas duas artes, a arquitetura e a arte equestre. Este é um desafio e uma tentativa de interligação das duas matérias artísticas de maneira que se cruzem e complementem. Mais do que a arquitetura do cavalo, é o próprio cavalo que precisa de uma arquitetura, de um território, devidamente pensado e desenhado, à sua medida e escala.

Este trabalho surge, também, como resposta à necessidade de um novo hipódromo municipal. O atual Hipódromo Municipal de Vale Figueira, no concelho de Almada, encontra-se num estado avançado de degradação e com falta de condições de segurança e espaço para continuar a ser utilizado. Com o crescimento do número de atletas dedicados à prática de desportos equestres, como lazer ou competição, e com a evolução na preocupação com o bem-estar dos animais, surge a necessidade de criar um espaço que possua as condições e o programa ideais, em termos funcionais, de organização do espaço, de materialidade e serviços disponibilizados, para realizar eventos e competições a um nível superior, alojar e treinar cavalos, e que seja um ponto de encontro para toda a comunidade equestre desta área. Assim, apresenta-se um projeto de um novo Centro Hípico e Hipódromo.

O principal objetivo é então, a criação de novos espaços otimizados, mais funcionais, mais atrativos, e mais consentâneos com as necessidades e exigências deste tipo de programa, na atualidade. Tais como picadeiros, zonas de preparação dos cavalos, boxes, e zonas de apoio aos cavaleiros, que facilitem a sua utilização, tanto em meio de competição, como em atividades de lazer.

Para além da projeção de novos edifícios e infraestruturas equestres, a proposta apresentada pretende reabilitar os edifícios preexistentes da quinta, de maneira a preservar a sua identidade e memória, e responder às necessidades de um novo programa e uso do espaço.

Por ser uma antiga quinta agrícola, A Quinta Vale do Rosal (1559), é o local ideal para cumprir este objetivo, é uma referência muito importante na zona da Charneca de Caparica, e está situada apenas a 1,9km e na mesma estrada do atual Hipódromo Municipal de Vale Figueira, beneficiando a sua localização e acessibilidade. Tem 33 hectares e todas as condições e o espaço amplo e natural necessário para o treino e tratamento de cavalos. Esta quinta possui quase 500 anos de história, infelizmente desconhecida pela maior parte da população do concelho. Objetiva-se, com base no turismo equestre, revitalizar este local histórico e dinamizar a oferta turística em Almada, elevando-a a um protagonismo nacional, tendo como referência a Sociedade Hípica Portuguesa, a Coudelaria de Alter Real, entre outros.

A localização geográfica do terreno escolhido para a apresentação da proposta também exerceu um poderoso vínculo afetivo, na medida em que se localiza na freguesia onde a autora reside e foi criada uma amizade entre a autora e a família habitante na quinta.

O corpo do PFM organiza-se em três partes principais. A primeira - o enquadramento temático, é dedicada ao estudo da reabilitação, da arquitetura e turismo equestre. Por um lado, aborda as questões gerais de localização e organização de um centro hípico, procura compreender quais as instalações necessárias ao funcionamento do mesmo e, por fim, investiga e estuda casos já existentes. Por outro, aborda o tema da reabilitação e do património, apresentando também dois casos de referência, relacionados com o tema do cavalo.

Na segunda parte - o lugar e o objeto, primeiramente é feita uma análise da envolvente onde se insere o caso de estudo, é estudada a freguesia e a sua relação com o mundo equestre. Posteriormente é feita uma análise ao atual hipódromo municipal, para identificar as suas necessidades e problemáticas, e finalmente, é estudado mais detalhadamente o terreno da quinta e a sua teoria de valor, com apoio da história e memórias.

A terceira parte, é dedicada à proposta de projeto em si. Esta parte abrange todas as questões relacionadas com o lado prático da arquitetura. Começa-se por pensar num programa abrangente a todas as necessidades; de seguida, apresenta-se o projeto para o centro hípico e hipódromo, explicando todo o processo e escolhas tomadas.

Em suma, é forjada uma conexão muito especial e íntima entre os cavalos e as pessoas que os treinam e cuidam deles. O objetivo mais importante é projetar um espaço qualificado que contém e nutre esse relacionamento.

II. ENQUADRAMENTO TEMÁTICO

II.I. O ARQUITETO E O CAVALO

. Ligação entre Arquitetura e o Cavalo

Desde a domesticação do cavalo (cerca de 5500 anos A.C.), que este foi um dos animais mais importantes na história da humanidade. Inicialmente usado na agricultura e meio de locomoção, mais tarde passando a arma de guerra, foi retratado em inúmeras manifestações artísticas conquistando um lugar de relevo junto ao Homem, sendo associado a poder, prestígio e riqueza. Com o passar do tempo e com a evolução da tecnologia, o trabalho desempenhado pelo cavalo foi substituído por máquinas, e a arte de montar a cavalo tornou-se num desporto e atividade de lazer.

Tal como qualquer animal de grande porte, os cavalos precisam de um local destinado a acomodá-los, com certos tipos de parâmetros que devem ser tidos em consideração e devem ser concretizados da melhor maneira possível, para a sua segurança e conforto.

No princípio desta investigação, procura-se perceber a ligação entre a arquitetura e o cavalo. De que maneira os arquitetos se relacionam com este animal, porque o desenham ou porque projetam para ele.

Apreciado por muitos, alguns arquitetos dedicaram uma especial atenção ao cavalo, pela sua elegância e nobreza. Para demonstrar esta ligação, destacam-se dois arquitetos de renome: um que junta a paixão pelo desenho ao seu fascínio pelo animal e o desenha compulsivamente; outro que foi cavaleiro e através das suas memórias manifesta o seu encanto pelo cavalo e arte equestre num conjunto de obras arquitetónicas dedicadas ao mesmo.



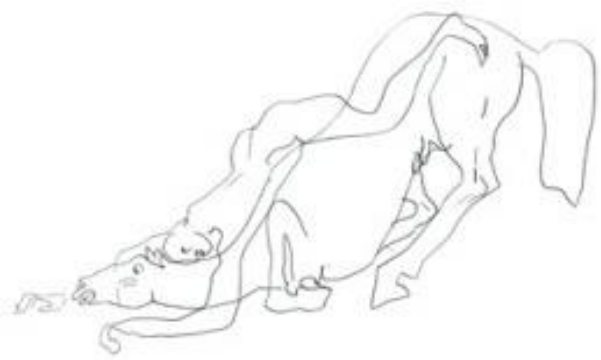


Fig. 3 . *Siza montado a cavalo*, desenho de Álvaro Siza Vieira, 2003

Fig. 4 . *Esquiços ao jantar*, desenho de Álvaro Siza Vieira, 2013

. Álvaro Siza Vieira

"... A culpa é do meu tio Quim que, sem saber desenhar, comprava-me lápis de cor, sentava-me ao seu colo, depois de jantar, e ensinava-me a desenhar cavalos." (SIZA, 2009)

Ao contrário de Barragán (que montava a cavalo) - o arquiteto Álvaro Siza apenas monta em autorretratos, no entanto a temática equestre sempre o fascinou. consagra o seu fascínio pelo animal como o demostra no seu conjunto de desenhos feitos à mão levantada, representando cavalos.

Reúne uma série de desenhos do cavalo, na sua maioria numa interligação com o cavaleiro. Destacando-se dois, nos quais o arquiteto se auto retrata, montado a cavalo, numa intenção de caricaturar o próprio ato.

Os desenhos de Siza, são concebidos em conversas de jantar, onde os temas variam entre homens, cavalos, cavalos com cavaleiros, amazonas com e sem cavalos.

Para o desenhar, traça um fio de linha único, começando por um membro, percorre a coxa, a garupa, a crina até às narinas. Estes traços simples captam o essencial, não tanto pela sua paixão pelo animal, mas pelo próprio desenho.





Fig. 5 . Barragán com a sua égua Ariala, fotografia de René Burii, 1969

Fig. 6 . Barragán (esquerda) durante um evento equestre, fotografia de Armando Portugal, 1960

. Luis Barragán

"Do meu amor à paisagem e aos animais da paisagem, aos cavalos particularmente, saíram estábulos, fontes, que na realidade são bebedouros ou banhos de cavalos; daí saíram os muros que protegem os cavalos." (RIGGEN, 2000, p.119)

Barragán destaca-se de todos os arquitetos no que toca à ligação e paixão pelo cavalo. Cavaleiro por herança de família, é apaixonado pela arte equestre e pelo cavalo, desde os verões que passou no rancho de Corrales, pertencente à sua família (TEIXEIRA, 1995). Comparando-o a Siza, Barragán não se ficou apenas por uma relação através do desenho, ele montava a cavalo e tinha uma relação mais próxima com o mesmo.

Vários dos seus projetos carregam atmosferas muito próprias, do mundo equestre que sempre o atraiu, desde a sua infância (TEIXEIRA, 1995). A sua obra é autobiográfica e os projetos materializam essa nostalgia no mundo contemporâneo.

Alguns dos seus projetos apresentam-nos esta devoção ao cavalo e justificam muitas das suas atitudes nos trabalhos elaborados. O arquiteto fala-nos de uma arquitetura para os cavalos, e não para o Homem. A partir deste pressuposto, constrói-se assim, o projeto das cavalariças de San Cristóbal, no México, um projeto de 1964. Trata-se de um regresso às origens de Barragán, remete-nos para uma arquitetura ideal, onde o arquiteto trabalha o espaço de forma a enquadrar a escala do cavalo e do ser humano e retrata esse auge da paixão pelas atividades equestres.



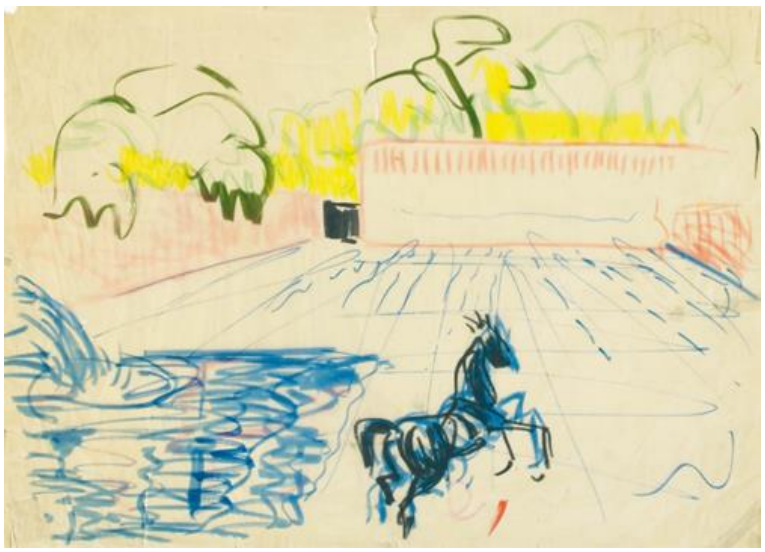


Fig. 7 . Casa Mirante, fotografia de Rafael Gamo, 2013

Fig. 8 . Esquiço de perspetiva das Cavalariças San Cristóbal, Barragán, 1966

II.II. ARQUITETURA EQUESTRE

. Arquitetura a Duas Escalas - Homem e Cavalo

Para além da experiência no mundo da equitação ser uma grande vantagem num projeto de arquitetura equestre, há uma lista de aspetos importantes a ter em atenção.

Os cavalos são animais com uma esperança média de vida de 25 a 30 anos, por este motivo, podem permanecer numa instalação específica durante vários anos, senão décadas, por isso precisam de um espaço onde possam viver todo este tempo confortavelmente. Para o seu maior conforto, é necessário ter conhecimentos sobre os seus comportamentos e necessidades. Originalmente, o cavalo é um animal gregário que vive em liberdade. Necessita de ar puro, interação social, tranquilidade e um ambiente estimulante e agradável.

Um centro hípico deve ser um lugar limpo, arejado e luminoso; confortável para os cavaleiros e cavalos. Os principais aspetos a ter em conta são:

Espaço: tanto os cavalos como os seus tratadores e cavaleiros precisam de bastante espaço, é necessário projetar zonas cobertas para boxes, salas de arreios e equipamentos, armazenamento de feno, aparas e ração. Parte desse espaço coberto pode estar dividido em edifícios separados.

Segurança: deve ser uma consideração primária no projeto de um centro hípico, para o cavalo e para o Homem. O conforto para o cavalo é muito importante, assim como a conveniência para o tratador na execução de tarefas associadas ao bem estra do animal. É necessário eliminar as arestas e saliências perigosas e fornecer espaço suficiente para permitir a passagem segura do cavalo e do cavaleiro através de portas, portões e corredores.

Pé direito: tetos baixos interferem na ventilação, tornam o ambiente escuro e representam um risco à segurança de pessoas e cavalos. As alturas de pé direito comuns são de 3 a 3,70 metros para estábulos e de 5 a 5,50 metros para áreas de trabalho em equitação. Um teto baixo não só inibe a circulação de ar, mas também aumenta as probabilidades de um cavalo bater com a cabeça se se assustar.

Boa ventilação: A falta de controlo de humidade, temperatura e odor pode ser um grande problema em estábulos de equinos. A ventilação minimiza a acumulação de humidade durante o tempo frio e ajuda na remoção de odores. A opção de fornecer grandes aberturas nas cavalariças ou no picadeiro ajudará na remoção de calor durante o tempo mais quente.

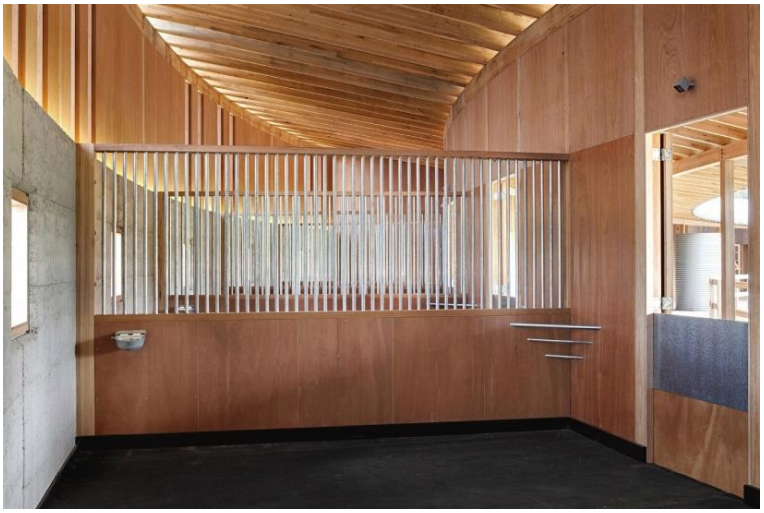




Fig. 9 . Box no Centro Equestre Merricks, 2014

Fig. 10 . Boxes nas Cavalariças de polo Figueras, fotografia de Daniela McAdden, 2017

. Segurança e Conforto

A condição mais importante para qualquer edifício que abrigue seres vivos é a ventilação, especialmente, os edifícios equestres. A ventilação natural é obtida simplesmente fornecendo aberturas suficientes no edifício para que se realize a troca de ar, para que o ar fresco possa entrar e o ar quente sair. Existem maneiras de fornecer a cada cavalo acesso a ar fresco permanentemente.

O vento e a flutuabilidade térmica são as forças naturais que impulsionam a ventilação natural. Para a obter, são necessárias pelo menos duas aberturas cruzadas. Cada box deve ter acesso direto a aberturas de ar fresco. Uma diretriz é fornecer a cada cavalo o equivalente a pelo menos 30cm2 de abertura para permitir a ventilação mesmo durante o clima mais frio.

Para além das paredes exteriores, as paredes divisórias das boxes também podem melhorar bastante o movimento de ventilação, ao fornecer aberturas para o ar fluir entre todas as boxes. Um gradeamento aberto na parte superior das divisórias frontais e laterais é altamente recomendado em vez de divisões sólidas. Mais do que ventilação, permite que os cavalos se vejam e tenham companhia, o que é importante para este animal social, para além de que são menos propensos a ficar entediados e desenvolver maus hábitos. Também melhoram a gestão do estábulo, permitindo que o tratador veja os cavalos de quase qualquer lugar.

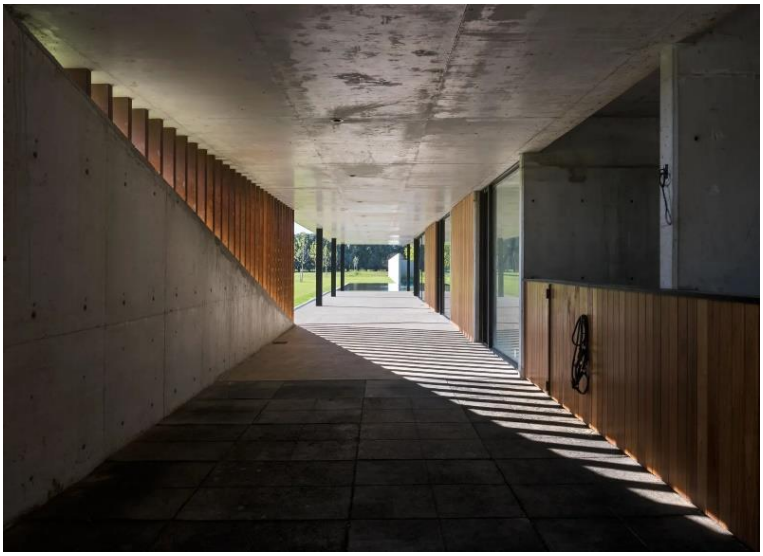




Fig. 11 . Cavalariças de polo Figueras, fotografia de Daniela McAdden, 2017

Fig. 12 . Detalhes das boxes, fotografia de Daniela McAdden, 2017

A segurança dos cavalos começa no piso onde vão trabalhar: os picadeiros são um ponto bastante importante no trabalho diário dos animais, uma vez que um mau piso pode gerar lesões graves. O piso deve ser um material macio, mas não escorregadio, fácil de compactar, mas que não fique demasiado duro. Há pistas de vários tipos de material: areia, areia e sal, areia e aglomerados de feltro ou papel, relva natural, entre outros.

O piso é mais do que a superfície superior sobre a qual o cavalo está. Um piso construído adequadamente tem camadas de materiais que fornecem suporte adequado, drenagem e integridade estrutural para a camada superficial superior.

Nas instalações e terreno em geral é fundamental ter um bom sistema de drenagem de líquidos. Os terrenos com muita humidade ou águas paradas têm maior propensão ao desenvolvimento de fungos e bactérias prejudiciais à saúde. É fundamental garantir a higiene e a limpeza das instalações, evitando a formação de lama e poeira nas áreas de atividades e circulação dos cavalos. Isso requer uma seleção cuidadosa dos pavimentos, a implementação de sistemas eficientes de drenagem e irrigação, além da sua manutenção frequente.

Nas zonas de lavagem e de circulação, deve-se optar por um pavimento antiderrapante para os cavalos não escorregarem.





Fig. 13 . Campo de polo, fotografia de Daniela McAdden, 2017

Fig. 14 . Espelho de água, fotografia de Daniela McAdden, 2017

CASOS DE REFERÊNCIA - Arquitetura Equestre

. Cavalariças de Polo Figueras - Estudio Ramos - 2017

Situadas em La Pampa, perto de Buenos Aires, Argentina, estas cavalariças foram projetadas em 2017 pelo atelier Estudio Ramos, para um jogador profissional de polo.

O arquiteto Juan Ignacio Ramos, inspirou-se na paisagem para realizar este projeto: as Pampas, planícies da Argentina, são conhecidas pelas suas linhas vastas e planas. Ramos inspirou-se nessa horizontalidade para as estruturas construídas.

Quando se percorre a zona das Pampas, há uma sensação forte de uma horizontalidade infinita. O poeta Atahualpa Yupanqui refere-se à paisagem como serena e pensativa. Este projeto, com a sua horizontalidade pronunciada e simplicidade de elementos, tenta fazer uma referência a esses temas. A água é usada para unir e articular todos os espaços, para além de também criar uma atmosfera serena.





Fig. 15 . Zonas sociais, fotografia de Daniela McAdden, 2017

Fig. 16 . Cavalariças de polo Figueras à noite, fotografia de Daniela McAdden, 2017

Ramos também expressa uma sensibilidade moderna, com a monumentalidade geométrica de Mies Van der Rohe, o uso da água de Luis Barragán, e o trabalho em betão de Tadao Ando. O resultado é uma construção escultural, que serve tanto uma função estética, como funcional, pois alberga 44 cavalos, os seus treinadores e tratadores, e um campo de polo.

O edifício é constituído por cavalariças destinadas a cavalos de polo. É composto por dois volumes longos, e paredes portantes que quando articuladas, criam diversos espaços e ambientes. O piso térreo está dividido em duas partes, distinguidas pelas suas funções. Uma parte é de uso social e tem vista para o campo de polo, a outra parte, virada para as traseiras da propriedade, é constituída pelas zonas técnicas e habitação de tratadores.

Os volumes virados para o campo estão parcialmente escondidos por paredes e taludes de terra, que não só dão privacidade aos estábulos, como também reduzem o impacto do edifício na paisagem. Apenas é revelada a parte central do edifício, onde se encontra a zona de água.

A cobertura de betão, transforma-se numa cobertura verde, com plantas nativas da região, acessível pelos taludes de terra, onde também é possível observar os treinos e jogos de polo. Materiais simples como betão e madeiras locais são utilizados em todo o projeto.





Fig. 17 . Cavalariças San Cristóbal, fotografia de Kevin Scott, 2018

Fig. 18 . Casa Egerstrom, Cavalariças San Cristóbal

. Cavalariças de San Cristóbal - Luis Barragán - 1967-1968

As cavalariças de San Cristóbal e a casa Egerstrom são um conjunto integrado no núcleo urbano Los Clubes, exclusivo para os amantes de cavalos, na Cidade do México. Foi projetado pelo arquiteto Luis Barragán, com a colaboração de Andrés Casillas, e construído entre 1967 e 1968. Este espaço foi projetado para a família Egerstrom, destinado à prática da equitação.

Barragán sempre acreditou numa arquitetura emocional, para ele era muito importante que a arquitetura comova pela sua beleza. A sua arquitetura carregada de simbolismo, cria espaços que não existem noutro lugar, move-se através da água, da abstração geométrica dos planos e da cor. Estas cavalariças são um símbolo de serenidade e tranquilidade.

Para o arquiteto, amante dos cavalos, este animal representa simbolicamente um aspeto da humanidade e soube expressar esta ideia de forma evidente em Los Clubes, o que se torna difícil no campo da arquitetura devido à natureza do conceito. As cores vermelhas, rosas e lilás são reservadas para o âmbito do cavalo, enquanto a área humana foi pintada com uma cor creme neutra.





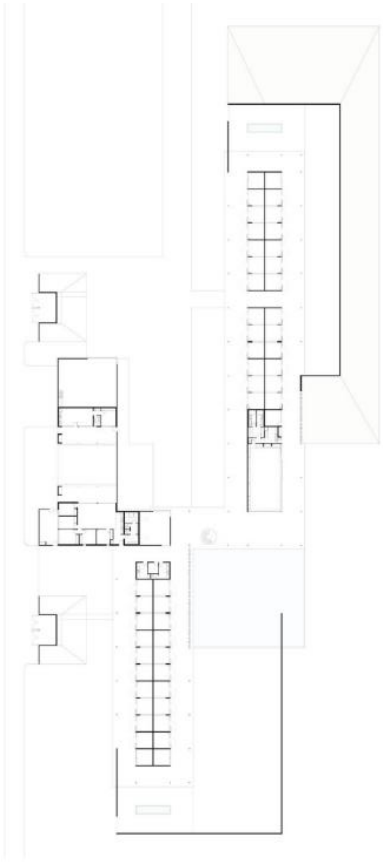
Fig. 19 . Espelho de água, fotografia de Kevin Scott, 2018

Fig. 20 . Cavalariças San Cristóbal, 2019

Há uma fluidez que é abraçada e promovida no projeto, a ideia de que linhas geométricas minimalistas podem ser dominadas pela imaginação, ou suavizadas com o uso de cores e texturas, não restringidas por materiais de construção genéricos, mas aproveitando o poder dos elementos água e terra.

As cavalariças são compostas por 12 boxes, zonas de limpeza dos cavalos e armazenamento. O limite norte do complexo é fechado pela imponente fachada do celeiro. Esta é pintada de rosa e ladeada por uma parede inferior roxa, com um portão metálico da mesma cor. Duas fendas verticais na fachada rosa fornecem ventilação para o feno.

A água da fonte, as lajes irregulares na zona de água, as superfícies ocres de taipa e as extensões verdes de relva e pasto são combinadas numa justaposição de textura, forma, cor e som. Juntos, transformam os espaços ao ar livre das Cavalariças de San Cristóbal num cenário para os seus habitantes.





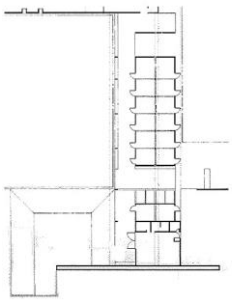




Fig. 21 . Planta do piso térreo das Cavalariças de Polo Figueras | Fig. 22 . Fonte, 2017

Fig. 23 . Planta do piso térreo das Cavalariças San Cristóbal | Fig. 24 . Fonte e espaço de água, 2018

SÍNTESE CONCLUSIVA

No âmbito deste trabalho, é essencial, realizar uma abordagem a casos exemplares de projetos desenvolvidos, não apenas para a escala do homem, mas também para a escala do cavalo. Na seleção das obras, os casos escolhidos destacam-se, essencialmente, por um mesmo programa onde o cavalo tem um papel de prestígio, e pela cuidada intervenção no lugar e na paisagem.

Cada espaço nestes projetos lineares, flui de forma contínua e voluntária para o próximo, auxiliado por estruturas abstratas e uso de água e de elementos naturais para conectar zonas de outra forma separadas. Esse uso da água como um dispositivo de continuidade é uma maneira magistral de trazer uma sensação de calma e adicionar uma textura em constante mudança e força vital ao terreno. Para além da estética, a água também é um elemento funcional na medida em que age como uma barreira sonora e um espaço refrescante para os cavalos.

São ambos projetos feitos através de uma arquitetura emocional e sensorial, espaços projetados de maneira a transmitirem sensações de serenidade, calma e paz, criados por linhas simples horizontais, materiais simples e água.

Observando a organização do espaço, ambos optam por ter duas fileiras de boxes juntas, e corredores exteriores à sua volta, para que todos os cavalos tenham acesso e visibilidade para o exterior.

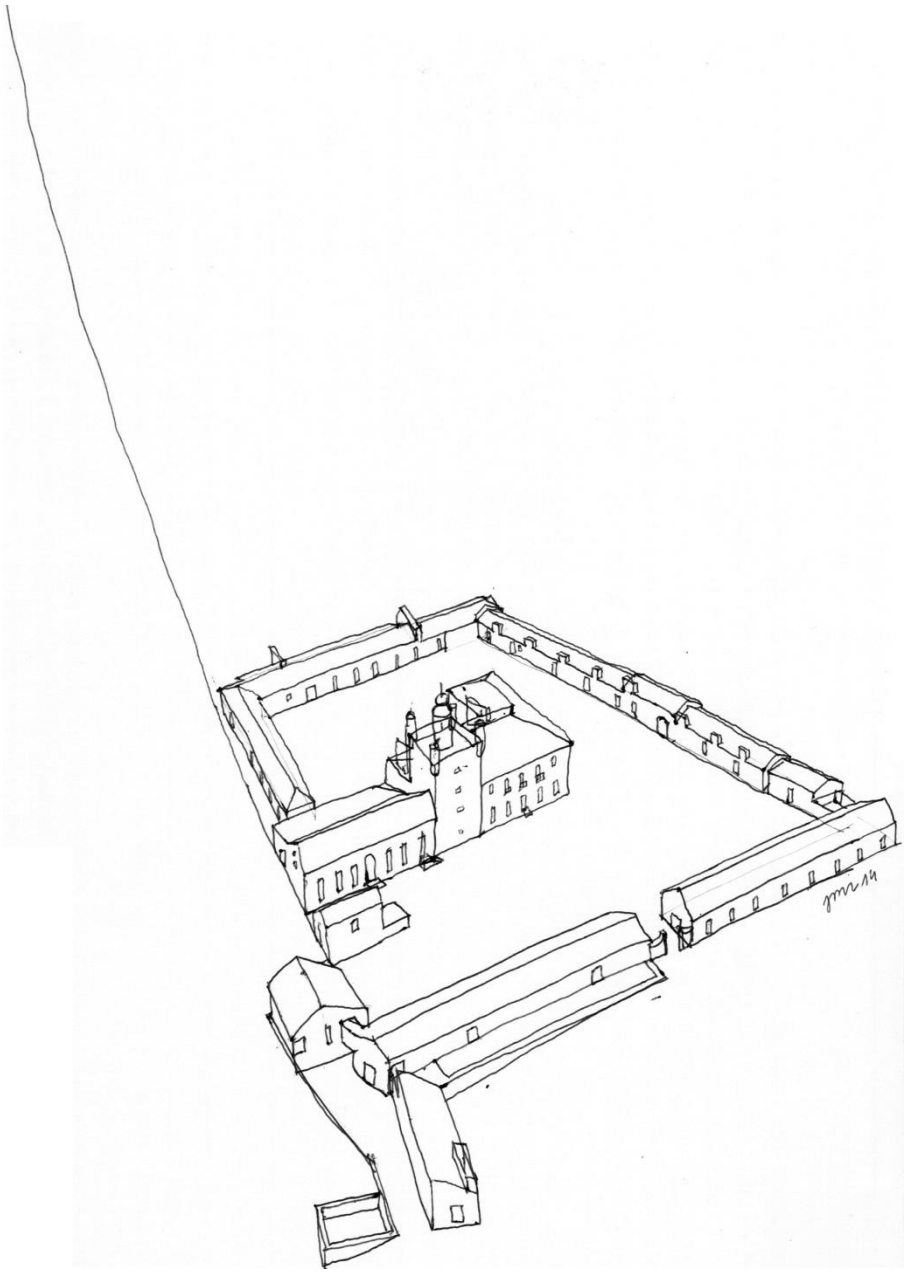


Fig. 25 . Herdade de Torre de Palma, desenho de João Mendes Ribeiro, 2014

II.III. REABILITAÇÃO E PATRIMÓNIO

A reabilitação é um tema recorrente na discussão atual de arquitetura. Para tal, contribuem fatores como o desenvolvimento do conceito de património. O património, a memória e identidade são conceitos que se complementam e têm uma relação de ambivalência. O património vincula-se à ideia de identidade e fomenta a memória. Conceitos como restauro, conservação ou renovação, ainda que não incompatíveis, pertencem ao universo da reabilitação e podem confundir-se com esta até certo ponto.

"Património é o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica. A identificação e a especificação do património é, portanto, um processo relacionado com a seleção de valores." (BLANCO cit. por NETO, 2002, p. 98).

A questão da intervenção em edifícios antigos só se pôs, como problema cultural, a partir da segunda metade do século XVIII, ou seja, foi contemporânea da noção de património histórico. Todas as hipóteses de intervenção se puseram desde o início: introduzir o novo no antigo; não tocar no antigo (ideia característica do romantismo); reconstruir o antigo de acordo com a arqueologia e a história; recriar o antigo (COSTA, 2002).

A realidade da arquitetura contemporânea passa cada vez mais pela recuperação e reconversão de edifícios, para isso, é necessário encontrar uma estratégia que reconheça valores, recupere relações e permita um desenvolvimento diferente, quer de centros históricos ao abandono (PAIVA, AGUIAR, e PINHO 2006) quer do nosso meio dito rural (DOMINGUES 2012). As teorias de intervenção no património foram importantes para a evolução e concretização dos conceitos e, embora nem sempre corretas, preservaram a memória de muitos edifícios até hoje (AGUIAR, 2002).





Fig. 26 . Abegoaria em estado de quase ruína, circa 2010

Fig. 27 . Abegoaria atualmente, fotografia da autora, 2024

CASOS DE REFERÊNCIA - Reabilitação

. Abegoaria do Parque da Pena, Sintra - Hugo Farias e Alexandra Alegre - 2013

Inaugurada no Parque da Pena em junho de 2013, esta reabilitação teve como objetivo a reconversão do edifício da antiga abegoaria (séc. XIX) para servir um programa de receção e acolhimento aos visitantes desta zona do parque, e de um novo centro equestre, albergando um conjunto de boxes de cavalos e espaços de apoio.

A necessidade de espaços para alojamento de cavalos surgiu com o protocolo assinado com a Companhia das Lezírias, para a oferta de programas de passeios a cavalo, durante vários dias, em antigas propriedades reais: Lezírias, Mafra e Pena. Quando, em 2010, por iniciativa da empresa Parques de Sintra - Monte da Lua, se iniciou o processo de reabilitação deste conjunto, o edificado encontrava-se em avançado estado de degradação, em consequência do seu abandono, vandalismo e do incêndio que sofreu em 1999.





Fig. 28 . Vista superior das cavalariças, 2013

Fig. 29 . Cavalariças do Parque da Pena, fotografia da autora, 2024

Após a demolição do edifício adicionado à fachada posterior durante o século XX, a primeira intervenção foi de remoção de todos os elementos construídos que colocavam em causa a autenticidade do edifício. Seguidamente, realizou-se a reconstrução e reabilitação do edifício da abegoaria de modo a restabelecer e potenciar a sua imagem e identidade, acolhendo os espaços mais representativos do programa de usos: entrada e receção, sala polivalente, sala de reuniões e espaço para estacionamento de *charretes*.

Para a resolução do programa de usos ligado ao centro equestre – boxes para cavalos, veterinário, ferrador e espaços complementares, optou-se por construir um novo corpo localizado a nascente do edifício da abegoaria, encastrado na encosta existente e desenhando um espaço-canal que estabelece uma rua entre as duas edificações.

O novo edifício é uma caixa paralelepipédica em betão armado, abrindo todos os seus compartimentos para poente, sobre a abegoaria, e deixando entrar luz e ventilação superiormente, através de claraboias recortadas na cobertura ajardinada.

Em complemento aos elementos em betão, os vãos (portas e portões das boxes) constroem-se com uma estrutura em aço e preenchimento em elementos de madeira maciça.





Fig. 30 . Edifício principal da Herdade de Torre de Palma, fotografia de Eduardo Nascimento, 2014

Fig. 31 . Novas construções, fotografia de Eduardo Nascimento, 2014

. Herdade de Torre de Palma, Monforte - João Mendes Ribeiro - 2014

A Herdade de Torre de Palma, com origens que remontam ao ano de 1338, é atualmente o Torre de Palma Wine Hotel, criado em 2014 e inspirado no modo de vida da distinta família Basilii (antigos habitantes das ruínas romanas de Torre de Palma) e nas tradições alentejanas.

Para além de hotel, aqui é possível descobrir a raça de cavalos Lusitana, passear a cavalo pelo campo ou experimentar aulas de equitação. Em determinados períodos existem raides Equestres Torre de Palma e campos de férias com os parceiros: Paulo Caetano Internacional, Coudelaria de Alter, Federação Equestre Portuguesa.

O projeto de Wine Hotel na herdade contempla tanto a recuperação e reabilitação de edifícios preexistentes como a construção de um novo conjunto de edifícios, baseada em gestos claros, precisos e sensíveis às características do lugar (NEVES, 2017). Na reabilitação das estruturas preexistentes, a configuração geral de cada edifício é preservada, alterando-se apenas a sua organização espacial interior, intervindo pontualmente em elementos como aberturas de novos vãos. A capela localizada na propriedade preservou as suas características arquitetónicas originais, sendo apenas construído um novo átrio exterior.

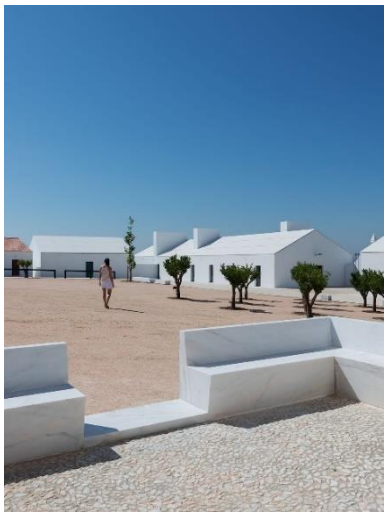




Fig. 32 . Materialidades, fotografia de Eduardo Nascimento, 2014

Fig. 33 . Herdade de Torre de Palma, fotografia de Eduardo Nascimento, 2014

O programa do hotel desenvolve-se no pátio central onde se funde o contemporâneo com o tradicional numa perfeita harmonia. A casa principal assume um espaço de receção e administração no piso térreo, ficando o piso superior reservado para os proprietários da quinta. O antigo celeiro acolhe um spa e áreas de quartos distribuídas por dois pisos. Espaços como as antigas cavalariças são agora substituídos por uma área social e de lazer, assim como as antigas oficinas e habitações de antigos funcionários são adaptados para acolher uma zona destinada a quartos.

Nos novos edifícios, este projeto contempla duas variáveis: edifícios que foram implantados fora do núcleo original e edifícios que substituem antigas construções - degradadas e sem interesse patrimonial.

Estes novos edifícios são compostos pela adega da herdade, um restaurante e uma casa destinada aos funcionários da quinta. Foram implantados no lugar de antigas construções e espelham a memória das mesmas. Para unir todos os edifícios do conjunto, optou-se pela escolha de saibro compactado como pavimento no interior do núcleo.





Fig. 34 . Continuidade e contraste, fotografia de Eduardo Nascimento, 2014

Fig. 35 . Continuidade e contraste, fotografia da autora, 2024

SÍNTESE CONCLUSIVA

Após a análise destes dois casos de referência de reabilitações de edifícios com programas de turismo equestre, é possível salientar parâmetros relevantes para o desenvolvimento do presente projeto.

Em termos patrimoniais, ambos os projetos de intervenção estudados tiveram especial atenção à coerência global do conjunto, às opções construtivas, à escolha e integração das infraestruturas e à tipologia dos materiais selecionados e dos suportes identificativos e de sinalética. Ambos preservaram a memória do local, ainda que o uso tenha mudado.

Torna-se pertinente uma reflecção particular sobre a Herdade Torre da Palma pelas suas condicionantes iniciais, semelhantes às que se encontram na Quinta de Vale do Rosal. O projeto desenvolve-se baseado em preexistências, onde se destaca a casa principal e as dependências de construções agrárias envolventes. No entanto, estas são também acompanhadas pela construção de novo edificado, de forma a melhor acolher o programa definido.

II.IV. TURISMO EQUESTRE

O turismo equestre é uma das vertentes inseridas no turismo de natureza. O turismo de natureza define-se como percursos que as pessoas realizam para experimentar o contacto com o meio natural e para usufruir da prática de atividades ao ar livre e do prazer de contemplar a beleza das paisagens e da natureza, de acordo com Licínio Cunha, professor na Universidade Lusófona e um dos especialistas em Portugal (2006).

Ao contrário de outros tipos de turismo, é relativamente recente, começando a ganhar importância nas últimas décadas do séc. XX. No entanto, a sua implantação e o seu crescimento foram rápidos e, nas primeiras décadas do séc. XXI, tem apresentado um crescimento médio na ordem dos 7% ao ano, uma vez que permite o encontro com a autenticidade tão desejada por uma grande percentagem dos turistas atuais e de residentes, que procuram uma experiência única (CUNHA, 2011).

Não é surpreendente que surjam cada vez mais projetos e ofertas turísticas neste tipo de turismo, uma vez que as novas gerações estão cada vez mais envolvidas na promoção do respeito pelo ambiente, e existe uma crescente consciência de que urge preservar a natureza.

Segundo o Estudo para Desenvolvimento de Produtos Turísticos em Portugal (2012), existe atualmente o designado Turismo de Natureza Especializado que procura promover a prática mais especializada de desportos e de hobbies da natureza, em particular, procurando responder a todo o tipo de situações a que todos tenham motivo para desejarem experimentar o turismo de natureza. Desde as caminhadas, o BTT, escalada e hipismo.

Naturalmente, por isso, o turismo equestre ocupa lugar de relevo nesta crescente especialização, devido ao seu potencial, apresentado uma multiplicidade de ofertas. Por outro lado, segundo a entidade Turismo de Portugal (2012), existem cerca de 6,4 milhões de praticantes de equitação em toda a Europa e, por isso, potenciais clientes do turismo de natureza, nesta vertente mais especializada.

A Associação Nacional de Turismo Equestre (ANTE) foi criada em 1996 e é a entidade responsável pela promoção turística de Portugal em todos os mercados externos e pela informação aos turistas sobre a disponibilidade de serviços equestres (ver anexo III).

O Turismo Equestre define-se como a atividade turística oferecida comercialmente, onde o equino representa o meio de transporte e um dos principais atrativos, de acordo com a Organização Mundial de Turismo Equestre (OMTE). Originalmente criada em França, em 1985, esta atividade tinha como objetivos desenvolver o ensino do cavalo, dar autonomia aos participantes e promover a segurança nos passeios a cavalo. Nos dias de hoje, o turismo equestre é reconhecido como um forte segmento de mercado turístico. Segundo o Turismo de Portugal (2012), os passeios a cavalo são uma atividade com 6,4 milhões de praticantes em toda a Europa, perfeitamente adaptável e transversal a todos os públicos-alvo.

Este tipo de turismo pode dividir-se em duas vertentes: turismo a cavalo, em que a realização de atividades é feita com o cavalo como meio de locomoção, tais como passeios, estágios e prática de equitação de lazer; e turismo do cavalo onde a motivação é a vontade de conhecer o mundo equestre, através de atividades culturais, museus, manifestações desportivas e feiras.

Com uma tradição equestre centenária e um clima mediterrâneo ideal para atividades ao ar livre, Portugal reúne características únicas que favorecem o desenvolvimento desta vertente, entre as quais:

- Quatro raças autóctones portuguesas: o Puro-Sangue Lusitano, o Garrano, o Sorraia e o Pónei da Terceira, além do reconhecimento nacional e internacional de que o cavalo Lusitano é o cavalo de sela mais antigo da Humanidade;

- História, cultura e tradição aliadas a uma arte equestre ligada ao cavalo e à prática equestre;

- Um clima mediterrânico, ameno, ideal para a prática de atividades ao ar livre e estruturas de acolhimento ímpares.

No sentido de distinguir os seus associados, foi criado o selo de qualidade ANTE, que se destina aos membros que cumpram os requisitos estabelecidos pela Associação Nacional de Turismo Equestre. Um dos membros associados com o selo de qualidade ANTE é o Torre de Palma Wine Hotel, um dos casos de referência deste projeto.

III. O LUGAR E O OBJETO

"Hoje, no entanto, esta região, justamente chamada a Charneca, está pontilhada de pequenas casas rurais brancas e agradáveis escondidas nas dobras do terreno ou expostas nas encostas arredondadas das colinas.

Entre elas, a fazenda de Val de Rosal conservava, graças aos seus edifícios mais imponentes e sobretudo às suas tradições veneráveis, uma superioridade que não se sonharia contestar.

Não se encontravam nem belezas arquitetónicas, nem qualquer outra maravilha de arte. Mas tudo respirava piedade e recordava as virtudes heroicas dos nossos mártires."

Luís Gonzaga de Azevedo, Luís Gonzaga Cabral, *pref., Proscritos, Valladolid: Florencio de Lara*, Editor, 1911-1914

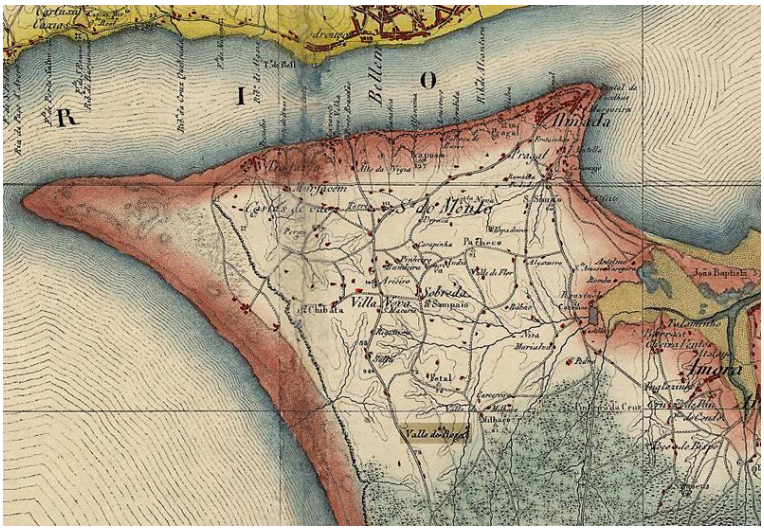




Fig. 36 . Carta corográfica dos terrenos em volta de Lisboa (detalhe), 1814

Fig. 37 . Localização da Quinta Vale do Rosal, Google Earth, 2024

III.I. ENVOLVENTE – ANÁLISE E ENQUADRAMENTO

. União de Freguesias da Charneca de Caparica e Sobreda

A Freguesia da Charneca de Caparica foi criada no dia 4 de outubro de 1985. Foi a maior freguesia do concelho de Almada e uma das mais populosas, ocupando cerca de 35% da área do município. Para além da sua enorme área urbana, constitui património inestimável desta freguesia a área protegida da Arriba Fóssil e a Mata Nacional dos Medos.

Devido às suas origens de características rurais e pouco povoada, constituída por pinhais, matas, silvados e areais, não é rica em monumentos nem factos históricos.

A menção histórica mais antiga da Charneca de Caparica está relacionada ao Convento da Cela Nova, posteriormente denominado Nossa Senhora da Rosa. Tendo restado dele apenas a memória e algumas ruínas. Outra referência importante é a Quinta Vale do Rosal, com quase 500 anos, e onde foi erguido em 1659 um cruzeiro em memória do Padre Inácio de Azevedo e os quarenta mártires.

A Freguesia da Sobreda foi igualmente criada no dia 4 de outubro de 1985. O atual território da Sobreda foi, em tempos, zona rural dedicada à agricultura e, essencialmente, ao cultivo da vinha. Por este motivo, é possível encontrar ainda muitas referências na toponímia a várias quintas entretanto desaparecidas. Entre as várias quintas, algumas destacam-se por preservar elementos que lembram sua função original como unidades de produção agrícola, além de atualmente servirem também como espaços de lazer e recreio, e de prática de equitação.

É possível considerar que a Sobreda se caracteriza por um conjunto de antigas quintas, algumas das quais referenciadas desde os séculos XVII e XVIII.

Em 2013, no âmbito de uma reforma administrativa nacional, foi constituída a União de Freguesias da Charneca de Caparica e Sobreda com sede na Charneca de Caparica. Tem atualmente cerca de 48 733 habitantes. Localizada no concelho de Almada e área metropolitana de Lisboa, é uma freguesia extremamente bem localizada e privilegiada, pois encontra-se perto de centros urbanos e ao mesmo tempo ainda preserva o seu lado rural.





Fig. 38 . Palco do júri do Festival Hípico da Sobreda, 2019

Fig. 39 . Provas de obstáculos, 2018

. Festival Hípico da Sobreda e Hipódromo Municipal

A União de Freguesias da Charneca de Caparica e Sobreda, realiza desde 1989, o Festival Hípico da Sobreda, por onde já passaram alguns nomes importantes do hipismo nacional.

Devido ao elevado número de quintas antigas existentes neste território, foram criadas várias escolas de equitação que tiravam partido do espaço amplo e das condições rurais e favoráveis que estas quintas já ofereciam.

Atualmente existem seis centros hípicos nesta freguesia e mais quatro em freguesias adjacentes, também pertencentes ao concelho de Almada. No total são 10 escolas de equitação frequentadas por centenas de alunos de várias faixas etárias, onde é possível aprender a montar e a tratar de cavalos, mas também usufruir das terapias de reabilitação associadas à prática equestre.

O Festival Hípico da Sobreda, onde todas as escolas se juntam e competem num conjunto de provas de obstáculos, é realizado anualmente no verão, no Hipódromo Municipal de Vale Figueira.



Fig. 40 . Hipódromo Municipal | Fig. 41 . Zona de preparação dos cavalos

Fig. 42 . Acesso à zona de estacionamento | Fig. 43 . Instalações sanitárias e depósito

fotografias da autora, 2024

Para além do Festival Hípico, o Hipódromo Municipal acolhe treinos, provas de qualificação e avaliações que as escolas de equitação e centros hípicos pretendam desenvolver.

Porém, já não é seguro nem viável a continuação do uso deste espaço para qualquer atividade. É um local que se encontra degradado, não sendo seguro para o cavalo, para o cavaleiro ou para os espectadores (ver anexo VI). Estão em faltam várias estruturas de apoio, como instalações sanitárias, balneários, tribunas, picadeiro de aquecimento, zona de restauração, ente outros. Com o aumento da procura da aprendizagem da arte equestre, cada vez há mais alunos a participar no festival, por este motivo, há igualmente mais cavalos, no entanto, não existe espaço para preparação dos mesmos, para os camiões e atrelados de transporte. Não existem tribunas para os espectadores verem as provas, tornando-se uma experiência desconfortável para todos.

Assim, propõe-se, através deste trabalho, um projeto de hipódromo com as melhores condições, tanto para o cavalo como para o homem.





Fig. 44 . Comparação entre a área do terreno da Quinta e a área do Hipódromo, Google Earth, 2023

Fig. 45 . Fotografia aérea do terreno da Quinta Vale do Rosal, Google Earth, 2023

III.II. QUINTA VALE DO ROSAL

. O Sítio

Na freguesia da Charneca de Caparica e da Sobreda, mais precisamente entre Vale Figueira e Vale Rosal, encontra-se um conjunto de 3 quintas centenárias, a Quinta Vale do Rosal, a Quinta da Carcereira e a Quinta de Cima. A última encontra-se abandonada e em estado de degradação, as outras continuam habitadas e foram recuperadas ao longo dos anos pelas famílias que as passam de geração em geração.

Apenas a 1,9 quilómetros e na mesma via do atual Hipódromo Municipal, situa-se a extensa propriedade da Quinta Vale do Rosal com aproximadamente 33 hectares. Este terreno já teve uma dimensão ainda maior, porém, devido à falta de proteção do local como sítio histórico e património, a área total da quinta foi cortada por duas vias, sendo uma delas a autoestrada A33, concluída em 2012 que, para além de cortar o terreno numa zona quase tangente ao edificado preexistente, aumentou o ruído e visualmente manchou a parte natural desta zona da propriedade. Por outro lado, melhorou a acessibilidade, sendo mais fácil e direto o acesso à quinta com camiões e atrelados.





Fig. 46 . Terreno da quinta antes da construção da A33, ortofotomapa, 2007

Fig. 47 . Terreno da quinta após a construção da A33, ortofotomapa, 2018

O terreno trata-se de uma área maioritariamente florestal repleta de pinheiros, acácias e vegetação mais baixa. Existe uma linha de água que acompanha longitudinalmente o terreno em causa. O ponto mais elevado está localizado na zona sul, onde se encontra um cruzeiro no Monte da Cruz.

O Monte da Cruz é um outeiro onde foi erguida uma imponente cruz de pedra do século XVII, lembrando às gerações futuras aqueles que foram martirizados e mortos no ano 1570. O cruzeiro foi colocado neste Monte, local onde outrora existira uma das cinco cruzes de madeira que faziam parte do caminho que os religiosos jesuítas percorriam em oração, estendendo-se aos dias de hoje.

De acordo com o PDM, (ver anexo IV) grande parte deste terreno é classificado como REN – Reserva Ecológica Nacional, ou seja, pelo seu valor e sensibilidade ecológicos, é objeto de proteção especial. É uma zona à qual se aplica um regime territorial que estabelece um conjunto de condicionamentos à ocupação, uso e transformação do solo. Segundo a lista de condicionamentos da REN, poderá haver lugar para instalações de recreio e lazer, por exemplo picadeiros, e estruturas de apoio aos mesmos.



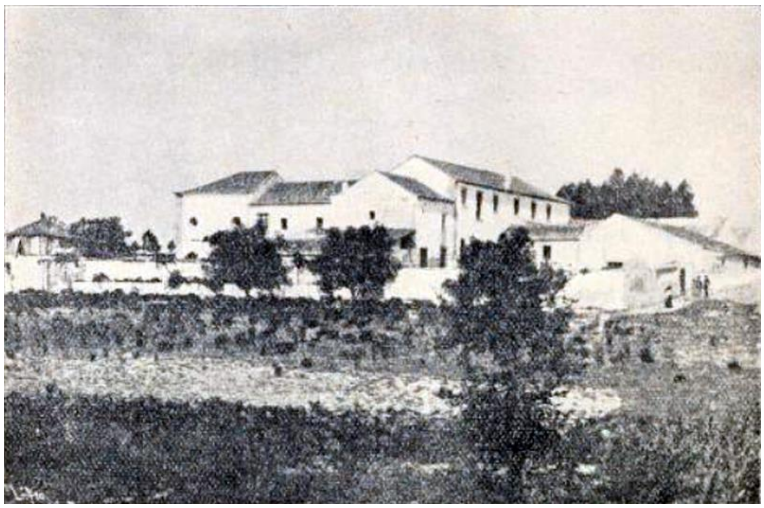


Fig. 48 . Atividades equestres na quinta (s/ data)

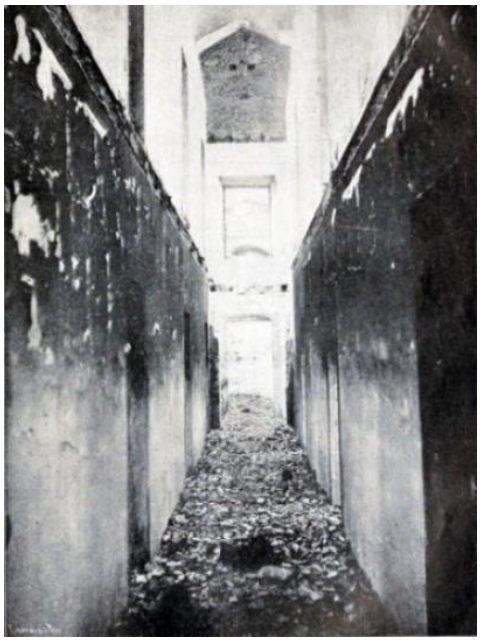
Fig. 49 . Quinta Vale do Rosal antes de 4 de outubro de 1910

. A história

Por volta de 1559, os padres da Companhia de Jesus do Colégio de Santo Antão, de Lisboa, adquirem terras de mato no limite da freguesia de Caparica.

É nestas terras que os padres jesuítas constroem uma casa ampla e utilizam outros casebres já existentes. Constroem um dormitório com 12 celas e uma capela (cujos azulejos datavam de 1568) com três altares. O retábulo do altar-mor, de madeira, terminado em 1566, representava a Assunção da Virgem. Inicialmente esta propriedade foi destinada ao santo retiro espiritual dos padres e à recuperação dos seus doentes.

No ano de 1570, para evitar os perigos da peste em Lisboa, o Padre Dom Inácio de Azevedo instala-se na quinta durante 5 meses com um grupo de noviços, com o objetivo de se preparem física e espiritualmente para seguirem os caminhos da evangelização do Brasil. Quando finalmente se dirigem numa armada com destino ao Brasil, são atacados pelos corsários calvinistas, sendo martirizados e mortos todos os religiosos. O acontecimento teve lugar a 15 de julho de 1570. Devido a este acontecimento, a Quinta Vale do Rosal, assim designada porque nos seus campos floresceu espontaneamente um magnífico roseiral, passou a chamar-se Quinta dos Quarenta Mártires, tendo, mais tarde, voltado à primeira designação (TELLES, 1647).





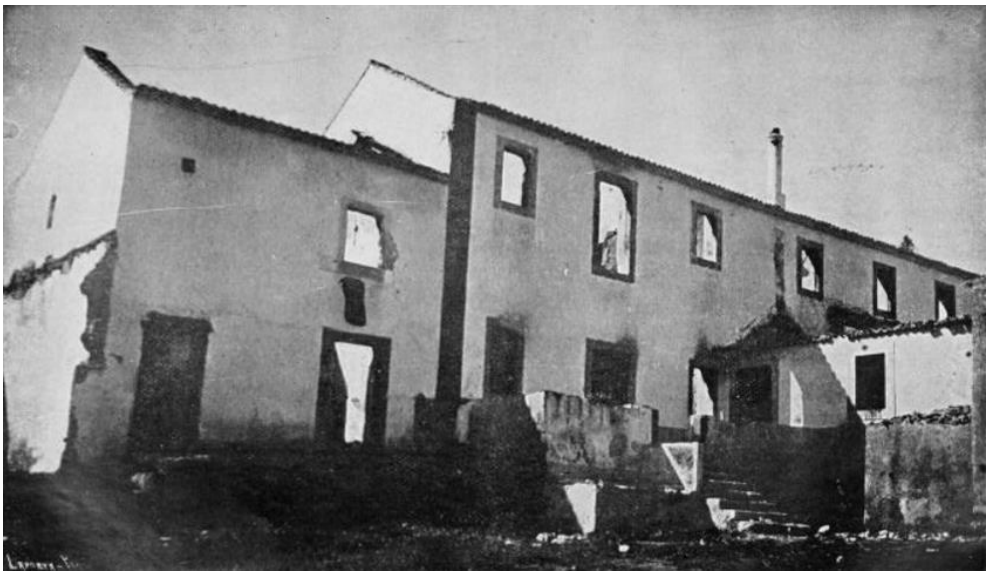


Fig. 50 . Corredor das celas ardido, 1910 | Fig. 51 . Capela após assalto e incêndio, 1910

Fig. 52 . Edifícios da quinta após incêndio, 1910

A partir de 1569, Fernão Mendes Pinto passou longos períodos nesta quinta, isolando-se das atividades que desempenhava em Almada e na tranquilidade do sítio, escreve parte da sua obra máxima "*Peregrinação*".

Mais tarde, em 1759, no reinado de D. José I, os religiosos jesuítas são desterrados de Portugal por ordem do Marquês de Pombal, tendo-lhes sido confiscados todos os bens, entre os quais a Quinta Vale do Rosal. A partir daí a propriedade teve diversos donos, voltando de novo à posse dos jesuítas, desta vez do Colégio de Campolide, em 1880 (FLORA, 1983).

Quando a 4 de outubro de 1910 é declarada a Implantação da República na vila de Almada, um grupo de pessoas assaltou a propriedade, num ato anticlerical próprio daquele momento de grande agitação política e social, tendo incendiado a casa e a capela e furtado ou destruído todos os seus bens.



Fig. 53 . Muro de suporte do Monte da Cruz | Fig. 54 . Vista da quinta pela A33, fotografia da autora

Fig. 55 . Fotografia aérea do edificado da quinta em 2009, Google Earth

Fig. 56 . Fotografia aérea do edificado da quinta em 2014, Google Earth

No ano de 1916 a quinta foi adquirida em hasta pública por António Ramalho Carlos. Desde aí, manteve-se propriedade de diversas gerações da família Ramalho Carlos que tem cuidado meticulosamente da sua preservação patrimonial. Em 1992 foi pedido pelo proprietário da quinta, Carlos Ramalho Carlos, um valor de Património Histórico do Concelho de Almada, e depois da análise do estado atual da quinta, concluiu-se que não se justifica qualquer classificação. Embora seja um local muito antigo e com bastante história, os elementos que poderiam ter dado o relevo histórico necessário a uma possível classificação, foram desaparecendo ou sendo destruídos ao longo dos tempos, pelo que neste momento não se reconhecem ou encontram (ver anexo V).

"Ramalho Carlos queixa-se amargamente que desde há dez anos que a Câmara de Almada faz ouvidos moucos aos seus insistentes apelos para que a chamada Via Industrial, prevista em projeto para atravessar a quinta e ir destruir a mata das acácias, o Caminho dos Mártires que entre tojo e rosmaninho (...) conduz por vereda cerrada ao cruzeiro que, é claro, também está seriamente ameaçado, possa tornear pelo outro lado (...) assim se salvando a quinta e o espaço histórico " (RAPOSO, 1993, p.40).

Apesar de muitas tentativas de salvação do terreno sagrado da quinta, contra a construção da autoestrada tão perto do edificado, nunca foi possível provar o seu valor histórico e patrimonial. Acabando por se ter construído contra a vontade dos proprietários, removendo uma parte do seu terreno e cortando o outeiro do Monte da Cruz.

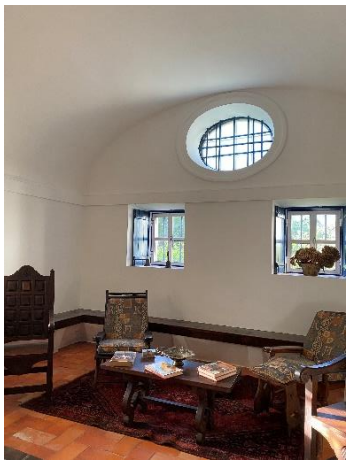




Fig. 57 e Fig. 58 . Sala da Abóbada | Fig. 59 . Pavimento original do piso térreo, fotografias da autora, 2022

. Teoria de Valor

A Quinta Vale do Rosal foi escolhida pela autora pela sua localização, pela história importante que simboliza, pelo espaço amplo e zonas naturais ideais para o programa escolhido. Porém, as únicas bases de desenho existentes eram plantas do edificado a uma escala maior. Deste modo, foi necessário realizar vários levantamentos no local para a elaboração de plantas com mais detalhe, cortes, alçados, pormenores, entre outros.

Através da análise cuidada do levantamento foi possível obter uma melhor compreensão de toda a essência não só da quinta, mas também das construções agrícolas adjacentes. A metodologia usada, tendo em conta a inexistência de levantamentos atualizados, baseou-se no processo de análise planimétrica a partir das plantas obtidas e pelo levantamento realizado pela autora.

A maior parte do edificado da quinta remota a anos anteriores a 1559, antes da quinta ser cedida aos jesuítas. Em 1568, quando estes chegaram ao local para o transformar num retiro espiritual e de preparação, construíram uma nova parte do edifício com 12 celas e uma capela.





Fig. 60 . Detalhe da construção da capela, fotografia da autora, 2022

Fig. 61 . Capela no estado atual, fotografia da autora, 2022

Grande parte dos espaços interiores já não se encontra na sua forma original, uma vez que sofreram danos provenientes de um grande incêndio e tiveram de ser reconstruídos ao longo dos anos. No entanto, as paredes e alguns pavimentos são originais, embora possam ter alguns danos. Por exemplo, desde o incêndio e a sua vandalização, a capela nunca foi restaurada, encontrando-se num estado de maior degradação em que apenas foi construída uma nova cobertura (ver anexo VI).

Depois de ser feita uma avaliação com base na teoria de valor, concluiu-se que as construções agrícolas, tais como a vacaria, os depósitos agrícolas e os armazéns, são elementos sem valor patrimonial, material ou estético, e que comprometem a leitura clara do conjunto. No entanto, podem e devem ser pensados como valor de implantação, de maneira a que novos edifícios tomem o seu lugar.

Os elementos considerados de índole patrimonial, e que pelo seu valor devem ser preservados e valorizados, são o edifício central e mais antigo, composto pelos espaços de lazer e 4 celas, e o edifício mais tarde construído pelos jesuítas, composto pelas 12 celas e a capela.

Depois de feita a análise da teoria de valor neste edifício histórico, foi possível começar a pensar na sua reabilitação, interiores, e projetar novas construções com base nas linhas de implantação das preexistências demolidas, por não terem qualquer valor.

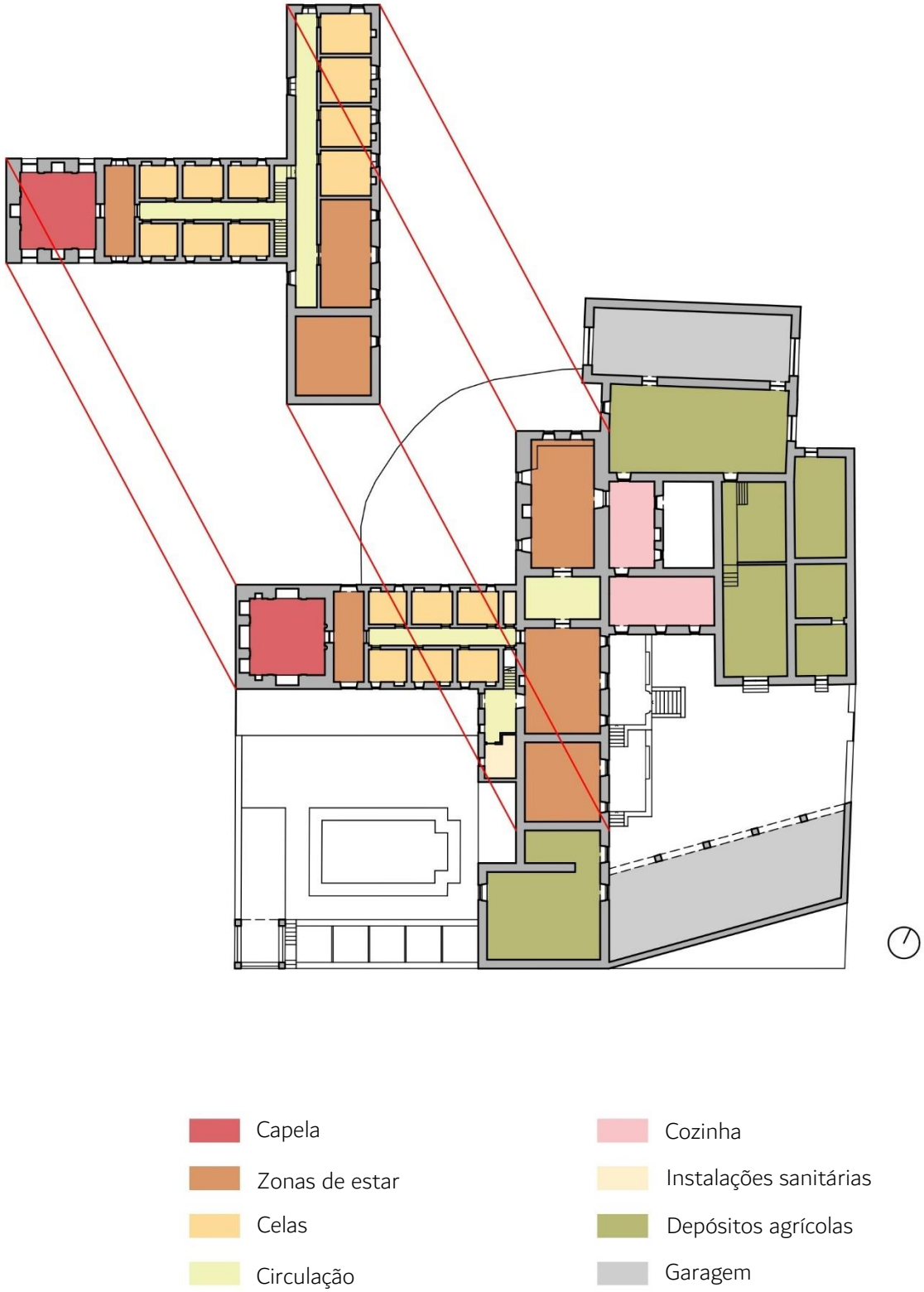


Fig. 62 . Planta do programa original da quinta, escala 1:500

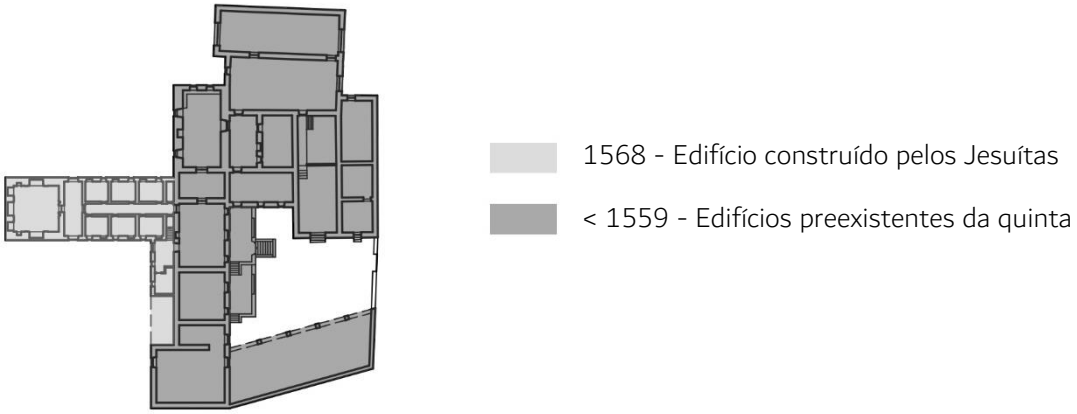


Fig. 63 . Diferentes datas de construção, escala 1:1000



Fig. 64 . Planta da Teoria de Valor, escala 1:500

IV. O PROJETO

IV.I. Programa

O projeto de centro hípico e hipódromo não tem um programa pré-definido, por esse motivo, teve de ser criada uma estratégia para elaborar um programa que pudesse ser usado como base/orientação no processo projetual.

Inicialmente, analisou-se detalhadamente vários exemplos de centros hípicos existentes, e respetivas plantas, sempre que possível com dimensões aproximadas às do terreno do caso de estudo (por exemplo, a Sociedade Hípica Portuguesa), com o objetivo de entender quais os espaços mais utilizados e que são imprescindíveis, mas, também, perceber que espaços menos frequentes e em falta nestes centros poderiam ser uma mais-valia para o projeto.

Simultaneamente, procedeu-se a visitas a centros equestres da Freguesia da Charneca de Caparica e Sobreda, alguns deles já frequentados pela autora, de forma a perceber como são feitas as ligações entre os diferentes espaços e como se relacionam. Nesta fase, é importante entrar dentro dos locais definidos para um certo programa e estudá-los detalhadamente, agora de uma maneira arquitetónica.

Uma das maiores referências bibliográficas para este trabalho foi o caderno técnico de instalações desportivas intitulado "*Equitação, Conceção de instalações*"., o qual reúne os fatores mais importantes para uma boa conceção de instalações equestres: localização, acessos, programa, instalações, organização das mesmas, etc. Esta referência trata-se de um documento muito detalhado, informado e completo, que auxiliou bastante todo o processo de investigação e desenvolvimento do projeto.

Finalmente e não menos importante, a experiência de 13 anos da autora no meio equestre, as conversas com amigos e instrutores, foram uma base sólida para ajudar na definição do programa para o projeto a desenvolver. Quem está habituado a frequentar vários locais destinados à prática de equitação, apercebe-se mais facilmente da falta de certos espaços e materiais que são necessários a um centro.

Assim, concluiu-se que dentro do programa de centro hípico, existem três grupos maiores, nomeadamente: as áreas sociais; as zonas de descanso e as zonas de trabalho do cavalo.





Fig. 65 . Habitação de tratador no Centro Equestre Merricks, 2014

Fig. 66 . Zona Lounge e Sala de Arreios nas Cavalariças de polo Figueras, 2017

. Áreas Sociais

É essencial que os centros hípicos sejam destinados ao cavalo e à prática equestre, devendo haver cuidado com as instalações necessárias a esta vertente, mas é igualmente importante e imprescindível projetar instalações para uso dos cavaleiros, dos dirigentes, dos serviços auxiliares e dos visitantes, sejam estas de lazer, de descanso ou de apoio.

É então necessário prever, a nível de apoios, salas destinadas a funcionários, aos instrutores e tratadores, salas de administração, receção com controlo de entradas e acesso a aulas, balneários/vestiários e instalações sanitárias para os praticantes, assim como para os tratadores dos animais e para os funcionários que trabalham no centro hípico, acrescentando a necessidade de um alojamento para um ou mais tratadores.

A nível de lazer, devem ser previstos espaços de lazer onde os visitantes e os cavaleiros que não estão a praticar possam descontrair; espaços de refeição, rápida ou mais demorada (bar e/ou restaurante) que possam servir também os visitantes em dias de competição, sejam familiares e amigos, sejam outros utilizadores do espaço, podendo também atrair pessoas sem ligação direta às atividades do centro. Devem ser previstas tribunas que favoreçam a visualização confortável das provas e eventos e mantenham o contacto entre os espetadores e os cavaleiros.

Em suma, criar boas áreas sociais, de convívio, agradáveis e acolhedoras, que possam facilitar a socialização entre as diferentes pessoas que frequentam o centro, entre as diferentes idades que neste se encontram, proporcionando bem-estar e gerando uma boa memória do local, atraindo essas mesmas pessoas para o frequentar com mais frequência.

É muito importante referir que deverá existir uma divisão entre espaços sociais públicos e espaços privados, uma vez que um centro hípico tem os seus cavaleiros habituais, porém, em altura de eventos ou provas, será frequentado por cavaleiros e espectadores de outros centros hípicos e escolas equestres, sendo necessário haver alguma segurança.





Fig. 67 . Cavalariças no Centro Equestre Merricks, 2014

Fig. 68 . Cavalariças no Centro Hípico del Bosque, 2011

. Zonas de Descanso do Cavalo

Cavalariças

Uma das partes mais importantes de um centro equestre são as cavalariças. São um conjunto de espaços e serviços essenciais não apenas para o bom funcionamento, mas também para o equilíbrio e a saúde dos cavalos.

De modo a garantir uma boa funcionalidade e facilidade de manutenção e vigilância, deve ser estudado meticulosamente a disposição das boxes, o posicionamento das zonas de lavagem e preparação de cavalos, da enfermaria e demais serviços de apoio, sem descurar as exigências de tranquilidade, de ventilação e de conforto.

Boxes

A box é uma instalação de maiores dimensões que oferece acomodações mais confortáveis do que uma baia, por exemplo. O cavalo tem maior liberdade de movimentos, sendo incentivado a deitar-se e corre menos riscos de desenvolver patologias tanto a nível físico como mental.

As dimensões das boxes devem ser adaptadas ao tamanho de cada raça de cavalo, no entanto, nas instalações direcionadas para competições, segundo a Federação Equestre Internacional, as medidas mínimas requeridas são de 3m x 3m. Ao serem isolados em boxes individuais, os cavalos podem sentir-se inseguros, entediados e desenvolver comportamentos de ansiedade. Portanto, deve-se evitar, ao máximo, colocar barreiras físicas desnecessárias e construir espaços com dimensões menores do que o recomendado.

Para o maior bem-estar do cavalo, o pavimento deve diminuir a tensão do tendão nas pernas e nos pés, ser seco, não reter odores, proporcionar tração, resistir a danos, baixa manutenção, e fácil de limpar. E as paredes devem ser revestidas de um material impermeável, resistente e fácil de lavar.





Fig. 69 . Paddock no Centro Equestre Merricks, 2014

Fig. 70 . Zona de limpeza e banho nas Cavalariças de polo Figueras, 2017

Paddocks

Os paddocks são espaços vedados sem dimensões estipuladas, localizados ao ar livre e destinados ao aquecimento do cavalo ou simplesmente ao lazer do mesmo, podendo colocar-se o cavalo dentro deste para andar livremente sem estar confinado à sua box. O pavimento destes locais varia normalmente entre a areia e a relva natural.

Podem ser paddocks de maiores dimensões em que se podem juntar vários cavalos sociáveis, porém, em alguns casos, estes espaços podem ter de ser divididos em espaços individuais, para não existir contacto entre diferentes cavalos.

Zona de Limpeza e Banho

Pelo menos uma zona de limpeza e preparação do cavalo deve ser fornecida no centro equestre. Esta zona pode ter várias estações de preparação, para vários cavalos ao mesmo tempo, sendo que cada uma tem a dimensão semelhante a uma box de 3m x 3m equipada com guias cruzadas para prender o cavalo. Esta zona deverá estar localizada perto da sala de arreios por conveniência.

Os materiais de revestimento das paredes devem ter resistência contra impactos ou coices de cavalos e ser impermeáveis. Os materiais de parede comuns incluem betão, madeira ou painéis de plástico reforçado com fibra de vidro.

Para o pavimento, o betão ou o asfalto são muito resistentes, devem ser inclinados para a drenagem de águas e fornecem uma superfície fácil de limpar. Os tapetes de borracha com acabamento antiderrapante também podem ser utilizados no pavimento da zona de lavagem, pode ser instalado sobre o betão para amortecimento e para aumentar a tração. Um único tapete que cubra toda a zona é preferível a vários tapetes, pois existem menos reentrâncias e saliências perigosas para o cavalo.

Tanto os locais de tosquia/ferração, como os locais de limpeza/banho, se não estiverem a ser usados para as suas funções habituais, podem ser utilizados para a preparação do cavalo para uma aula, para ser montado ou para o equipar para algum exercício.





Fig. 71 . Picadeiro coberto no Centro Equestre Leça da Palmeira, 2012

Fig. 72 . Picadeiro coberto na Reitarena Stubai, fotografia de Perter Fiby, 2011

. Zonas de Trabalho do Cavalo

Picadeiros

Entende-se por picadeiro um recinto coberto ou ao ar livre, normalmente retangular, onde podem ser desenvolvidas atividades equestres. Quando nos objetivos de um picadeiro se incluir a competição desportiva, a sua tipologia (dimensões, conceção geral, zonas de segurança) deve respeitar as exigências específicas e os níveis de prestação estabelecidos nos regulamentos das respetivas disciplinas.

Picadeiros cobertos

Os paramentos da envolvente do recinto de atividades devem respeitar os seguintes requisitos: as paredes devem ser lisas ou com revestimentos contínuos, sem juntas visíveis, até uma altura mínima de 3 metros. Acima dessa altura, não há restrições para a instalação dos sistemas de iluminação ou irrigação; todas as paredes envolventes devem prever uma teia com 1,30/1,50 metros de altura e inclinação vertical de 12 graus. O objetivo da teia é afastar o cavalo da parede, limitando desse modo os acidentes, nomeadamente deslocações ou raspões dos pés e joelhos do cavaleiro.

Os picadeiros são frequentemente equipados com espelhos, permitindo ao cavaleiro monitorar sua postura e observar o cavalo tanto de lado quanto de frente. Os espelhos, fixados a uma altura mínima de 2 metros, não devem representar risco para os cavalos e cavaleiros, sendo necessários emoldurá-los e instalá-los de forma a evitar arestas e saliências.

A porta de acesso deve estar alinhada com a face interna das paredes, ser equipada com teia e abrir para o exterior. As dimensões recomendadas para a porta principal são 3 metros de largura e 3 a 4 metros de altura, de maneira a permitir a passagem de cavaleiros montados.

Em relação à localização do picadeiro, deve estar razoavelmente perto das cavalariças. A conexão direta não é necessária e é uma desvantagem para fins de supressão de incêndio e ventilação natural. No entanto, é desejável um acesso fácil a partir das cavalariças. O picadeiro coberto pode ser convenientemente ligado ao estábulo com uma área de trabalho que inclui sala de arreios, zonas de preparação e lavagem.

Aparas de madeira, areia, fibra de madeira dura, areia com fibras sintéticas, são alguns dos exemplos do revestimento do pavimento nas instalações cobertas.





Fig. 73 . Picadeiro descoberto no Centro Equestre Merricks, 2014

Fig. 74 . Picadeiro descoberto no Rancho Cerro Pelón, fotografia de Guido Mocafino, 2011

Picadeiros descobertos

Os espaços destinados à prática, treino ou competição ao ar livre, exceto nas infraestruturas equestres situadas em centros urbanos (que geralmente enfrentam limitações de espaço), ocupam uma área maior do que os picadeiros cobertos. As dimensões dos picadeiros ao ar livre variam conforme as disciplinas praticadas.

As dimensões dos picadeiros descobertos são variáveis segundo as disciplinas praticadas. Um picadeiro exterior de 30 por 60 metros é considerado útil para uma variedade de usos de equitação. É claro que algumas disciplinas têm tamanhos de picadeiro comuns, como um picadeiro de dressage padrão de 20 por 60 metros. No entanto, para aulas de equitação de lazer, um picadeiro de 20 por 50 metros é suficiente.

As considerações de localização do sítio incluem estar perto o suficiente das cavalariças para conveniência dos usuários. A atividade no picadeiro pode ser estimulante para os cavalos, e os cavalos nos paddocks podem fornecer distração para os cavalos que trabalham no picadeiro. Deve ser escolhido um local longe de paddocks, quando possível. Os picadeiros que serão utilizados para competição devem ser separados de zonas com mais ruído ou atividade para diminuir a distração dos competidores.

A camada de revestimento a construir deve ser permeável, flexível, coerente e resistente às cargas e ações previstas durante a utilização. Esta camada, cuja espessura depende da qualidade dos materiais constituintes e das condições de utilização, pode ser formada por vários tipos de materiais, tais como: relva natural; areia com/sem fibras sintéticas; fibra de madeira dura; aparas de cascas de árvores; materiais sintéticos (borracha, ...); combinação de alguns dos materiais anteriores.

. Programa do núcleo do Centro Hípico

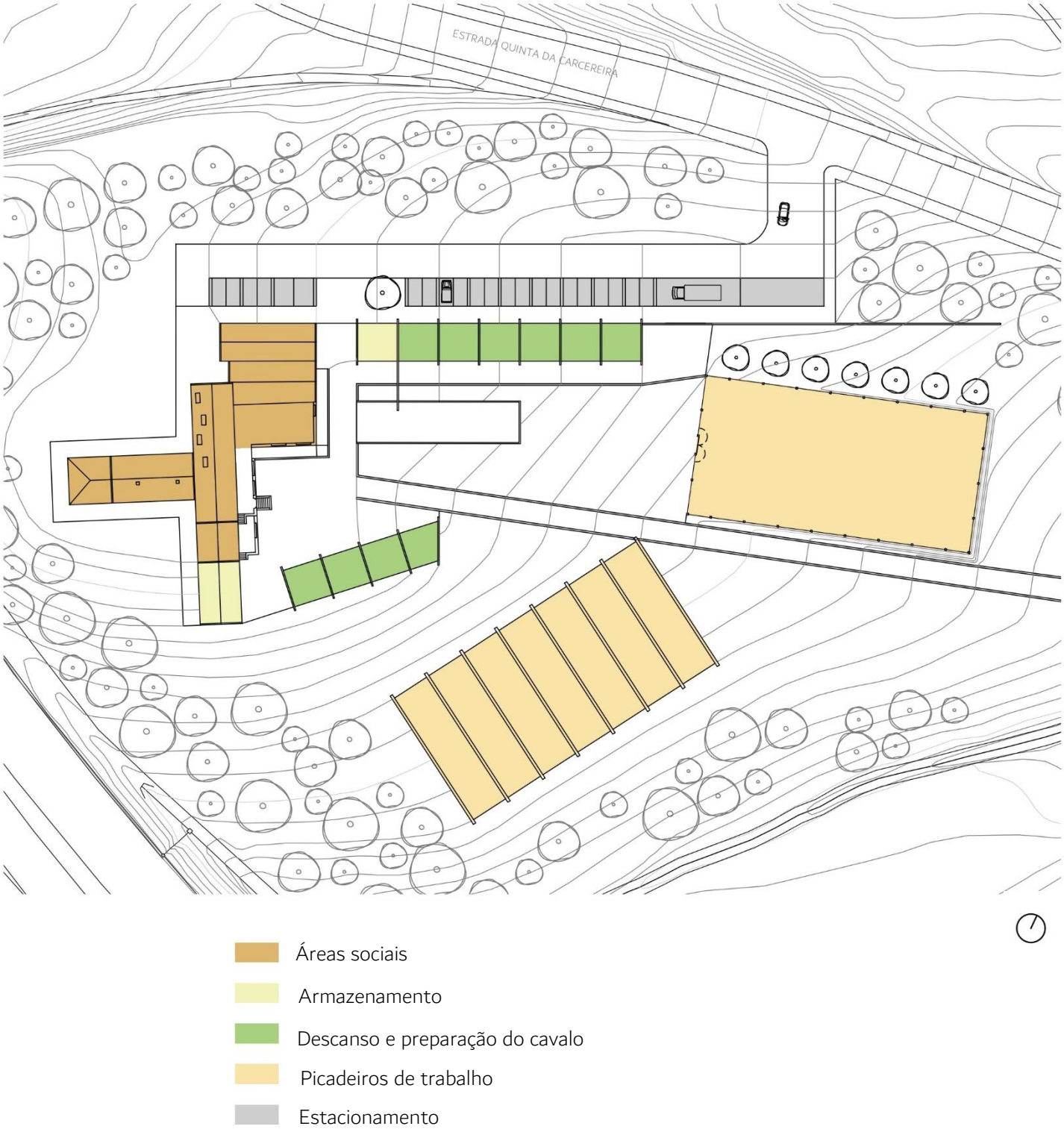


Fig. 75 . Planta do programa da proposta de Centro Hípico, escala 1:1000

. Programa do núcleo do Hipódromo

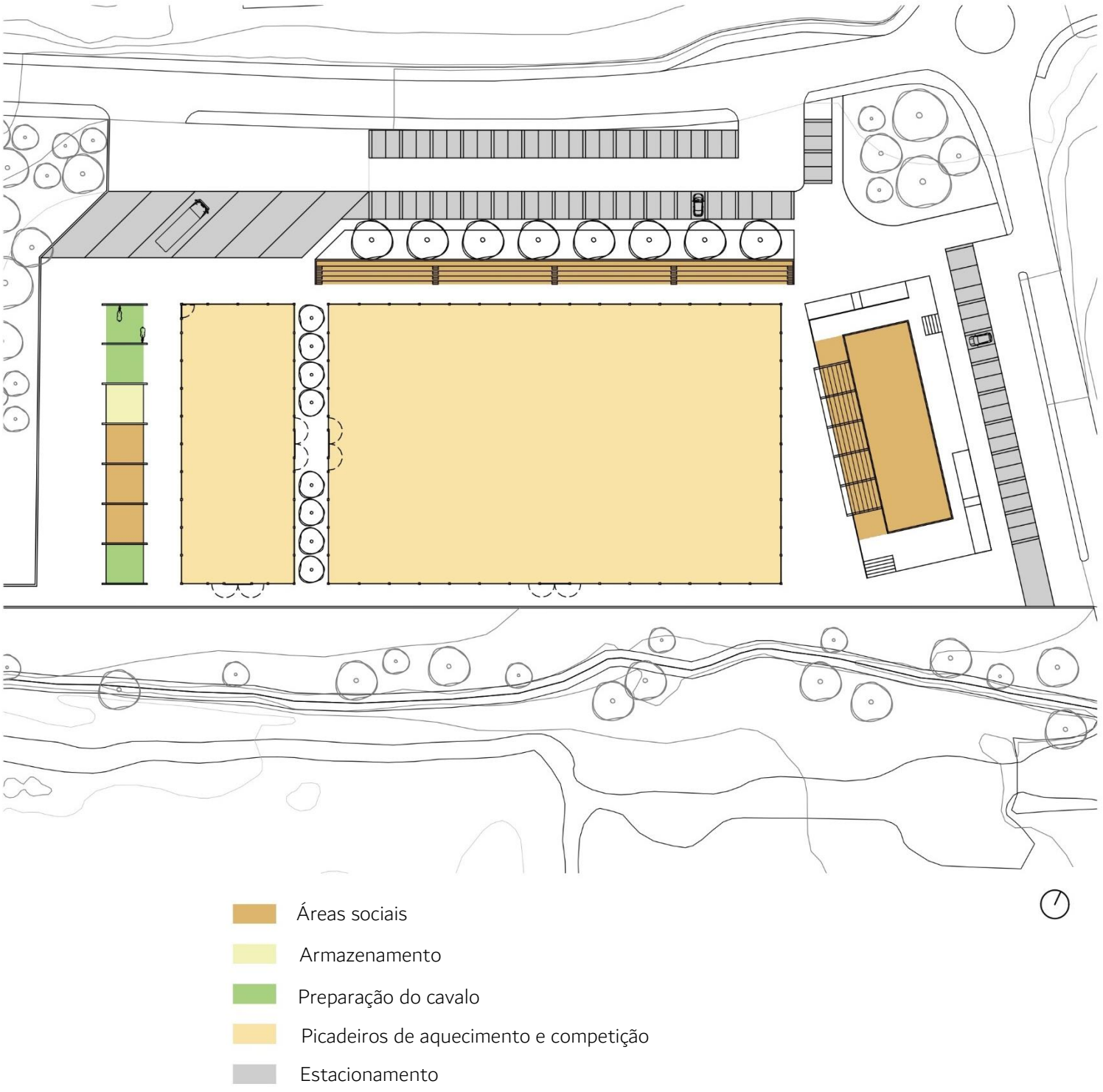


Fig. 76 . Planta do programa da proposta de Hipódromo, escala 1:1000

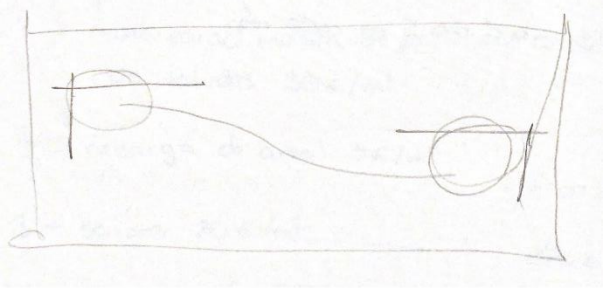


Fig. 77 . Desenho conceptual das linhas diretrizes do projeto

IV.II. A Estratégia

Contextualizados os temas, ficam claros os princípios e estratégias que a intervenção irá assentar. Procurando compreender o seu traçado, as suas características e a sua história, é chegado o ponto em que estas teorias se reúnem e dão forma a uma proposta de projeto.

O propósito da proposta de intervenção, estruturou dois momentos diferentes de intenção. Num primeiro momento atuar com um programa de recuperação e reabilitação de um património existente. Procurando, em cada momento, respeitar os elementos mais notáveis da área de intervenção. Um segundo momento, e sobre um olhar mais aprofundado sobre o conjunto e traçado, caracteriza-se pelo desenvolvimento de novas construções que ajudem a responder ao programa.

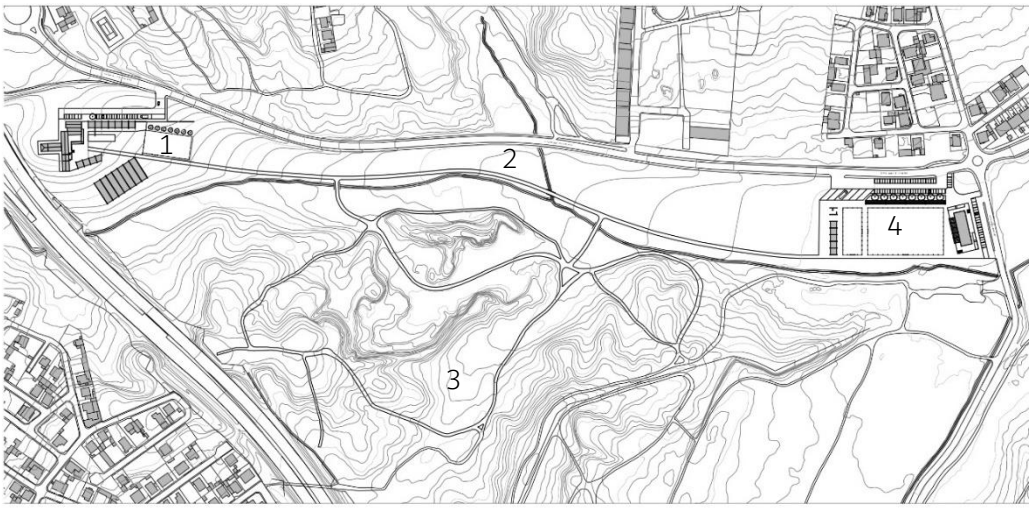
A proposta para um novo conjunto de espaços, também partiu da seleção dos edifícios que por serem dissonantes à linguagem do conjunto, são demolidos dando lugar a novas estruturas, com a construção de novos edifícios.

Procurou-se dar resposta a um conjunto disperso, criando uma harmonia de espaços associados à vivência e experiência do cavalo e do homem. Através de diferenciados momentos, que unidos por um sistema de percursos fixados na paisagem, conservam uma estrutura já existente enaltecendo a sua importância.

A proposta de intervenção na zona envolve dois espaços interligados entre si, dois núcleos programáticos, que se podem definir por: prática desportiva de lazer - centro hípico, onde todos os dias poderá haver aulas de equitação, estágios e atividades lúdicas; e prática desportiva de competição - hipódromo, será a substituição do antigo hipódromo municipal para a realização de provas e eventos mais importantes e para juntar toda a comunidade equestre desta zona. Os dois momentos desta proposta têm como principal objetivo a relação entre o cavalo e o homem e fruição do meio natural, onde os dois operam em conjunto.

Para tornar este espaço sustentável, pensou-se num conjunto de painéis solares, na recolha da água da chuva para rega de picadeiros e limpeza, e no uso do estrume dos cavalos para fertilização dos terrenos agrícolas existentes.





1 - Núcleo do Centro Hípico
2 - Zona de paddocks e percurso
3 - Espaço para passeios equestres
4 - Núcleo do Hipódromo

Fig. 78 . Área do terreno em estudo, Google Earth

Fig. 79 . Planta da proposta urbana

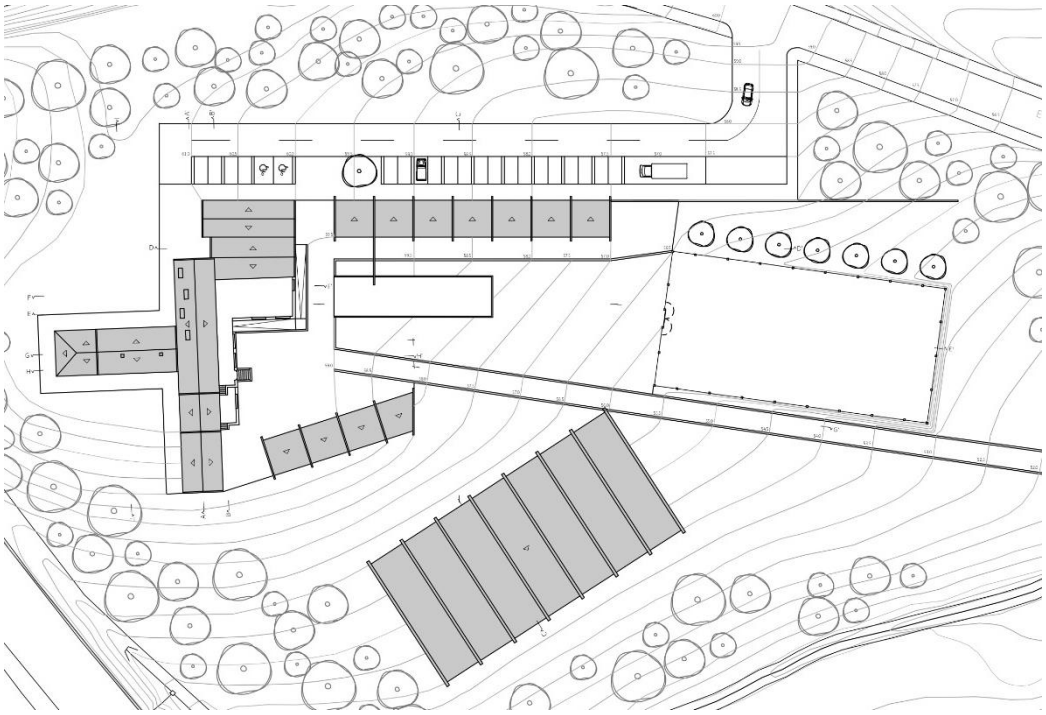
IV.III. Proposta Urbana

O terreno em estudo, dada a sua extensão, necessitou de uma análise estratégica de implantação do programa para que haja uma continuidade de espaços. No conjunto optou-se por uma solução onde a oeste se encontra a zona mais privada do centro hípico, e a este o hipódromo e as zonas públicas destinadas a provas e eventos.

Na extensão do terreno é possível destacar quatro tipos de espaços diferentes. O primeiro, na zona mais a oeste da propriedade é onde se encontram os edifícios preexistentes da quinta. Esta é a zona mais exposta ao ruído e à visibilidade da autoestrada, e para reduzir eficientemente estes problemas, optou-se pela plantação de uma cortina arbórea densa e pela demolição das zonas de lazer da quinta voltadas para este lado. Pretende-se assim, implantar todo o novo edificado no lado oposto, de maneira a criar um largo amplo protegido destes fatores.

O largo, tipologicamente considerado uma praça por ser um espaço mais fechado e contido, é pavimentado com saibro compactado, e desenhado pelo traçado ortogonal do edifício pré-existente e pela implantação das novas boxes e dos picadeiros com outras direções: no caso do picadeiro coberto acompanhando a linha de água; ou no caso do picadeiro descoberto que acompanha o percurso. O largo contém um espaço de água com uma fonte, criando uma homenagem a Barragán e aos casos de referência estudados, e que proporciona serenidade e refresco para todos os utilizadores deste espaço. Na análise geral da intervenção, linhas fortes e ortogonais fecham e protegem o espaço contra as vias e as zonas mais urbanas, atuando como barreiras, e as linhas orgânicas orientam o olhar do visitante para as zonas mais naturais e verdes.

A topografia também foi um dos fatores importantes que ditaram a disposição deste núcleo. Uma vez que o edifício a reabilitar se situa a uma cota superior a todos os outros volumes, ganha um lugar mais importante no momento de chegada. Existe uma relação de hierarquia entre o existente e o novo, que é enfatizada pelo caminho que une os dois polos, ao acabar diretamente na entrada da casa, ou seja tudo converge naquele ponto, e todos os percursos são direcionados ao sítio mais importante desta proposta. Relembrando o valor simbólico de uma acrópole, um lugar sagrado, na zona mais elevada das cidades antigas, onde se construíam as estruturas mais nobres, como os templos.



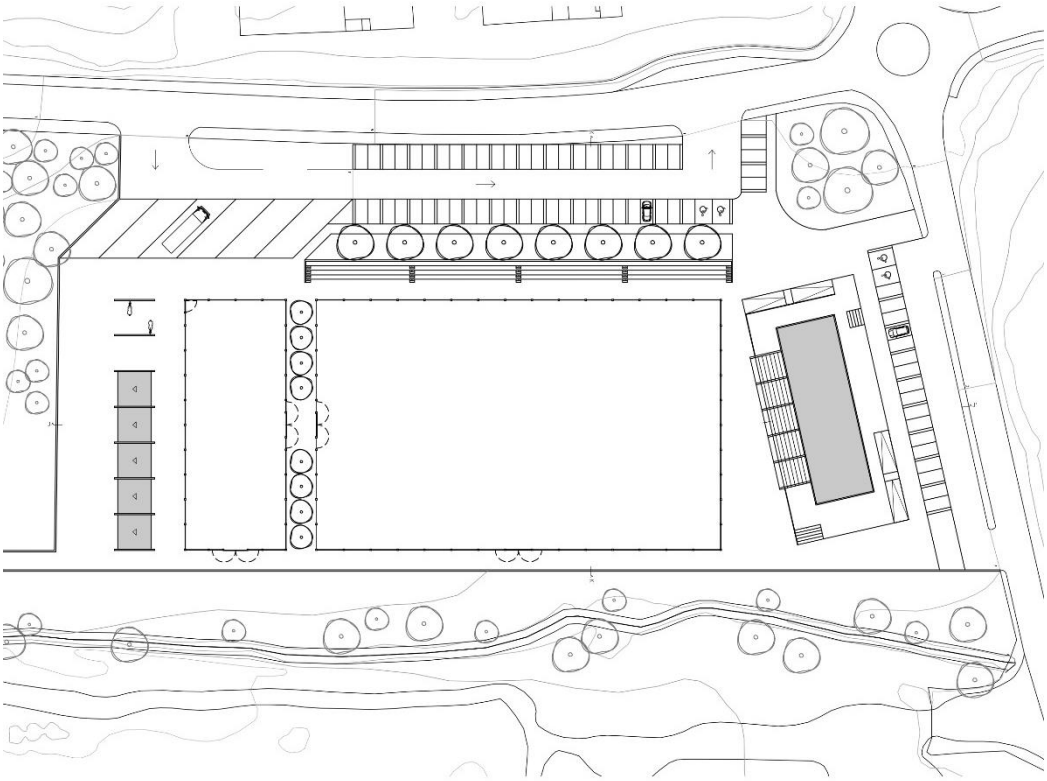


Fig. 80 . Planta de implantação - Centro Hípico

Fig. 81 . Planta de implantação - Hipódromo

O largo surge igualmente como momento de chegada do percurso que liga o hipódromo ao centro hípico. Este caminho, recorrível a pé, a cavalo ou de bicicleta, acompanha a linha de água presente no terreno e dá acesso aos paddocks que beneficiam da vegetação e impede que os cavalos aqui destinados distraiam os que estão em trabalho nos picadeiros. Continuando a percorrer este caminho também é possível aceder à zona sul da propriedade, caracterizada por um declive mais acentuado, pequenos outeiros, convergindo no ponto mais alto da propriedade da Quinta Vale do Rosal, o Monte da Cruz. Aqui a vegetação é mais densa, apenas com caminhos pedestres pré-existentes, propondo-se assim uma zona sem qualquer intervenção, utilizando apenas estes caminhos para passeios equestres na natureza.

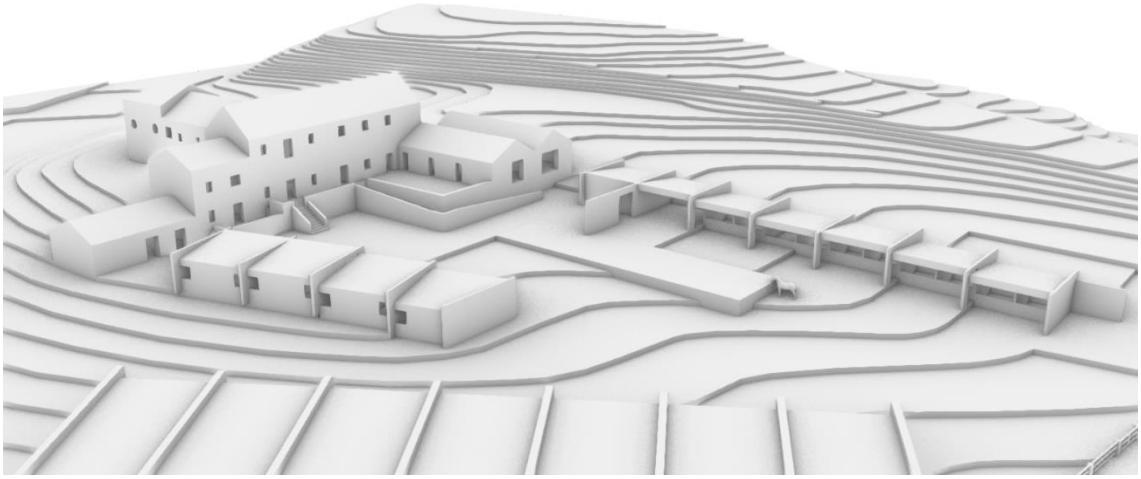
Localizado na zona este do terreno, encontra-se o quarto espaço da proposta. Topograficamente esta é uma área mais plana, favorável à implantação do programa de hipódromo, uma vez que os picadeiros para provas de maior dificuldade têm medidas de maior dimensão, conforme as regras da Federação Equestre Internacional. O acesso viário é feito pela estrada da Quinta da Carcereira, tal como o acesso ao centro hípico, é uma estrada de fácil acessibilidade e com boa visibilidade para a entrada e saída de veículos pesados de transporte de animais em movimento lento. Sugere-se a criação de estacionamento para seis camiões ou atrelados com transitabilidade direta para a zona de preparação dos cavalos. Para os espectadores e visitantes, propõe-se também estacionamento e tribunas que acomodam 200 pessoas.

Com a mesma linguagem do núcleo do centro hípico, as linhas ortogonais mais uma vez fecham o espaço do ruído e da visibilidade das vias, e abrem para a natureza. Desta maneira, quando os espectadores estão sentados nas tribunas, podem assistir aos eventos com um cenário natural e paisagístico.

O picadeiro maior, onde irão decorrer as provas, tem a dimensão de 50m por 80m, o que oferece liberdade para se realizarem todos os tipos de provas nacionais e internacionais. Do outro lado de uma cortina arbórea de ciprestes, está ocultado o picadeiro de aquecimento, onde os cavalos podem aquecer para as provas sem prejudicar o cavaleiro a competir. O acesso ao picadeiro de aquecimento é realizado perto da zona de preparação de cavalos, ou seja, há um percurso definido desde a chegada ao estacionamento do recinto até à entrada em prova. Os balneários dos atletas também se encontram nesta área, tornando-se mais fácil toda a acessibilidade e preparação para a prova. Por trás deste edifício foi pensado um espaço flexível para a montagem de boxes temporárias, no caso de se organizarem competições mais extensas.

O restaurante, situado no lado oposto do núcleo, com estacionamento e acesso independente pela rua Nuno de Bragança, pode ser frequentado mesmo quando não estejam a decorrer eventos equestres. Está implantado sobre uma plataforma elevada e os seus clientes podem usufruir de uma esplanada e zonas lounge direcionadas para o picadeiro principal.

Assim, numa análise geral da proposta urbana e do território, são criados dois núcleos programáticos maiores, como um díctico entre o centro hípico e o hipódromo, o privado e o público, o existente e o proposto, unidos por uma linha sinuosa que atravessa toda a propriedade da quinta.



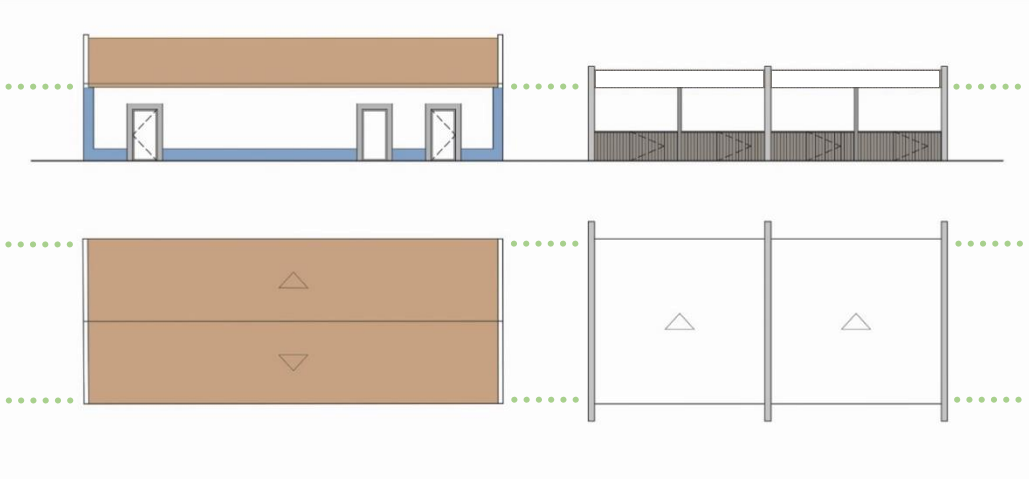


Fig. 82 . Maquete virtual do núcleo do Centro Hípico

Fig. 83 . Esquema de relação entre a preexistência e o novo construído

IV.IV. Proposta Arquitetónica

. Centro Hípico, Pré-existência da Quinta Vale do Rosal

As estratégias de reabilitação sobre o conjunto edificado basearam-se nos princípios estabelecidos pela Carta de Cracóvia: 1) demolição dos edifícios anexos, de fraco valor arquitetónico e patrimonial e excessiva volumetria, comprometendo a leitura do edifício principal da quinta, e que em nada contribuíam para a autenticidade do edifício; 2) reabilitação do edifício principal da quinta, de modo a potenciar a sua imagem e identidade, acolhendo os espaços da escala humana e zonas sociais do programa: entrada e receção, administração, sala de reuniões, cafetaria, sala de eventos, balneários para os atletas e habitação para os tratadores; 3) construção de novos edifícios independentes, continuando a implantação original dos edifícios demolidos, de apenas um piso e que acompanham o declive do terreno, permitindo a valorização do edifício original e devolvendo-lhe o seu protagonismo (ver anexo VII).

Ao demolir os edifícios sem valor, foi possível prolongar a zona elevada de entrada no edifício e criar um novo espaço de estar com esplanada. O acesso a este espaço pode ser feito por uma rampa diretamente da entrada do estacionamento e que termina precisamente em frente à porta da receção do edifício, o acesso pode também ser feito pelas escadas preexistentes. A esplanada, encontrando-se a uma cota mais elevada, é um lugar agradável para os acompanhantes dos atletas poderem esperar e ter sempre visão para a zona das boxes e dos picadeiros. Pela esplanada é possível aceder à cafetaria, localizada no edifício da antiga adega onde foram preservadas as asnas de madeira originais; contém uma cozinha, instalações sanitárias e zona de estar. Este é o espaço de convívio mais público deste núcleo, uma vez que é aberto a todos os visitantes.

Na "Sala da Abóbada", denominada assim pelos proprietários por ter um teto abobadado, não foi pensada qualquer intervenção, uma vez que é um espaço com muito valor, tanto arquitetónico como histórico, pois todo o seu mobiliário e decoração são peças que fazem parte da Quinta Vale de Rosal. Assim, aqui continuará a ser um espaço de refeição para eventos formais, com apoio da cafetaria e acesso direto do átrio da receção.



Fig. 84 . Cortes do módulo habitacional

Fig. 85 . Plantas esquemáticas do módulo habitacional

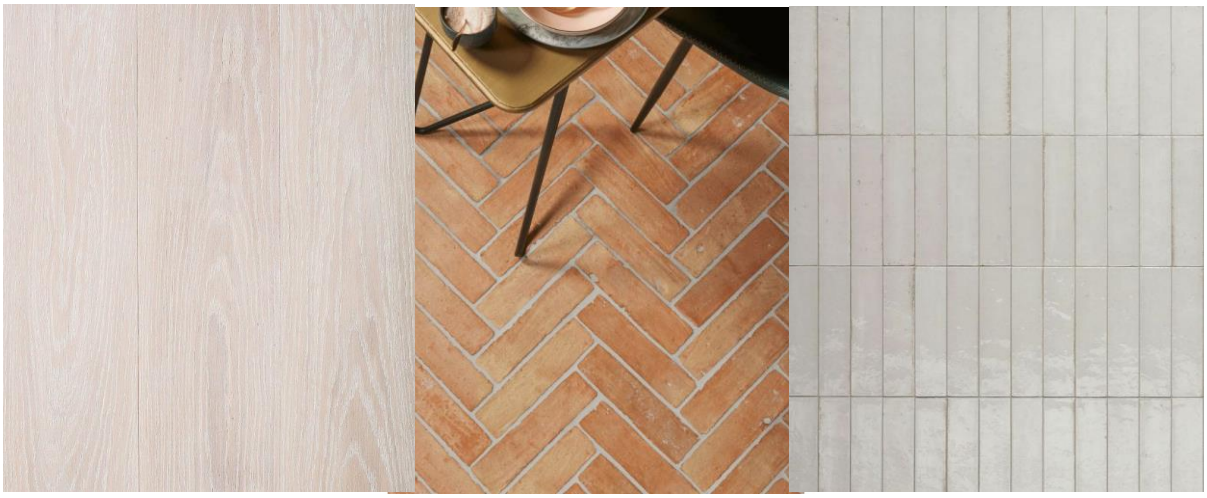


Fig. 86 . Principais materiais utilizados nos revestimentos interiores

Do outro lado da receção propõe-se uma zona de estar mais privada, um espaço informal de espera para quem aguarda atendimento na administração. Por terem uma boa área e iluminação, aproveitou-se a tipologia das celas do dormitório dos padres para os escritórios da administração, da tesouraria e da secretaria, e, para permitir a ligação visual e o contacto entre os vários locais de trabalho foram abertos vãos entre as celas. Nesta parte do edifício também foram pensadas instalações sanitárias e uma antecâmara, ou zona de transição para a sala de reuniões, situada na capela que será restaurada para o seu estado original. O acesso ao piso superior (anteriormente feito nesta ala do edifício) passará a ser feito pela zona de estar, onde é criado um vão até à cobertura.

Ainda no piso térreo, à cota 59.0, a cota mais baixa do edifício principal, o lado Este da antiga vacaria foi demolido, prolongando-se o edifício existente. Neste espaço, por estar à mesma cota do largo e das boxes, encontra-se uma sala de arreios, um depósito de rações e palha e uma pequena instalação sanitária. À cota 60.0 existe um piso intermédio onde se sugere a criação de uma sala de estudo, onde poderão decorrer palestras e aulas teóricas de equitação. Terá várias zonas de trabalho inclusivamente num primeiro piso que liga, através de jogos de escadas entre cotas, este edifício mais pequeno ao edifício principal da quinta.

No primeiro piso do edifício principal preexistente, encontra-se a zona mais privada do Centro Hípico, dedicada apenas aos atletas, aos instrutores e tratadores dos cavalos. As escadas de acesso conduzem a uma zona de lazer e convívio, a partir daqui é possível transitar para os balneários dos atletas ou para os dois estúdios habitacionais existentes, reservados para dois tratadores ou um tratador e um instrutor. Cada módulo habitacional ocupa duas celas, sendo que a entrada é feita por uma, onde é proposta uma zona de estar e uma zona de confeção de alimentos. Dividindo a zona social da zona privada do estúdio, no outro compartimento/cela foi pensada uma instalação sanitária e uma zona de vestir com um armário. Por aqui é possível aceder à zona de dormir num mezanino, pensado para ser um espaço adicional, mais confortável, com uma claraboia para iluminação.

Relativamente à proposta dos ambientes interiores dos módulos habitacionais, propõe-se um espaço sereno e confortável, que continue as materialidades preexistentes do edifício. Deste modo, para o revestimento do pavimento na zona da cozinha e na zona de vestir e instalação sanitária, fez-se uma abordagem mais contemporânea da tijoleira de terracota, optando por peças mais finas mas dispondo-as na mesma estereotomia espinhada. Para os espaços de estar e de dormir, optou-se pela continuação do revestimento flutuante multicamadas em madeira de pinho, proveniente do corredor. O reboco das paredes propõe-se ser pintado de branco para criar um espaço calmo e destacar a asna de madeira.






Fig. 87 . Ambientes interiores da cozinha e zona de estar

Fig. 88 . Ambientes interiores do quarto e zona de vestir

. Centro Hípico - Novas construções

Como foco principal, existe um enorme cuidado com a inserção das novas construções no terreno e com o diálogo com a envolvente. Mais do que substituir, impor ou mudar, aposta-se na integração, preservação e valorização do espaço natural e do preexistente.

Criando uma continuidade da linha de implantação dos edifícios preexistentes perpendiculares ao edifício principal da quinta, sugere-se a implantação das novas cavalariças. O novo edifício não toca no antigo e é neste espaço vazio de transição que é feita a entrada do núcleo, vindo do estacionamento. À semelhança do caso de referência da Herdade de Torre de Palma, o novo edifício prolonga as dimensões do preexistente. Neste caso vai contrastar com a sua estrutura: uma vez que a estrutura do edifício original são paredes maciças, para as cavalariças propõe-se uma estrutura laminar de paredes de betão que se estendem para além da largura do edifício. Estas lâminas estruturantes criam módulos de repetição de duas boxes que acompanham o declive do terreno. Os alçados também tiveram em especial atenção a continuação de alguns elementos do original.

As cavalariças albergam 10 cavalos confortavelmente em boxes de 4,15m por 3,40m, divididas entre elas por um gradeamento, fornecendo sempre ventilação adicional e contacto entre os cavalos. A cobertura inclinada de uma água contrasta com a cobertura preexistente de duas águas e ajuda à circulação de ar dentro nas boxes. Adicionalmente às boxes, propõe-se também uma zona de limpeza e lavagem para dois cavalos, com acesso direto à sala de arreios; um depósito de palha, rações e aparas com acesso ao corredor das boxes para facilitar a distribuição; e uma enfermaria. As boxes de madeira contrastam com o betão das lâminas, estes materiais foram escolhidos por serem resistentes e por terem uma aparência mais natural.

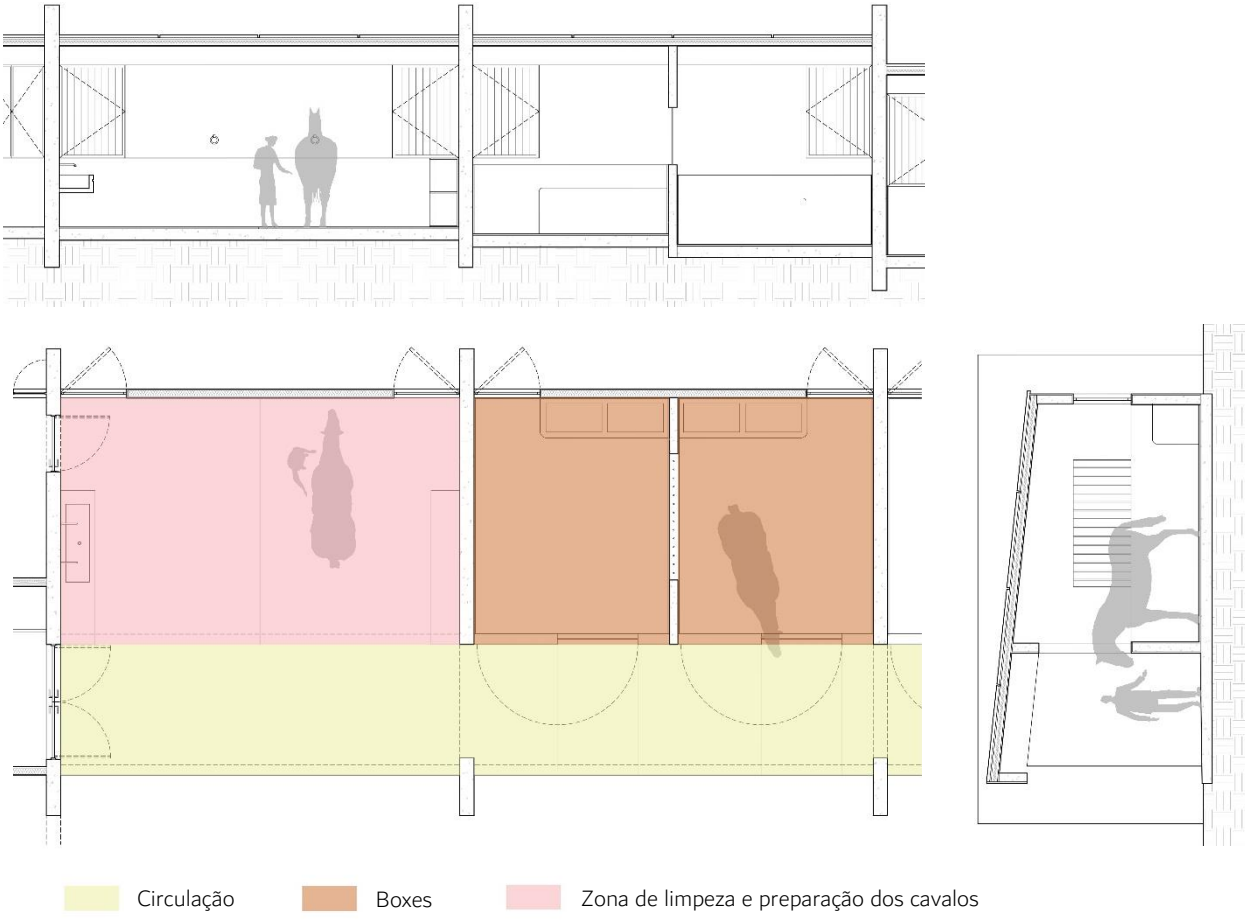


Fig. 89 . Cortes dos módulos das cavalariças

Fig. 90 . Planta esquemáticas dos módulos das cavalariças



Fig. 91 . Principais materiais utilizados nas cavalariças

Relativamente aos acabamentos interiores, nas cavalariças propõe-se materiais naturais e cores neutras. O betão armado das paredes é resistente e adapta-se bem às variações de temperatura, no entanto, para proteção dos coices dos cavalos, no interior das boxes é proposto um revestimento de painéis de borracha até meia altura. O piso das boxes será igualmente revestido por tapetes de borracha para garantir maior conforto, amortecimento de choques e proteção dos membros do cavalo, deve colocar-se cama de produtos naturais de qualquer maneira, no entanto não necessita de tanta quantidade como num piso apenas de cimento. O exterior das paredes das boxes será revestido a madeira para criar um ambiente mais acolhedor e natural. Para o corredor das cavalariças optou-se por um pavimento de betonilha porosa, uma vez que se trata de um material antiderrapante, resistente e permeável, sendo que na zona de limpeza dos cavalos é revestido pelos tapetes de borracha.

Com a influência de Barragán nas Cavalariças San Cristóbal, das Cavalariças de polo Figueras, e de Tadao Ando no Rancho Cerro Pelón (ver anexo II), uma das lâminas estruturais prolonga-se num plano horizontal e termina no espelho de água com uma fonte, proporcionando um ambiente sereno e fresco. O espaço de água, encontra-se de nível à cota mais alta, e à medida que se estende pelo largo, o terreno desce e uma vez que o espaço de água não acompanha o declive, é proporcionado um bebedouro para os cavalos. Seguindo a mesma linguagem de Barragán, no lado direito das cavalariças prolonga-se outro plano simples e horizontal, que tapa a visão da estrada e protege do barulho da mesma. Neste plano existe uma entrada independente para a zona do estacionamento de atrelados, que permite a passagem de animais sem perturbar a entrada principal.

São propostos dois edifícios de cavalariças: o que foi anteriormente referido, na zona norte do núcleo, e outro na zona sul. Este foi implantado diretamente no local onde foi proposta a demolição de um edifício sem valor patrimonial, embora não esteja diretamente ligado ao edifício preexistente. Segue o mesmo pensamento laminar estruturante, e é composto por quatro módulos, sendo que um é destinado à limpeza e preparação dos cavalos, dois são destinados a boxes, e um módulo para uma box de maior dimensão, sem aberturas para as outras boxes, dedicada a cavalos menos sociáveis ou doentes.

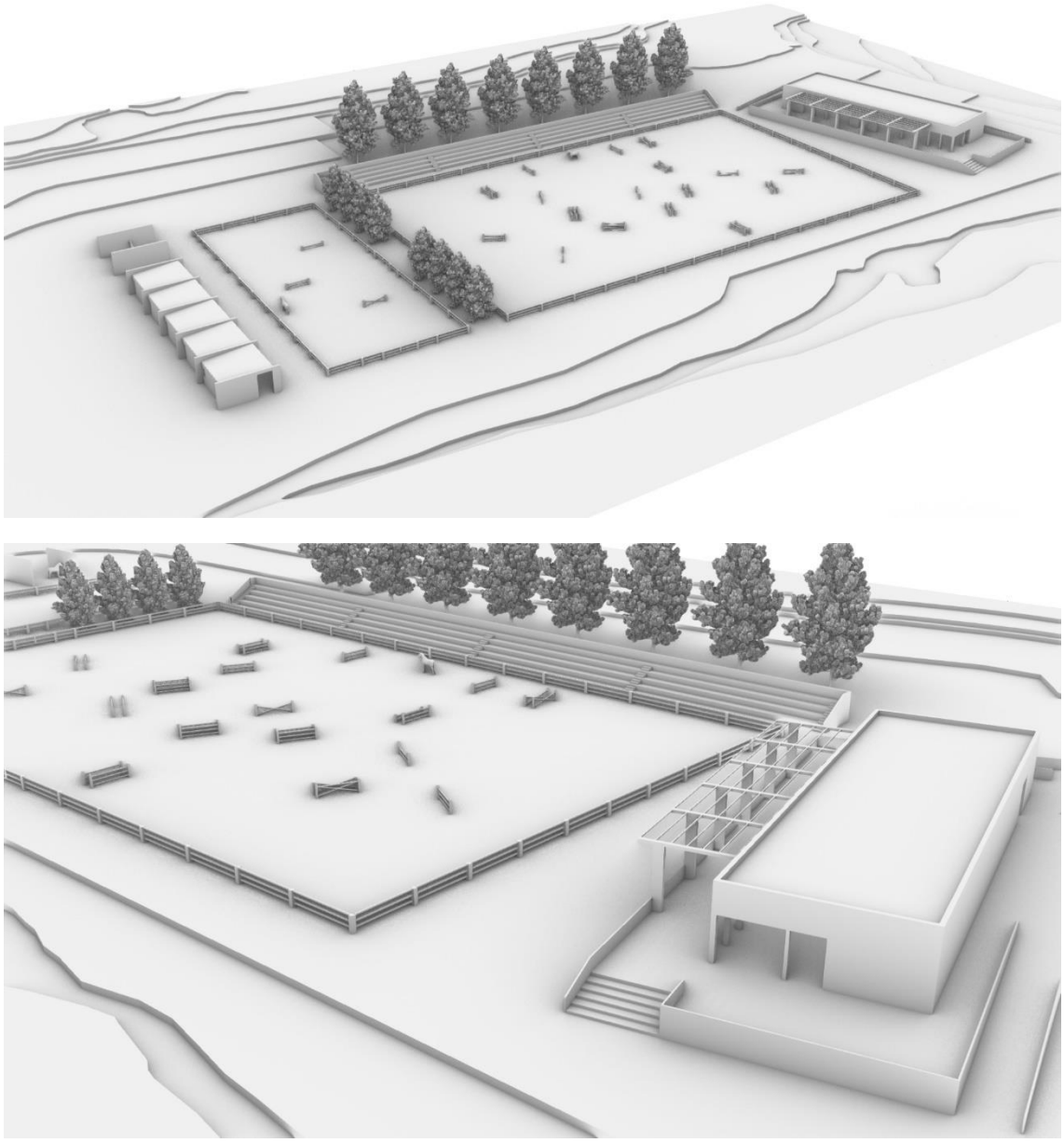


Fig. 92 . Maquete virtual do núcleo do Hipódromo

Para além das zonas de descanso e limpeza dos cavalos, são propostas duas zonas de trabalho: um picadeiro coberto e um picadeiro descoberto. O picadeiro coberto, de estrutura de madeira, tira partido do declive do terreno, de maneira que os cavalos entrem no picadeiro à cota mais baixa e os espectadores entrem na tribuna à cota mais alta. A tribuna elevada permite melhor visibilidade para o picadeiro e o espaço por baixo do mezanino serve como armazenamento de materiais e equipamento de apoio às aulas de equitação. O picadeiro de trabalho de 20m por 50m tem dimensões adequadas para aulas de equitação.

O picadeiro descoberto, paralelo ao percurso ascendente num dos seus lados maiores, é cercado por uma estrutura de madeira de 1,20m de altura, e acompanha a cota superior de entrada. No lado contrário ao percurso, foi proposta a plantação de sete carvalhos *fastigiata*, (*Quercus Robur fastigiata*) esta espécie de árvore foi geneticamente modificada para se desenvolver de maneira colunar, criando uma cortina contra o barulho da estrada, e, por ser de folha caduca proporciona diferentes cenários através do ciclo das diferentes estações. Psicologicamente, torna-se um espaço de trabalho mais agradável e natural para os cavaleiros.

. Hipódromo

No núcleo do hipódromo foram pensados apenas dois edifícios: um dedicado ao programa dos atletas de competição, onde estão localizados a receção, os balneários, enfermaria e depósitos, e para a escala do cavalo foi pensado também um modulo de lavagem, e dois módulos de limpeza e aparelhagem dos cavalos para as provas. Mais uma vez, foi repetida a morfologia e tipologia de estrutura laminar das cavalariças.

No lado oposto do núcleo surge o edifício do restaurante. Foi pensado como espaço independente do complexo, de grandes dimensões, com possibilidade de ser utilizado tanto em competições equestres como em eventos de outra natureza. Neste edifício também se encontram as instalações sanitárias de apoio às tribunas do picadeiro principal.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto Final de Mestrado pretendeu dar solução à problemática do atual hipódromo municipal e à falta de proteção de uma quinta histórica, que tem vindo a ser debatida ao longo dos anos pela Câmara Municipal de Almada e pelos proprietários.

A escolha do lugar foi realizada de modo a valorizar a temática abordada optando-se pela intervenção num lugar que, mesmo localizado numa cidade e já tendo sido afetado por isso, preserva grande parte da sua essência rural e natural. Optou-se por eleger a Quinta Vale do Rosal como objeto de trabalho, devido ao espaço e topografia privilegiada permitindo a implantação de um programa de maior escala, e podendo reviver e dar a conhecer um espaço importante a toda a comunidade equestre e não equestre.

A proposta tem como base todo o enquadramento teórico realizado ao longo do processo sobre a arquitetura equestre, bem como a análise de dados que fundamentam a temática escolhida como também a análise e diagnóstico do lugar e objeto de intervenção. Desta forma foram sustentadas e ditadas as diretrizes, objetivos e intenções primárias da proposta.

Uma vez que parte deste trabalho foi uma proposta de reabilitação de um edifício de índole patrimonial, foi essencial o estudo sobre os conceitos de reabilitação, conservação, restauro e património. Foi igualmente necessário estudar a sua história e os diferentes momentos de construção e dos usos deste edifício, permitindo fazer uma distinção entre os espaços de maior e menor valor patrimonial.

O projeto possui dois momentos de intervenção, a nova construção e as pré-existências, cuja premissa era a ligação entre ambas de modo a criar um conjunto edificado unido e harmonioso, através de relações de materialidade e contraste, por exemplo nas volumetrias e materialidades dos novos edifícios.

A conceção do Centro Hípico permitiu criar espaços otimizados e mais funcionais para a utilização tanto do cavalo como dos seus tratadores e cavaleiros, e possibilitou também a projeção de um núcleo que para além da sua principal finalidade ser a prática de desporto de lazer ou competição, acaba por atrair mais pessoas que queiram apenas desfrutar de um momento de descanso e contacto com a natureza. Em relação ao novo Hipódromo, as intenções do projeto consideram-se cumpridas uma vez que a intervenção teve sempre com premissa solucionar problemáticas vividas. O espaço apresenta todas as condições necessárias para poder acolher aqui o Festival Hípico da Sobreda e elevá-lo a um nível superior.

Assim, conclui-se que o objetivo final é conseguido ao tornar o conjunto edificado num todo harmonioso onde a Quinta Vale do Rosal, o Centro Hípico e o Hipódromo se unificam como local de permanência, expandindo e dando a conhecer a sua história.

Porém fica ainda em aberto uma reflexão sobre os temas da habitação e de um programa de alojamento para potenciais atletas em provas mais extensas, ou apenas para impulsionar ainda mais o turismo equestre nesta quinta.

BIBLIOGRAFIA

ADLER, D. TUTT, P. *New Metric Handbook Planning and Design Data*, Architectural Press, Oxford, 1997

AGUIAR, J. *Sebentas Da Conservação Do Restauro e Da Reabilitação*, Lisboa, 2018

BALLEREAU, J.F. *A equitação. A tradição. A técnica. A competição.,* Editorial Estampa, Lisboa, 1997

BARRAGÁN, L. *Obra Completa,* Dinalivro, Lisboa, 2003

BIERY, M. KAUFFMAN, N. *The effects of therapeutic horseback riding on balance* In *Adapted Physical Activity Quarterly*, Old Dominion University, EUA, 1989

BOULIN-NÉEL, L. SÉGARD, T. *O cavalo lusitano. Criação e tradições equestres em Portugal*, Bertrand Editora, Lisboa, 2004

CERDEIRA, F.H.L. *Requalificação da Quinta da Cardiga: o turismo rural como revitalizador do património e da paisagem*, Lisboa: FA, 2016, Tese de Mestrado em Arquitetura

CMA, Câmara Municipal de Almada. *Arte Equestre na Sobreda* In *Almada Agenda nº145*, Almada, 2014

COSTA, A. *Alguns Fragmentos* In LAIÑO, A.D. [et. al.] (coord.) – Fernando Távora, Corunha: COAG, 2002

CUNHA, L. *Economia e Política do Turismo*, Editorial Verbo, Lisboa, 2006

CUNHA, L. *Autenticidade e Inovação: fatores de renovação dos destinos turísticos maduros* in *Journal of Tourism Studies*, Lisboa, 2011

CRUZ, V. *Retratos de Siza,* Campo das Letras, Coimbra, 2005

FERNANDES, F. CANNATÀ, M. *Territórios Reabilitados*, Caleidoscópio, Lisboa, 2009

FLORA, D. *Monumento aos Quarenta Mártires* In *Al-Madan*, nº1, Maio/Nov., Centro de Arqueologia de Almada, 1983

FRAZÃO, A. REZENDE, R. *Equitação, Conceção de Instalações,* Instituto Português do Desporto e Juventude, 2012

HAWES, B. *Figueras Polo Stables: Estudio Ramos - Masterpiece Series*, Oscar Riera Ojeda Publishers, Hong Kong, 2018

JÚNIOR, D.J.V. *Villa e Termo de Almada*, Lisboa, 1896

LOBO, A. *Equitação Terapêutica: A Influência de um Programa de Equitação Terapêutica em jovens com Problemas/Distúrbios Comportamentais portadores de Deficiência Mental Ligeira*, Porto: FCDEF, 2003, Dissertação de Mestrado em Ciência do Desporto

NETTO DE ALMEIDA, E. *Equitação - Como e Porquê*, Dinalivro, Lisboa, 2011

NEVES, J.M. *Portuguese Contemporary Wine Architecture*, Usina Books, Lisboa, 2017

PAIVA, J. V. AGUIAR J. PINHO A. *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional - Vol. I.* Lisboa: Instituto Nacional de Habitação e Laboratório Nacional de Engenharia Civil. 2006

RIEDE, D. *Physiotherapy on the horse. Proceedings of the Seventh International Congress of Therapeutic Riding*, Aarhus, 1991

RAPOSO, F. H. *Terrível Ameaça a uma Quinta Histórica* In *O Independente,* Lisboa, 1993

RIGGEN, A. *Luis Barragán: Escritos y Conversaciones*, El Croquis, Madrid, 2000

SILVA, M. *Da arquitectura entre escalas no território e na paisagem. O Homem e o cavalo.,* Porto: FAUP, 2013, Dissertação de Mestrado em Arquitetura

TEIXEIRA, J. *Exposição Luis Barragán*, Fundação das Descobertas do Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1995

TELLES, P.B. *Chronica da Companhia de Jesus na província de Portugal*, 1647

TRENKLER, T. *Die Hofburg Wien*, Carl Ueberreuter Verlag, Viena, 2004

WICKERT, H. *O cavalo como instrumento cinesioterapêutico. Curso Básico de Equoterapia,* ANDE-BRASIL, 2015

WHEELER, E.F. *Horse Stable and riding arena design*, Blackwell Publishing, Oxford, 2006

ZÖLLNER, F. *Leonardo da Vinci: obra completa de desenho e pintura*, Taschen, Koln, 2004

WEBGRAFIA E DOCUMENTOS DIGITAIS

Almada Virtual, *Freguesia de Caparica no século XIX*, consultado em maio de 2022, disponível em: https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2014/05/freguesia-de-caparica-no-seculo-xix.html

Almada Virtual, *Valderozal*, consultado em maio de 2022, disponível em: https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2015/12/valderozal.html

Almada Virtual, *Vale de Rosal e os dias 4 e 5 de outubro de 1910*, consultado em maio de 2022, disponível em: https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2016/10/vale-de-rosal-e-os-dias-4-e-5-de.html

ANTE PETUR, Associação Nacional de Turismo Equestre, consultado em março de 2023, disponível em: https://equestriantourisminportugal.com/

Arquivo da Câmara Municipal de Almada, registos da Quinta Vale do Rosal, consultado em maio de 2022, disponível em: https://apps.cm-almada.pt/arquivohistorico/details?id=124954&detailsType=Description

Arte e Arquitetura: *Desenhos ao Jantar, Álvaro Siza,* (2012), consultado em setembro de 2022, disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/01-48388/arte-e-arquitetura-desenhos-ao-jantar-alvaro-siza

Cavalariças de Polo Figueras, (2017), consultado em março de 2022, disponível em: https://www.estudio ramos.com/sports-figueraspolostables

Centro Equestre Merricks, (2017), consultado em março de 2022, disponível em: https://watsonarchitecture.com/projects/equestrian-centre-merricks

Dimensões e pistas da Sociedade Hípica Portuguesa, consultado em setembro de 2022, disponível em: https://sociedadehipica.pt/pistas/

FARIAS, H. ALEGRE, A.. *Reabilitação Dos Edifícios Da Antiga Abegoaria, Aviário E Estufas Da Quinta Da Pena, No Parque Da Pena, Em Sintra*, 2015, consultado em abril de 2024, disponível em: https://www.researchgate.net/publication/320710292_Reabilitacao_Dos_Edificios_Da_Antiga_Abegoaria_Aviario_E_Estufas_Da_Quinta_Da_Pena_No_Parque_Da_Pena_Em_Sintra

Federação Equestre Portuguesa, *Regulamento Nacional de Dressage*, 2021, consultado em março de 2023, disponível em: https://www.fep.pt/Portals/0/Ficheiros/Disciplinas/Ensino/2020/Regulamento%20Dressage%202021.pdf

FEP, Federação Equestre Portuguesa, consultado em março de 2023, disponível em: https://www.fep.pt/

História da Freguesia da Charneca de Caparica e Sobreda, consultado em fevereiro de 2022, disponível em: https://www.jf-charnecacaparica-sobreda.pt/freguesia/territorio/historia

ICOMOS (1931) Carta de Atenas - Carta Internacional sobre o Restauro dos Monumentos, consultado em abril de 2022, disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf

ICOMOS (1964) Carta de Veneza - Carta Internacional sobre a Conservação e o Restauro dos Monumentos e dos Sítios, consultado em abril de 2022, disponível em: https://www.fmnf.pt/Upload/Cms/Archive/CartadeVeneza1964.pdf

PEREIRA DA COSTA, F. *Enciclopédia prática da construção civil, Asnas de Madeira*, Portugália Editora, Lisboa, consultado em janeiro de 2023, disponível em: https://pt.slideshare.net/slideshow/fasciculo-01-asnas-de-madeira/39046943

RAN, *Reserva agrícola nacional*, Diário da República n.º 76/2011, Portaria n.º 162/2011, consultado em maio de 2022, disponível em: https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/portaria/162-2011-276815

REN, *Reserva ecológica nacional*, Portaria nº 419/2012, consultado em maio de 2022, disponível em: https://files.diariodarepublica.pt/1s/2012/12/24600/0720307212.pdf

ANEXOS

Anexo I . Painéis de Seminários

Anexo II . Outros casos de referência estudados

Anexo III . Dados ANTE - Associação Nacional de Turismo Equestre

Anexo IV . Plantas de condicionantes REN e PDM de Almada

Anexo V . Documentação cedida pela Câmara Municipal de Almada

Anexo VI . Levantamento fotográfico

Anexo VII . Novas construções e demolições – planta de cores convencionais

Anexo VIII . Maquetes digitais

Anexo IX . Fotografias das maquetes físicas

Anexo X . Peças desenhadas definitivas

. Anexo I . Painéis de Seminários

ARQUITETURA EQUESTRE
PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALE ROSAL
IMPLEMENTAÇÃO DE CENTRO HÍPICO E HIPÓDROMO

REABILITAÇÃO | ARQUITETURA EQUESTRE | CENTRO HÍPICO | CAVALO | TURISMO DE NATUREZA

PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM AQUITETURA
COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO
SEMINÁRIOS DE APOIO AO PROJETO FINAL DE MESTRADO

ORIENTADORES: PROFESSOR ARQUITETO CARLOS MACEDO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUÍS CRESPO

CAROLINA VIEIRA FONSECA RESENDE MIINT 59ª. 20161255

OBJETIVOS:

01. Criar espaços otimizados - picadeiros, zonas de preparação dos cavalos, boxes, e zonas de apoio aos cavaleiros - que facilitem a sua utilização, tanto em meio de provas como em atividades de lazer.

02. Desenhar estes espaços, com o maior nível de conforto, tanto para os cavalos como para os cavaleiros, através da arquitetura, por exemplo na escolha de materiais e morfologia dos espaços.

03. Reorganizar e reabilitar os espaços interiores do edifício existente, para o seu novo programa, nomeadamente zonas de arrumos de material, salas de aula, zonas administrativas e salas de reuniões.

04. Resolver os problemas encontrados, por exemplo a autoestrada construída adjacente ao terreno, com soluções como painéis e cortinas arbóreas.

05. Potencializar a economia local e a requalificar a área da Charneca da Caparica e Sobreda, através deste novo ponto turístico.

ESTRUTURA DO DOCUMENTO:

Resumo e Abstract
Índice Geral e de Figuras
1 . Introdução
1.1 . Justificação temática e motivação
1.2 . Objetivos e questões de trabalho
1.3 . Metodologia
1.4 . Organização sequencial da tese
2 . Enquadramento teórico e contextualização
2.1 . Reabilitação
2.2 . Turismo de natureza
2.3 . Benefícios da prática equestre (Equoterapia)
2.4 . Arte equestre
2.5 . Arquitetura equestre
3 . O Lugar
3.1 . Quinta de Vale Rosal
3.2 . Envolvente - análise e enquadramento
3.3 . História do local
4 . Casos de Referência;
4.1 . Nacionais
4.2 . Internacionais
5 . Projeto de Centro Hípico
5.1 . O Lugar
5.2 . A Estratégia
5.3 . O Programa
5.4 . O Projeto
6 . Considerações Finais
Referências Bibliográficas e Anexos

QUINTA DE VALE ROSAL - CRONOLOGIA:

1559 — Terreno doado aos Jesuítas - construção de uma quinta para retiro espiritual
1570 — Padres instalam-se aqui para prepararem a evangelização do Brasil
1571 — Ferrão Mendes Pinto toda-se na quinta e escreve *Peregrinação*
1759 — Todos os Jesuítas são desterrados pelo Marquês de Pombal e a quinta é confiscada
1880 — Volta a ficar na posse de Jesuítas
1910 — Implantação da república - ato anticlerical incendeia a capela e destrói bens
1916 — António Carlos adquire a quinta e continua nas gerações seguintes


Quinta de Vale Rosal 1911


Carta Chorographica 1854


Fotografia Aérea da Quinta

CONCEITOS TEÓRICOS:

REABILITAÇÃO

. Estratégia que reconhece valores, recupera relações e permite um desenvolvimento diferente, quer de centros históricos ao abandono, quer do meio rural.

. Entende-se por reabilitação um conjunto de ações que permitem a utilização de um edifício histórico, envolvendo ou não adaptações.

. Neste processo é necessário haver legibilidade entre o que é pré existente e as novas adições, com materiais e formas reconhecíveis - Valor de Autenticidade.

TURISMO DE NATUREZA

. Trajetos realizados para experimentar o contacto com o meio natural (fauna e flora) e para usufruir da prática de atividades de ar livre e do prazer de contemplar a beleza das paisagens.

. Naturalmente, por isso, o turismo equestre ocupa lugar de relevo nesta crescente especialização, devido ao seu potencial, apresentado uma multiplicidade de ofertas. Por outro lado, segundo a entidade Turismo de Portugal (2012), existem cerca de 6,4 milhões de praticantes em toda a Europa e, por isso, potenciais clientes do turismo de natureza, nesta vertente mais especializada.

BENEFÍCIOS DA PRÁTICA DE DESPORTOS EQUESTRES - EQUOTERAPIA

. A Equoterapia - terapia assistida pelo cavalo - começou a ser considerada uma valência terapêutica em meados do século XX. O indivíduo necessita de usar todos os seus músculos e articulações, por isso, obtêm-se benefícios não só a nível físico como também a nível mental, devido a vibrações que surgem com os movimentos corporais criados através do movimento do cavalo.

. A cada movimento do cavalo, surgem novas informações proprioceptivas que por sua vez permitem a criação de esquemas neuro-musculares, que posteriormente geram impulsos sensoriais que, juntamente com o ambiente circundante, irão estimular competências cognitivas, psicossociais e motoras.

. Com isto, o cavaleiro que pratique equitação está, mesmo que involuntariamente, a realizar estes movimentos e, assim, a beneficiar de melhorias na sua postura e no seu sistema nervoso e, para o caso de cavaleiros portadores de deficiência motora, estes benefícios são ainda mais valiosos, porque, por vezes, são movimentos que sozinhos não seriam capazes de realizar.

ARQUITETURA EQUESTRE - SEGURANÇA E CONFORTO

. Projetar para o cavalo não é a mesma coisa que projetar para pessoas. É necessário ter conhecimentos sobre os seus comportamentos e necessidades. Existem diferenças significativas nos requisitos de espaço e armazenamento. Além disso, os cavalos são animais de vida longa que podem permanecer numa instalação específica durante anos, senão décadas, por isso precisam de um espaço onde possam viver confortavelmente, todo este tempo.

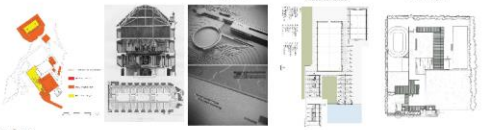
. O projeto deve ter em consideração tanto a segurança e o conforto dos cavalos como a conveniência das pessoas que cuidam deles. O programa irá contemplar áreas para pessoas, cavalos, materiais e máquinas. Entre os diferentes espaços, irão circular animais, visitantes e veículos. Por isso, todas as unidades construídas devem ser devidamente conectadas, sem prejudicar quaisquer funções.

. Principais aspetos a considerar: piso dentro e fora do picadeiro, ventilação, acessos, luz e vãos.

CASOS DE REFERÊNCIA - ANÁLISE:

	REABILITAÇÃO		NOVA CONSTRUÇÃO		
NOME	Coudelaria de Alter	Stallburg	Rancho Cerro Pelon	Centro Equestre Leça da Palmeira	Cuadra San Cristóbal
ARQUITETO		Joseph Fischer von Erlach	Tadao Ando	Carlos Castanheira e Clara Bastai	Luis Barragán
LOCAL	Alter do Chão	Viena	Santa Fe	Matosinhos	Cidade do México
ANO	1750	1558-1565	2012	2012	1964-1969
REABILITAÇÃO	Ano reab. 2020 Autor reab. Revive	Ano reab. 1948	x	x	x
PROGRAMA	Coudelaria, Hotel	Escola Espanhola de Arte Equestre	Centro equestre, Habitação	Centro equestre privado	Centro equestre, Habitação
PONTO DE INTERESSE	Reabilitação	Reabilitação	Volumetria Morfologia	Funcionalidade Materialidade	Cor Morfologia

DESENHOS



REGISTO FOTOGRÁFICO



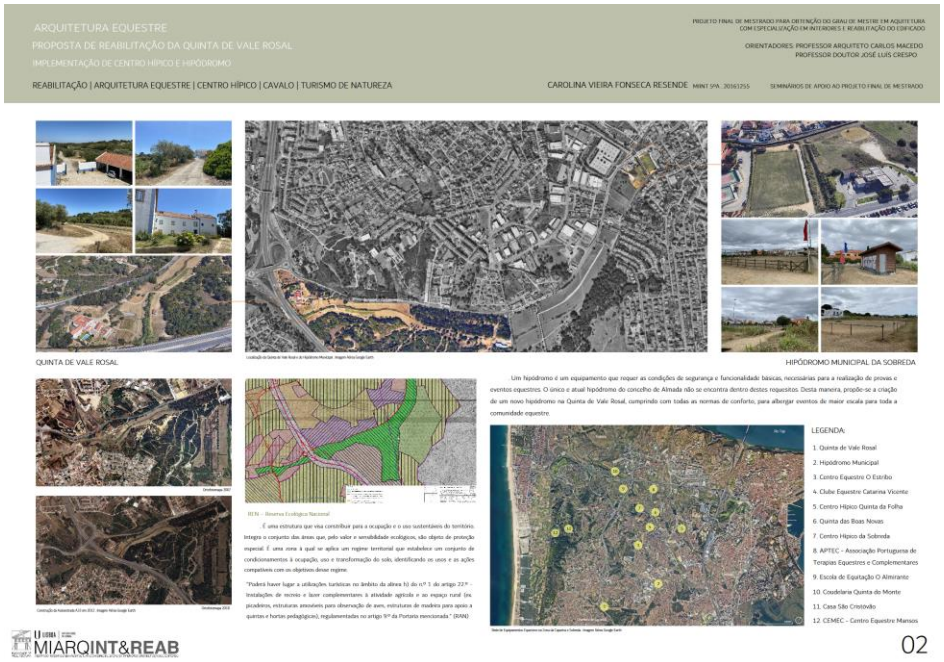
BIBLIOGRAFIA:

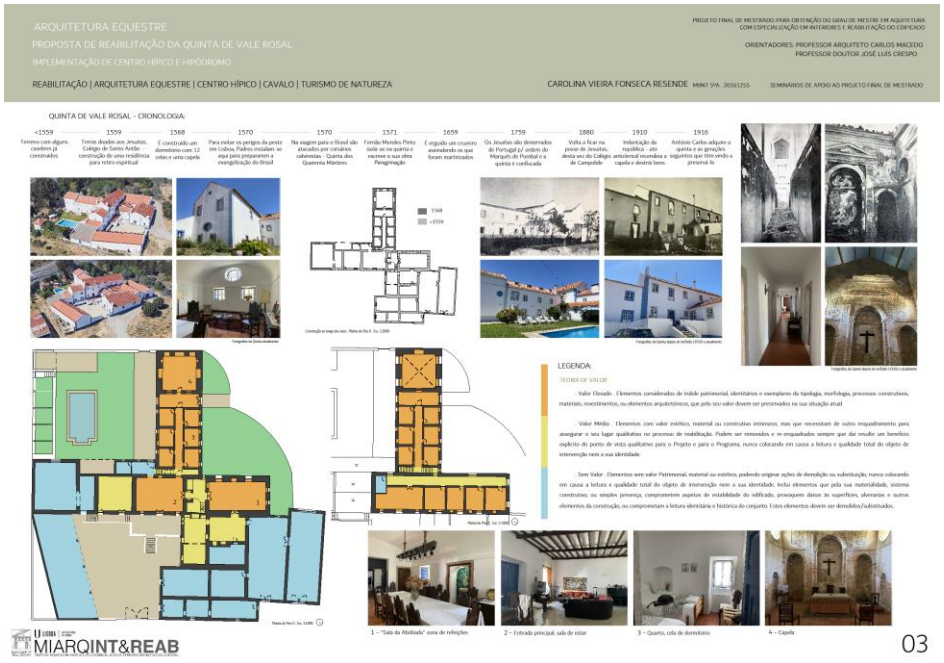


1. CERDEIRA, F.H.L., *Requalificação da Quinta da Cardiga : o turismo rural como revitalizador do património e da paisagem*, Lisboa : FA, 2016, tese de mestrado de arquitetura 2. CHOAY, F. *Património e Mundialização*, Casa do Sul Edições, 2005 3. VASCONCELOS PAIVA, J. AGUIAR J., PINHO A. *Guia Técnico de Reabilitação Habitacional - Vol. I*. Lisboa: Instituto Nacional de Habitação e Laboratório Nacional de Engenharia Civil. 2006. 4. WHEELER, E.F. *Horse Stable and riding arena design*. Oxford: Blackwell Publishing, 2008 5. FRAZÃO, A., REZENDE, R. *Equitação, Conceção de Instalações*. Instituto Português do Desporto e Juventude, 2002 6. EDWARDS, E.H. *The Horse Encyclopedia*. DK Publishing, Nova Iorque, 2016 7. BARRAGAN, L. *Obra Completa*. Dinalivro, Lisboa, 2003

MIARQINT&REAB

01


ARQUITETURA EQUESTRE
PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALE ROSAL
IMPLEMENTAÇÃO DE CENTRO HÍPICO E HIPÓDROMO
REABILITAÇÃO | ARQUITETURA EQUESTRE | CENTRO HÍPICO | CAVALO | TURISMO DE NATUREZA
PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM AQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO
ORIENTADORES: PROFESSOR ARQUITETO CARLOS MACEDO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUÍS CRESPO
CAROLINA VIEIRA FONSECA RESENDE
SEMINÁRIOS DE APOIO AO PROJETO FINAL DE MESTRADO
QUINTA DE VALE ROSAL
HIPÓDROMO MUNICIPAL DA SOBREDA
LEGENDA:
1. Quinta de Vale Rosal
2. Hipódromo Municipal
3. Centro Equestre O Estribo
4. Clube Equestre Catarina Vicente
5. Centro Hípico Quinta da Folha
6. Quinta das Boas Novas
7. Centro Hípico da Sobreda
8. APTEC - Associação Portuguesa de Terapias Equestres e Complementares
9. Escola de Equitação O Almirante
10. Coudelaria Quinta do Monte
11. Casa São Cristóvão
12. CEMEC - Centro Equestre Mansos
MIARQINT&REAB
02


ARQUITETURA EQUESTRE
PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALE ROSAL
IMPLEMENTAÇÃO DE CENTRO HÍPICO E HIPÓDROMO
REABILITAÇÃO | ARQUITETURA EQUESTRE | CENTRO HÍPICO | CAVALO | TURISMO DE NATUREZA
PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM AQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO
ORIENTADORES: PROFESSOR ARQUITETO CARLOS MACEDO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUÍS CRESPO
CAROLINA VIEIRA FONSECA RESENDE
SEMINÁRIOS DE APOIO AO PROJETO FINAL DE MESTRADO
QUINTA DE VALE ROSAL - CRONOLOGIA:
<1559
1559
1568
1570
1570
1571
1659
1759
1880
1910
1916
LEGENDA:
TEORIA DE VALOR
MIARQINT&REAB
03


ARQUITETURA EQUESTRE
PROPOSTA DE REABILITAÇÃO DA QUINTA DE VALE ROSAL
IMPLEMENTAÇÃO DE CENTRO HÍPICO E HIPÓDROMO
REABILITAÇÃO | ARQUITETURA EQUESTRE | CENTRO HÍPICO | CAVALO | TURISMO DE NATUREZA
PROJETO FINAL DE MESTRADO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM AQUITETURA COM ESPECIALIZAÇÃO EM INTERIORES E REABILITAÇÃO DO EDIFICADO
ORIENTADORES: PROFESSOR ARQUITETO CARLOS MACEDO
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ LUÍS CRESPO
CAROLINA VIEIRA FONSECA RESENDE
SEMINÁRIOS DE APOIO AO PROJETO FINAL DE MESTRADO
ORGANOGRAMA - NOVO PROGRAMA:
HUMANO
CENTRO HÍPICO
CAVALO
ANÁLISE DO LUGAR:
Vantagens:
Desvantagens:
Acessibilidades:
MEMÓRIA DESCRITIVA
MIARQINT&REAB
04

Anexo II . Outros casos de referência estudados







. Edifício Stallburg - Reabilitação - 1735, 2007

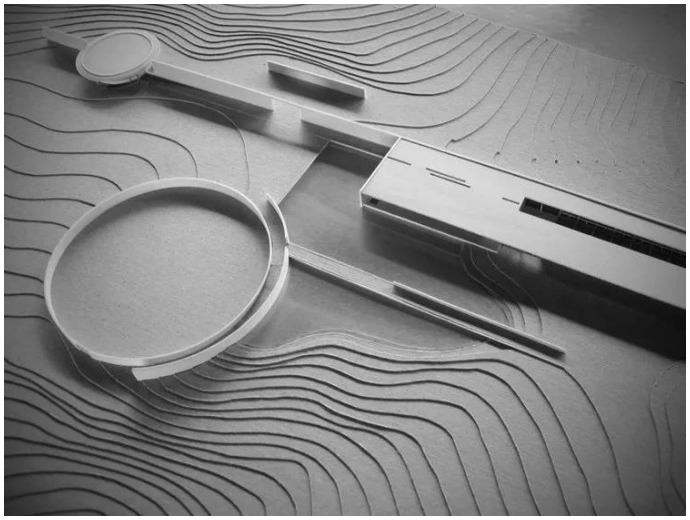
Fonte: https://www.burghauptmannschaft.at/en/Properties/Properties/Vienna/Imperial-Palace-Vienna/Imperial-Stables-(Stallburg).html

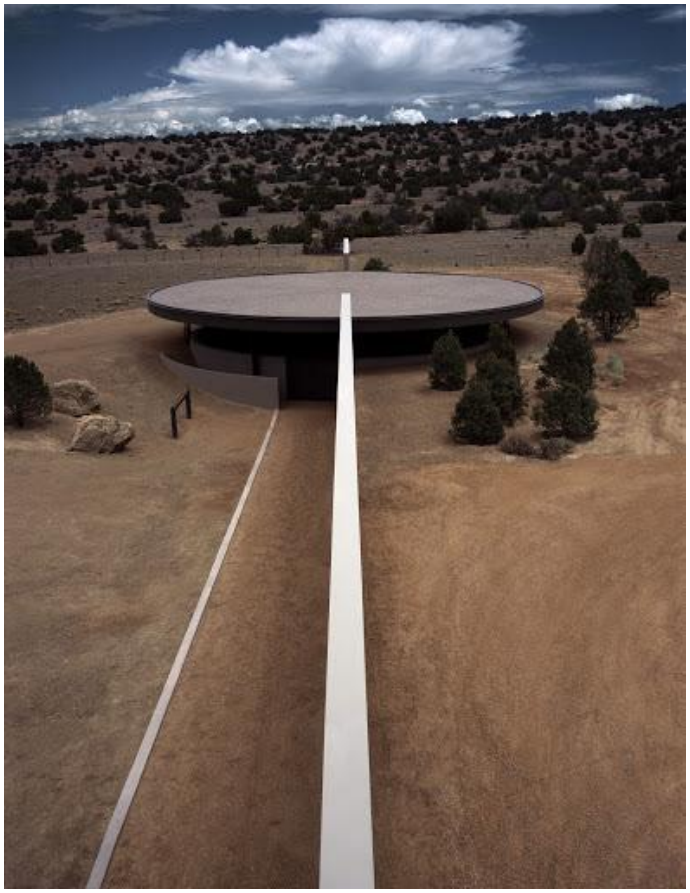
O Stallburg faz parte do Palácio Imperial Hofburg, em Viena, Áustria. O edifício foi originalmente construído em 1558 como um projeto de residência do filho do imperador Fernando I, que em 1564 se torna imperador Maximiliano II. Nesta altura, passa para a residência do seu pai na Ala Suíça. Assim, a sua antiga residência é convertida em estábulos da corte para os cavalos da família imperial. Apenas em 1725, foi concluída a ala palaciana das cavalariças.

A biblioteca real seguiu o exemplo em 1735, sendo reabilitada e reconvertida no novo Picadeiro de Inverno. A escolha deste local para um novo picadeiro coberto foi feita pela proximidade ao edifício Stallburg, onde os cavalos tinham os seus estábulos, e pela possibilidade de conectar o picadeiro à residência real. Nesta reabilitação preservou-se a maior parte do preexistente, sendo que apenas foi retirado o pavimento para a instalação de um novo pavimento de areia.

Em 1945, pouco antes do final da Segunda Guerra Mundial, o edifício foi severamente danificado por bombardeios e entre 1947 e 1948 foi reconstruído no estilo original. Atualmente, o piso térreo do Stallburg, abriga os estábulos dos cavalos Lipizzan da Escola Espanhola de Equitação. Em 2007, realizou-se a adaptação das arcadas renascentistas do piso térreo do pátio para dar lugar a mais onze boxes de cavalos, com a adição de novos portões e ripas de proteção solar. Foi realizada uma abordagem contemporânea em relação ao preexistente, com materiais modernos e linhas mais simples.







. Rancho Cerro Pelon, Santa Fé, EUA - Tadao Ando - 2012

Fonte: https://archeyes.com/tom-fords-horse-ranch-tadao-ando/

O rancho Cerro Pelon é um projeto de Tadao Ando, desenvolvido em parceria com o seu proprietário, o designer de moda Tom Ford. Está localizado no deserto do Novo México, numa propriedade de aproximadamente 9000 hectares, e para além da residência principal, o rancho conta com um espaço para cavalos, incluindo oito boxes,

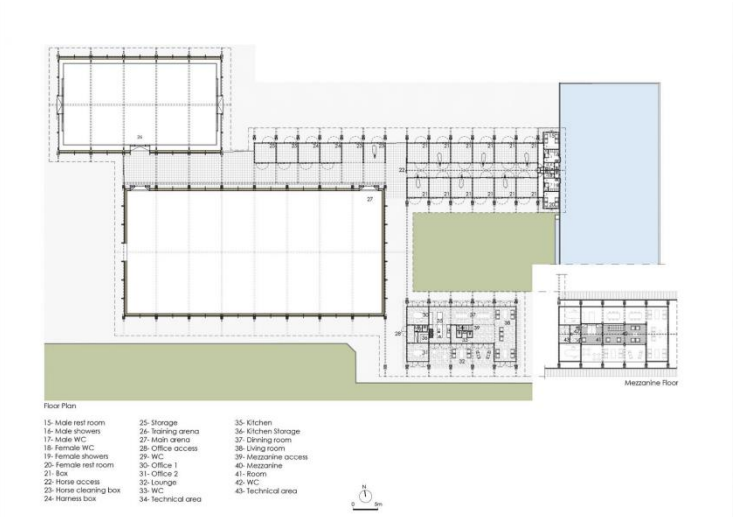
A localização do projeto foi feita de maneira a implantar o edifício principal no ponto mais elevado da propriedade, proporcionando uma vista panorâmica de 360º. Este edifício é composto pela zona da habitação, e das cavalariças. Unido a este por um plano horizontal de betão, é possível encontrar o picadeiro coberto, de forma circular, tal como o descoberto, mas de dimensões mais pequenas. Estes picadeiros circulares capturam com precisam o estilo de Tadao Ando, refletindo uma composição geométrica pura, baseada em linhas e círculos. Os materiais usados, como o betão, a madeira e a pedra, reforçam a simplicidade e o enquadramento na paisagem natural.

Este projeto destaca-se por uma arquitetura de linhas minimalistas e conjuntos de planos horizontais, criando edifícios que se integram na paisagem, tal como o lago e o rio Galisteo que atravessa o terreno. Similarmente foi projetado um espelho de água que reflete o edifício e une todos os espaços.








Mezzanine Floor
Floor Plan
15- Male rest room
16- Male showers
17- Male WC
18- Female WC
19- Female showers
20- Female rest room
21- Box
22- Horse access
23- Horse cleaning box
24- Harness box
25- Storage
26- Training arena
27- Main arena
28- Office access
29- WC
30- Office 1
31- Office 2
32- Lounge
33- WC
34- Technical area
35- Kitchen
36- Kitchen Storage
37- Dining room
38- Living room
39- Mezzanine access
40- Mezzanine
41- Room
42- WC
43- Technical area

. Centro Equestre Leça da Palmeira, Matosinhos - Carlos Castanheira e Clara Bastai - 2012

Fonte: https://www.carloscastanheira.pt/project/equestrian-center/
https://archarticulate.com/equestrian-centre-carlos-castanheira-clara-bastai/

Os arquitetos autodefinem-se como reféns de uma arquitetura funcionalista, onde o conforto é um princípio intrínseco ao lugar. O grande desafio do projeto foi a utilização inovadora da madeira como material principal. O complexo equestre é inteiramente construído em madeira, desde o revestimento das paredes, tetos e instalações internas até a estrutura essencial da edificação. Este projeto é, portanto, uma obra-prima de carpintaria, onde a madeira não é apenas um elemento estético, mas a base estrutural e arquitetónica.

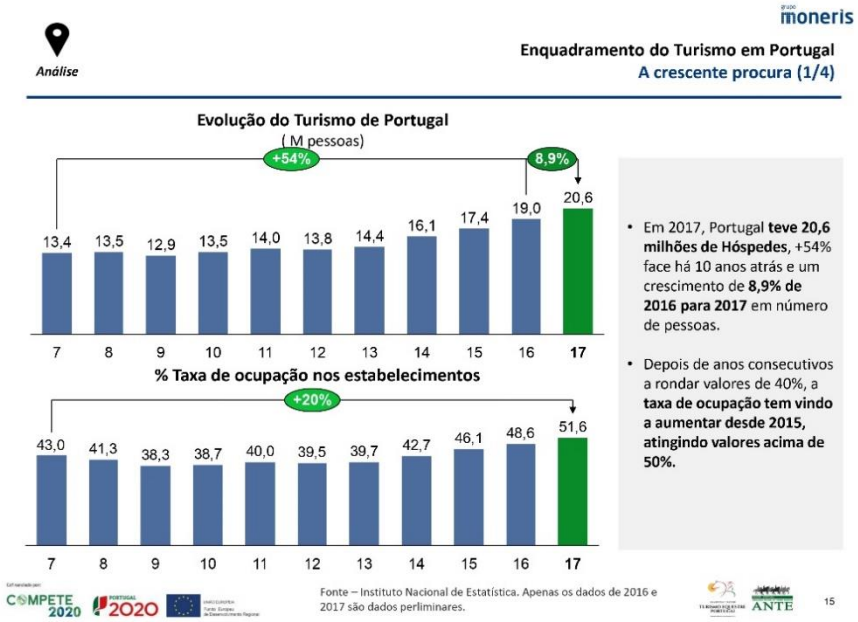
O programa do complexo inclui um estábulo de madeira com dois picadeiros cobertos, um celeiro e um espaço social, todos integralmente em madeira. Na área exterior, há também um picadeiro de dimensões maiores do que os picadeiros cobertos, além de paddocks, campos de salto e percursos. Neste contexto, o utilizador principal é o cavalo, para atender às necessidades específicas desses animais, os arquitetos trabalharam com especialistas no maneio e no bem-estar dos cavalos, assegurando que o espaço fosse adequado e confortável.

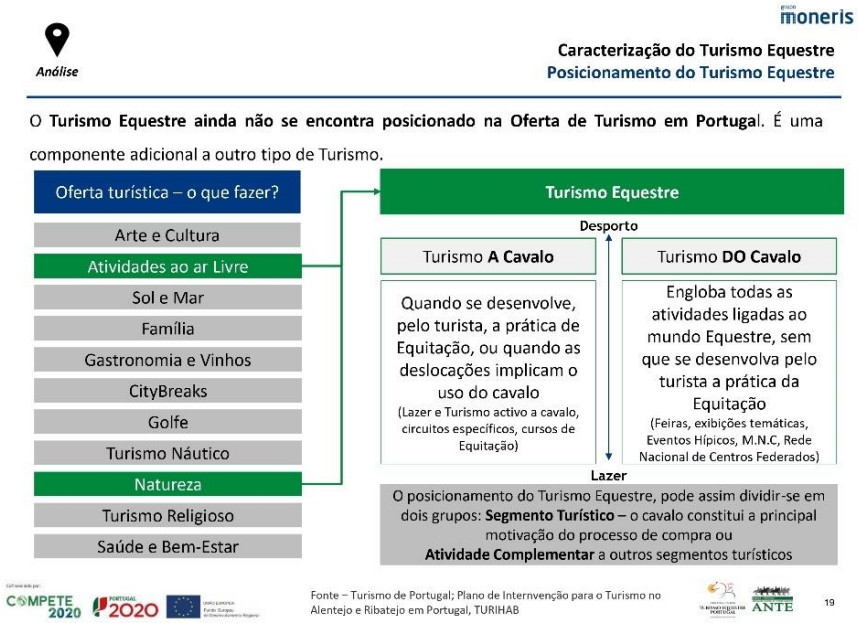
Os dois picadeiros cobertos representaram um desafio estrutural significativo, devido à ampla cobertura de vão único. Nesse caso, a estrutura não define apenas o espaço, mas também cria a atmosfera interna de forma decisiva.

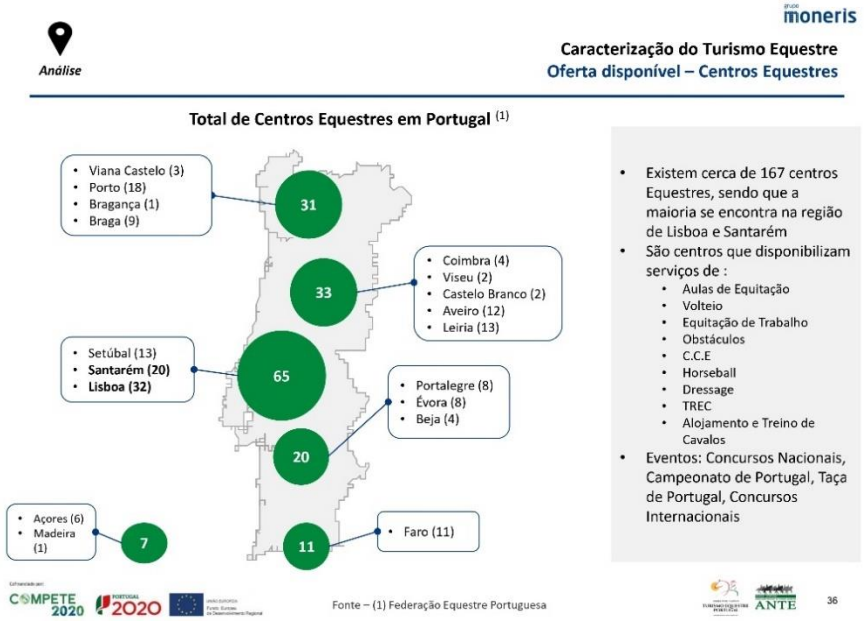


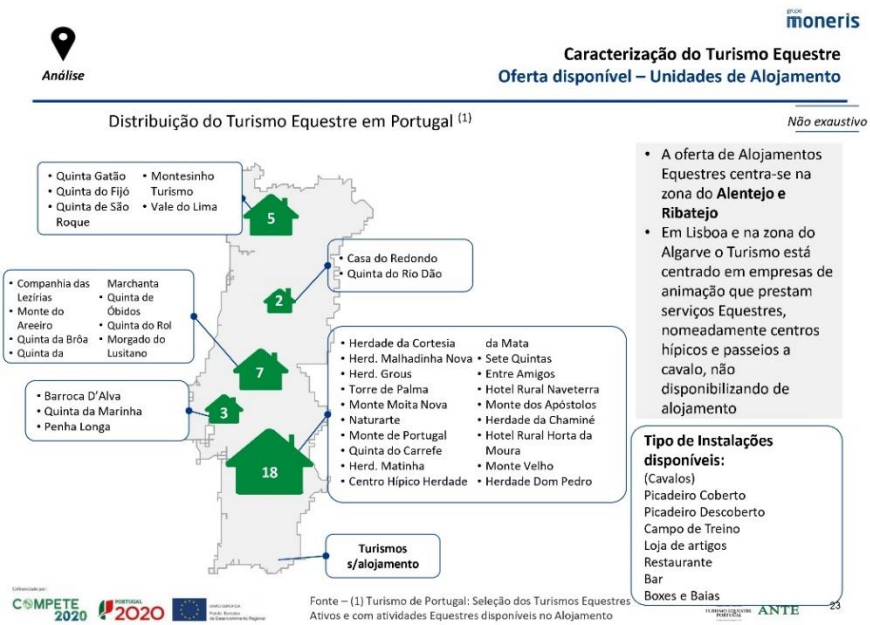
Anexo III . Dados ANTE - Associação Nacional de Turismo Equestre

. PETUR - Plano Estratégico para o Turismo Equestre de Portugal



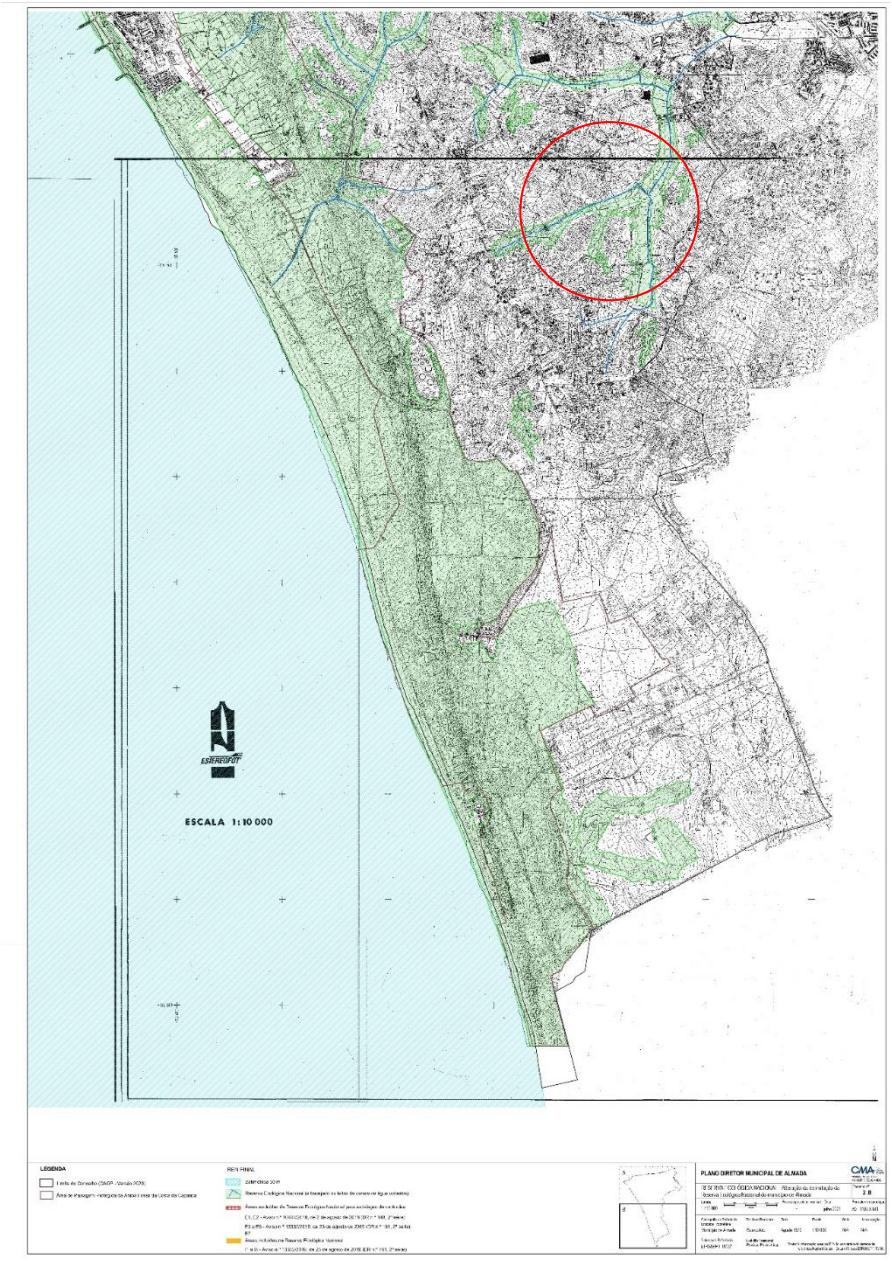



Análise
moneris
Caracterização do Turismo Equestre
Oferta disponível – Centros Equestres
Total de Centros Equestres em Portugal (1)
• Viana Castelo (3)
• Porto (18)
• Bragança (1)
• Braga (9)
31
33
• Coimbra (4)
• Viseu (2)
• Castelo Branco (2)
• Aveiro (12)
• Leiria (13)
• Setúbal (13)
• Santarém (20)
• Lisboa (32)
65
• Portalegre (8)
• Évora (8)
• Beja (4)
20
• Açores (6)
• Madeira (1)
7
11
• Faro (11)
• Existem cerca de 167 centros Equestres, sendo que a maioria se encontra na região de Lisboa e Santarém
• São centros que disponibilizam serviços de :
• Aulas de Equitação
• Volteio
• Equitação de Trabalho
• Obstáculos
• C.C.E
• Horseball
• Dressage
• TREC
• Alojamento e Treino de Cavalos
• Eventos: Concursos Nacionais, Campeonato de Portugal, Taça de Portugal, Concursos Internacionais
COMPETE 2020
PORTUGAL 2020
Fonte – (1) Federação Equestre Portuguesa
ANTE
36


Análise
moneris
Caracterização do Turismo Equestre
Oferta disponível – Unidades de Alojamento
Distribuição do Turismo Equestre em Portugal (1)
Não exaustivo
• Quinta Gatão
• Quinta do Fijó
• Quinta de São Roque
• Montesinho Turismo
• Vale do Lima
5
• Casa do Redondo
• Quinta do Rio Dão
2
• Companhia das Lezírias
• Monte do Areeiro
• Quinta da Bróa
• Quinta da Marchanta
• Quinta de Óbidos
• Quinta do Rol
• Morgado do Lusitano
7
• Herdade da Cortesia da Mata
• Herd. Malhadinha Nova
• Sete Quintas
• Herd. Grous
• Entre Amigos
• Torre de Palma
• Hotel Rural Naveterra
• Monte Moita Nova
• Monte dos Apóstolos
• Naturarte
• Herdade da Chaminé
• Monte de Portugal
• Hotel Rural Horta da Moura
• Quinta do Carrefe
• Herd. Matinha
• Monte Velho
• Centro Hípico Herdade
• Herdade Dom Pedro
18
• Barroca D'Alva
• Quinta da Marinha
• Penha Longa
3
Turismos s/alojamento
• A oferta de Alojamentos Equestres centra-se na zona do Alentejo e Ribatejo
• Em Lisboa e na zona do Algarve o Turismo está centrado em empresas de animação que prestam serviços Equestres, nomeadamente centros hípicos e passeios a cavalo, não disponibilizando de alojamento
Tipo de Instalações disponíveis:
(Cavalos)
Picadeiro Coberto
Picadeiro Descoberto
Campo de Treino
Loja de artigos
Restaurante
Bar
Boxes e Baias
COMPETE 2020
PORTUGAL 2020
Fonte – (1) Turismo de Portugal: Seleção dos Turismos Equestres Ativos e com atividades Equestres disponíveis no Alojamento
ANTE
23

Anexo IV . Plantas de condicionantes REN e PDM de Almada





Anexo V . Documentação cedida pela Câmara Municipal de Almada



BANDEIRA DO PATRIMÓNIO

Francisco Hipólito Raposo

Terrível ameaça a uma quinta histórica

No dia 15 de Julho de 1570, 40 missionários jesuítas embarcados na nau Santiago, à vista das Ilhas Canárias e a caminho do Brasil, morrem martirizados às mãos de piratas franceses, que os lançam ao mar. O Irmão João Sanches, conseguindo escapar, foi a testemunha de mais esta história trágico-marítima. O paladino espiritual do grupo era o Beato Pe. Inácio de Azevedo, fidalgo e senhor de largos domínios que abandonou pela causa de Cristo, com um extraordinário poder mobilizador de vocações para a evangelização do Brasil.

A 10 de Agosto de 1584 chegou, vinda do Japão, «a mais rara e estranha embaixada» que alguma vez arribara a Lisboa. Constituíam-na quatro príncipes com cerca de 16 anos, Mâncio Ito, Miguel Cingiva, Juliano de Nicaura e Martinho de Fara, enviados pelos poderosos reis Francisco, de Bungo, Protásio, de Arima e Bartolomeu, de Omura, seus familiares que convertidos à lei cristã, vinham submeter os seus reinos através daqueles jovens emissários à hegemonia do Papa, em viagem até Roma e regresso ao Japão, «sabendo quão amplíssima era a dignidade que tinha na terra como vigário de Cristo haviam julgado não poder fazerem nada melhor, como mandá-los dos mais remotos confins da terra beijar em seu nome santíssimos pés e pôlos sobre as suas cabeças em sinal da sua religião» (Pe. Duarte de Sande in «De missione Legatorum Japonensium...», 1590, adaptado por A.J. Figueiredo no Archivo Pittoresco, 1862).

A expedição dos príncipes demorou exactamente quatro anos, pois só regressou ao Japão em 11 de Agosto de 1588, e foi um êxito, embora no retorno só tivessem encontrado vivo o rei de Arima para receber os fabulosos presentes que lhe enviavam Filipe I de Portugal e os Papas Gregório XIII e Sixto V. Os príncipes estavam em Roma quando aquele Papa morreu e participaram na sagração do segundo. Muito doente, Gregório XIII esperava ansiosamente a embaixada japonesa e a sua comoção e afecto foi tal ao recebê-los que exclamou, com as lágrimas nos olhos: «Nunc dimittis Servum tuum Domine, in Pace: Agora Senhor, já o vosso servo acabará tranquilo a mortal carreira».

Por todo o sítio onde passaram, através de Portugal, Espanha e Itália, eram vivamente aclamados pela multidão e pela mais alta nobreza. Para se ter uma ideia da importância de tal acontecimento, basta dizer que foram consagrados cidadãos romanos e nobilitados pelo Senado de Roma e o Papa Gregório mandou cunhar uma moeda de prata em sua honra. Foram sempre acompanhados pelos jesuítas Pe. Diogo Mesquita, mestre e pedagogo, o Pe. Nuno Rodrigues, e o intérprete, Irmão Jorge de Loyola. Foi um dos acontecimentos mais importantes da 2ª metade do século XVI, em notável e habilíssima acção diplomática empreendida pela Companhia de Jesus, e não foi por acaso que no pavilhão do Japão em Sevilha (que era um constante elogio a Portugal) um dos temas principais a passar ininterruptamente em projecção, eram as imagens dos princepesinhos.

Mas o que é que têm a ver um com o outro, os dois factos quinhentistas narrados, já estará o impaciente leitor a perguntar.

BANDEIRA A MEIA-HASTE



Está tudo agora por um fio. Mas a memória daqueles 40 mártires tem de ficar naquele local!

Porque tanto os companheiros mártires de Inácio de Azevedo como os príncipes japões estiveram alojados na mesma quinta (estes no Outono de 1585, no regresso de Roma), na Quinta do Vale do Rosal, na Charneca da Caparica, que os Jesuítas tinham comprado em 1559 e aí instituído uma casa de campo com dormitório de doze celas, uma capela e uma granja com horta e vinha. O retábulo da capela era dedicado à Assunção de N. Senhora e haviam silhares de azulejos datados de 1568. Obviamente abandonada quando foram expulsos por Pombal, conseguiram comprá-la de novo no final do século passado, tendo reedificado a capela em 1889 e o restante em 1890, utilizando-a como casa de campo do Colégio de Campolide. Infelizmente esta 2ª posse foi de pouca dura porque na véspera da implantação da República, ao pôr do sol, chegaram os populares em gritaria medonha, arrombaram as portas «e lançaram aguarrás ao que era madeira e num momento tudo se incendiava» como nos conta o Pe. Gonzaga de Azevedo no livro «Proscritos» de 1911, dando-nos o testemunho do P. Ilhão que tudo observara, escapado a tempo e escondido num canavial...



O cruzeiro e a pedra de 1659

Foi esta quinta que também visitei na semana passada, desafiado pelo historiador José Manuel Garcia e tendo como cicerone o arqueólogo arq. Luís Barros.

A quinta, talvez o último espaço de magros hectares de terra que escaparam à desordenação ignóbil e selvagem que é todo o concelho de Almada, apresenta-se assim como o último oásis ainda possível de preservar na Caparica, e que tem de se salvar a todo o custo, mancha ainda de tranquilos verdes que se prolongam até ao Monte da Cruz, onde o cruzeiro que assinala o martírio dos 40 jesuítas nos desafia a curiosidade, espreitando-nos meio escondido entre os pinheiros... Mas onde, para seu castigo e renovado martírio, já se encontra sob o jugo de tremendo poste de electrificação em perene ameaça pelos chicotes de alta tensão...

Mas isto ainda não é o pior.

Carlos Correia Ramalho Carlos e sua mulher, são os proprietários da quinta, comprada pelo avô de Carlos, depois da República. São os inquebrantáveis defensores da casa e daquele espaço verde e o seu entusiasmo em preservarem a quinhentista e histórica Quinta do Vale do Rosal é contagiante. A capela (depois do incêndio) está no aparelho de tijolo e o casal tenciona reconstruí-la a preceito, restaurando também as celas dos padres, a adega e as outras dependências, tentando aproximar a casa quanto possível da traça primitiva.

Quinta do Vale do Rosal vista do Monte da Cruz



Ramalho Carlos queixa-se amargamente que desde há dez anos que a Câmara de Almada faz ouvidos moucos aos seus insistentes apelos para que a chamada Via Industrial, prevista em projecto para atravessar a quinta e ir destruir a mata das acácias, o Caminho dos Mártires que entre tojo e rosmaninho (ainda há lá disso, imaginem!) conduz por vereda cerrada ao cruzeiro que, é claro, também está seriamente ameaçado, possa tornear pelo outro lado (com a mesma ou até melhor quilometragem) assim se salvando a quinta e o espaço histórico. Ramalho Carlos está disposto a ceder gratuitamente como contrapartida, os terrenos para a estrada «do outro lado», mostra-nos um projecto já desenhado por engenheiros e diz-nos que até admite custear as despesas do projecto de remodelação para não sobrecarregar a Câmara, pois uma sinistra estrutura do projecto inicial já se avizinha agora medonhamente da casa,em terrível e ameaçadora ousadia...

Está tudo agora por um fio. Mas a memória histórica daqueles 40 mártires e dos quatro pequenos príncipes embaixadores do Japão (ainda por cima com a afronta de se comemorarem este ano os 450 anos da nossa chegada ao Japão) tem de ficar naquele local oficialmente preservada. Que diabo, os Ministérios do Planeamento e Administração do Território ou o Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, não terão uma última palavra a dizer?

Pelo caminho dos Mártires subimos, naquele fim de tarde, até ao cruzeiro. A casa que de perto quase parece banal e sem interesse, de tão austera, avoluma-se ao longe, no seu prospecto ainda singularmente quinhentista. Reina a paz e o sossego naquele recanto de verdura por enquanto preservado. E estamos em plena Caparica... A pedra histórica sobre a qual uma cruz de pedra se ergue de novo a substituir a destruída em 1910 é impermeável à nossa leitura, já que está escrita em latim. Um opúsculo que nos oferece Ramalho Carlos, dá-nos a tradução.

Na face norte:
PÁRA CAMINHANTE!/ A CRUZ QUE AQUI VÊS/ É MONUMENTO DE MÚLTIPLA VITÓRIA/ POIS MEMORA TANTOS TRIUNFOS/ QUANTO SÃO OS TRIUNFANTES MÁRTIRES QUE RECORDA/ SOB OS AUSPÍCIOS DELA O PADRE INÁCIO DE AZEVEDO/ RODEADO DE QUARENTA COMPANHEIROS/ CONSAGROU PIEDOSAMENTE ESTE LUGAR/ ANO DO SENHOR DE 1659.

Na face sul:
AOS QUAIS/ EM SINAL DE AMOR E PARA PERPÉTUA GLÓRIA/ LEVANTOU DEVOTAMENTE ESTA CRUZ DE MÁRMORE/ EM NOME DOS SEUS BRASIS/ O PROCURADOR GERAL DO BRASIL PADRE.../ ANO DO SENHOR DE 1659.

A quinta do Vale do Rosal, no seu ambiente de quase mistério e de mística carga histórica, envolvida ainda em milagrosos tufos de arvoredo tem de ser convenientemente preservada.

Para passar a ser, no degradado concelho de Almada, o último apelo, a última vontade, a última chama, o último desejo de um remorso de consciência e sensatez há muito tempo perdida

Anexo V.I Crónica escrita por Francisco Hipólito Raposo para o jornal *O Independente*, 1993



Anexo V.II Fotografias da Quinta Vale do Rosal, circa 1990

PROC.º N.º.....

DESPACHO	INFORMAÇÃO

Em relação à exposição efectuada pelo proprietário da Quinta de Vale Rosal, Sr. Engº Carlos Ramalho Carlos, referente ao seu valor como Património Histórico do Concelho de Almada e, após análise dos documentos remetidos pelo próprio, pensa-se que o estado actual da Quinta não justifica qualquer classificação.

Este local é efectivamente bastante antigo e, durante o séc. XV, foi adquirido pela Companhia de Jesus como quinta para retiro e preparação de missionários, entre os quais se destaca o Beato Inácio de Azevedo - que aqui residiu até ao momento da sua partida para o Brasil, em viagem de missionação, durante a qual juntamente com os seus 39 companheiros faleceram vítimas de ataque de calvinistas franceses.

Após este período áureo, a quinta conheceu vários donos e usos, e o seu espólio inicial, assim

.../...

.../...

como alfaias, foram sendo distribuídas por variados locais, tal como se encontra referido nas fontes apresentadas em anexo.

Por outro lado, a quinta foi incendiada durante os tumultos da implantação da República, em 1910.

Também o cruzeiro existente, numa parte alta da propriedade, erigido em homenagem ao martírio dos 40 missionários com inscrições em 2 placas de mármore invocando o facto, foi sendo substituído após cada nova destruição a que era sujeito.

Actualmente, a cruz desapareceu e o monumento está muito degradado, votado ao abandono e a actos de vandalismo.

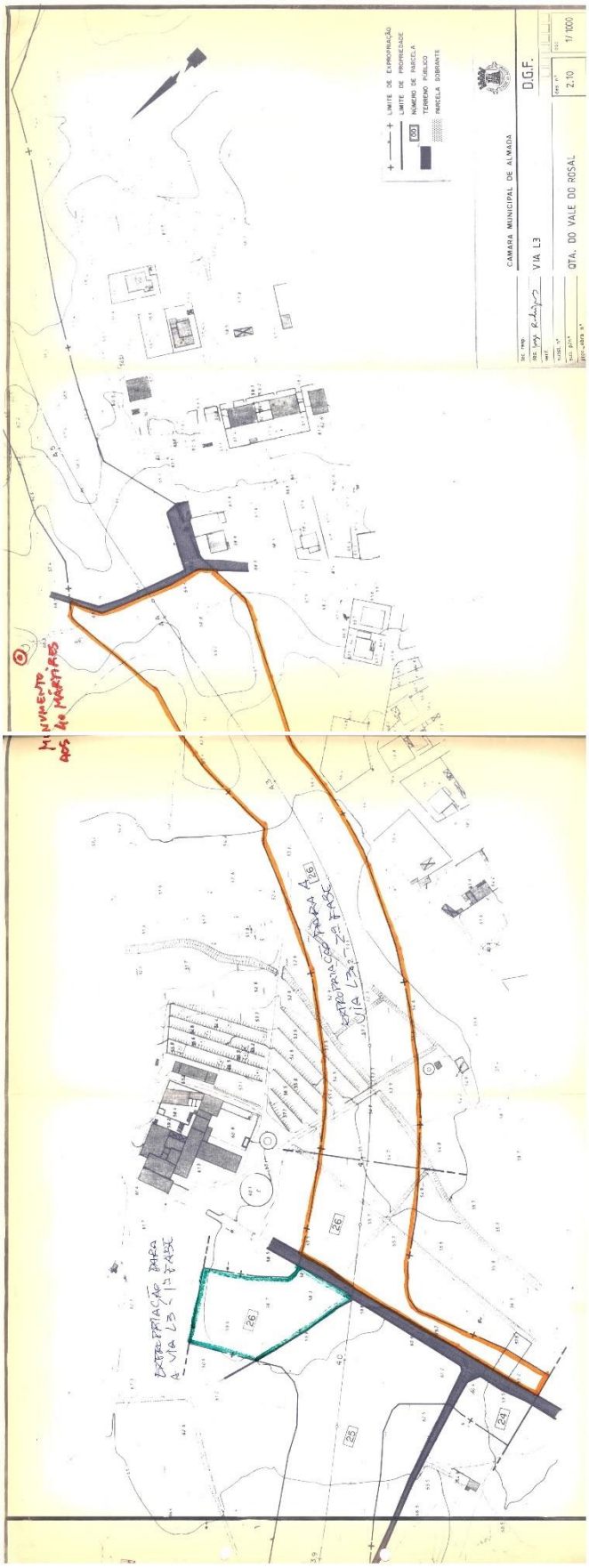
Conclui-se que os elementos, que poderiam ter dado o relevo histórico necessário a uma possível classificação, foram desaparecendo ou sendo destruídos ao longo dos tempos, pelo que neste momento não se reconhecem ou encontram.

Mais se informa, que o I.P.P.C. através do seu Conselho Consultivo, por duas vezes consecutivas, indeferiu o processo de classificação do local em causa, proposto pelo seu proprietário.

92/01/29

A TÉCNICA

Anexo V.III Despacho do pedido de classificação da quinta



Anexo V.IV Planta do plano urbanístico para a nova via, a cortar o terreno da quinta

Anexo VI . Levantamento fotográfico 2022

. Quinta Vale do Rosal















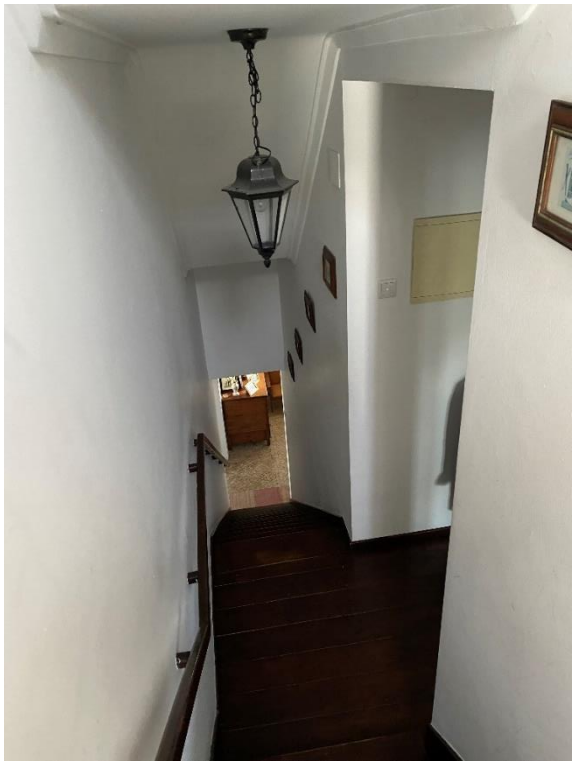


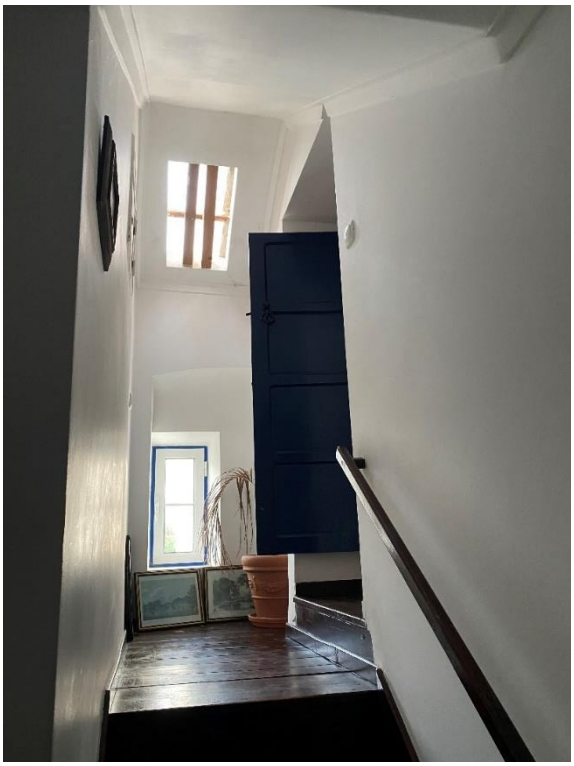
















. Vista do cruzeiro e do Monte da Cruz cortado pela autoestrada A33





. Hipódromo Municipal de Vale Figueira











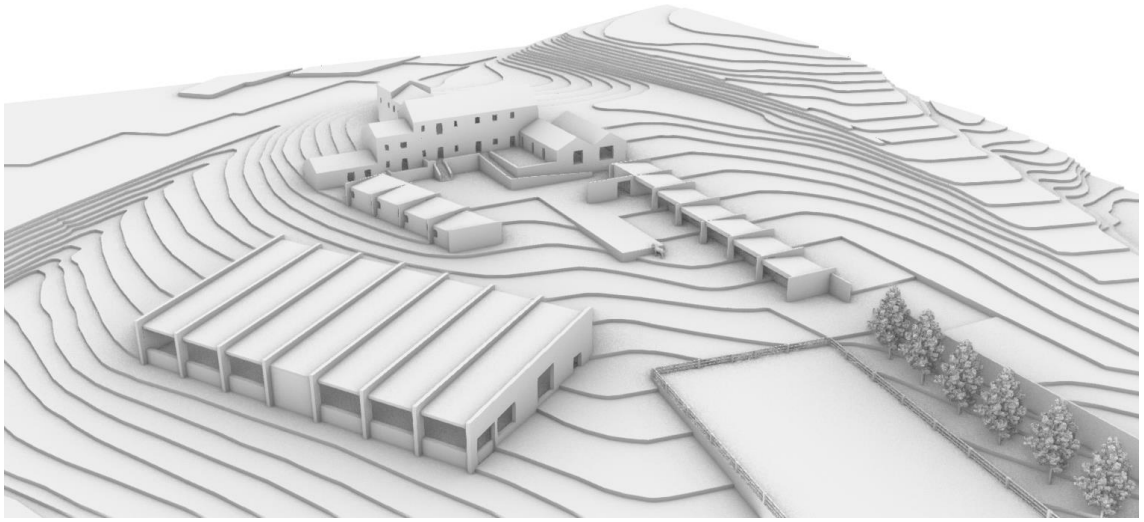


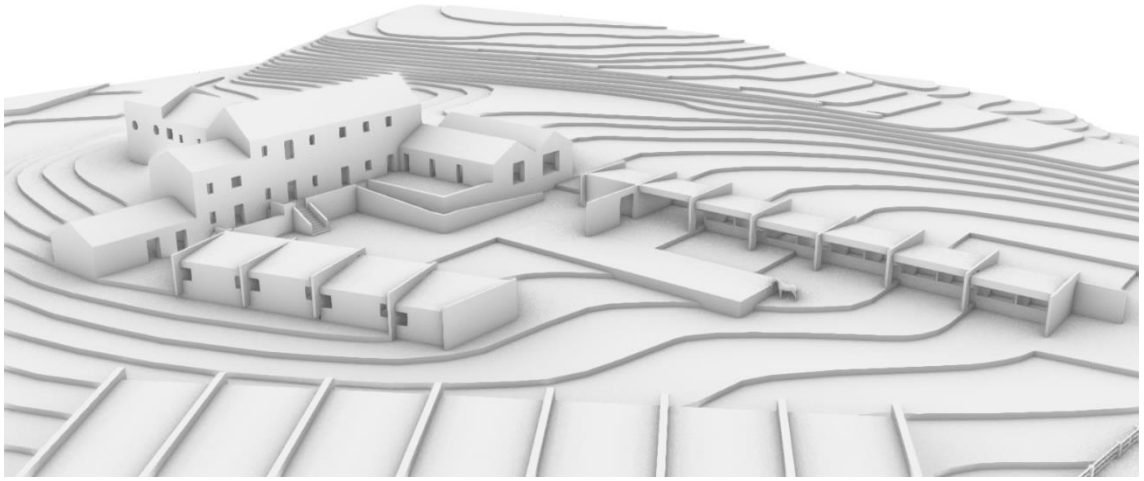
Anexo VII . Novas construções e demolições – planta de cores convencionais, escala 1:500

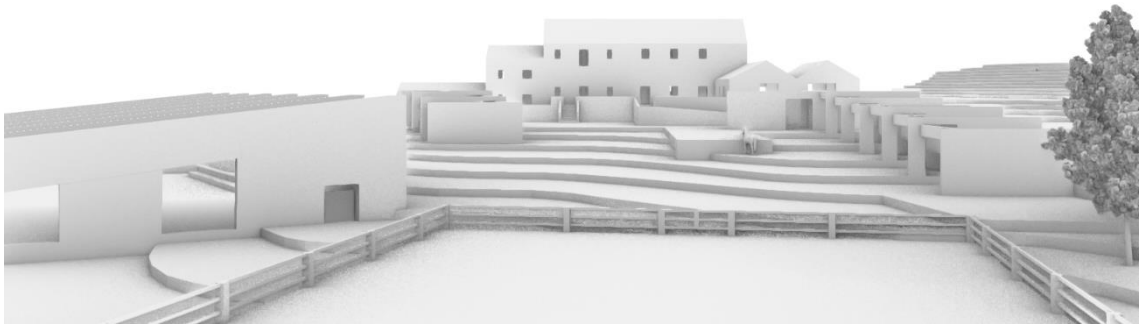


Anexo VIII . Maquetes digitais

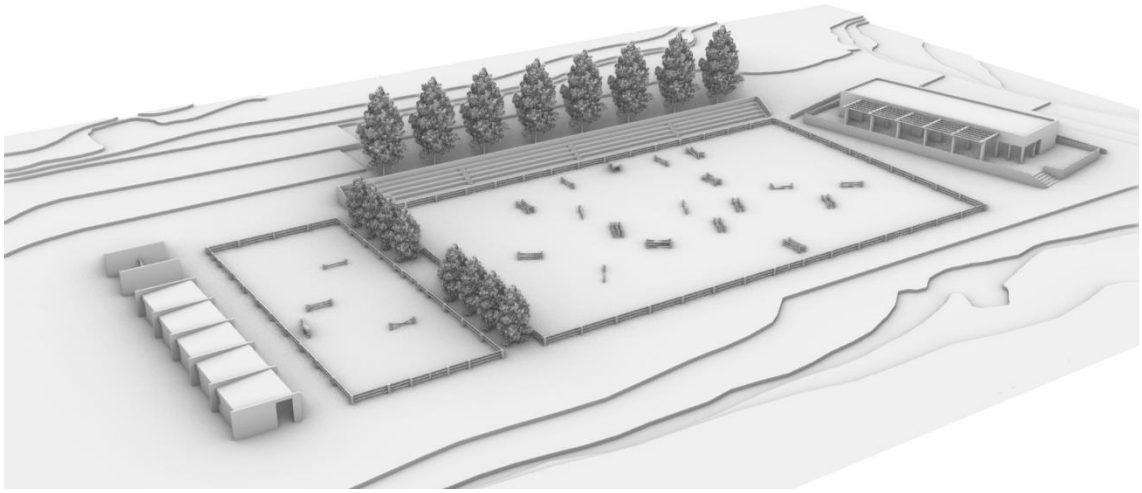
. Centro Hípico

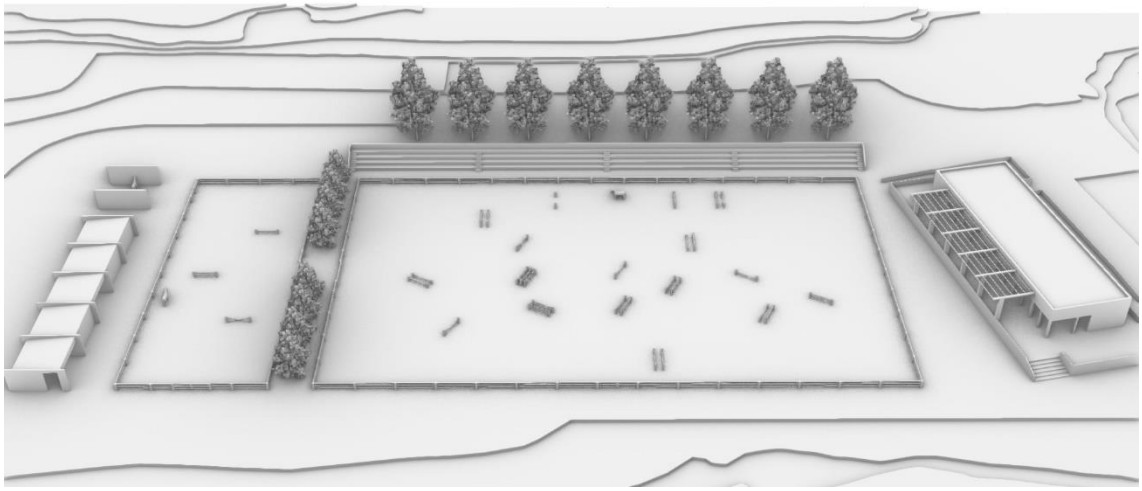


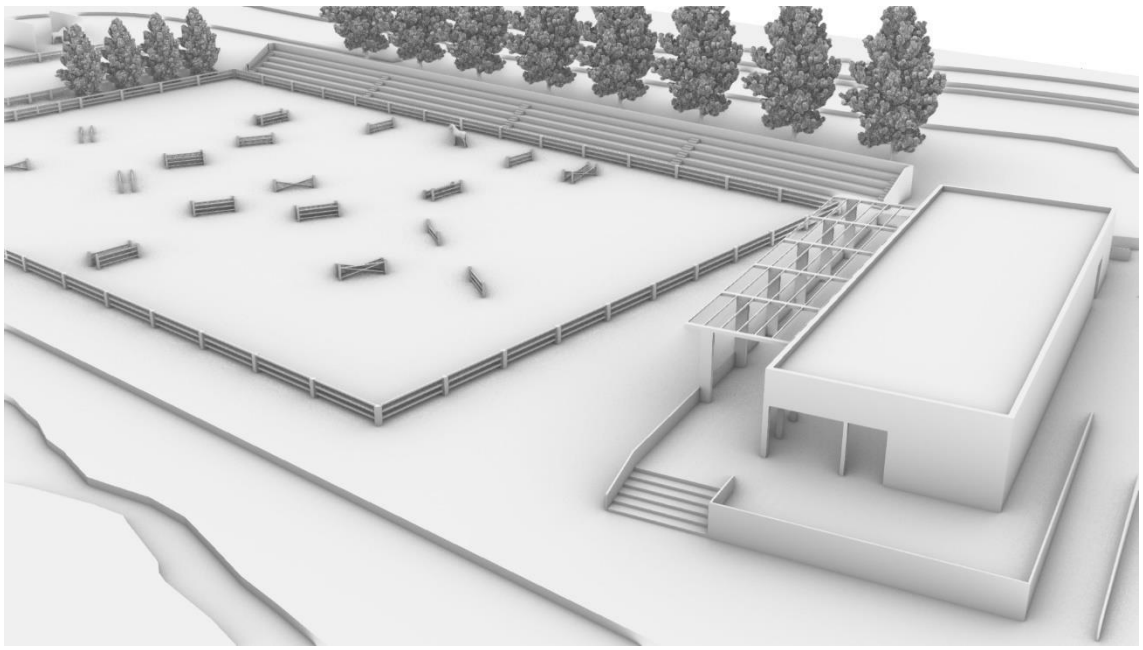




. Hipódromo







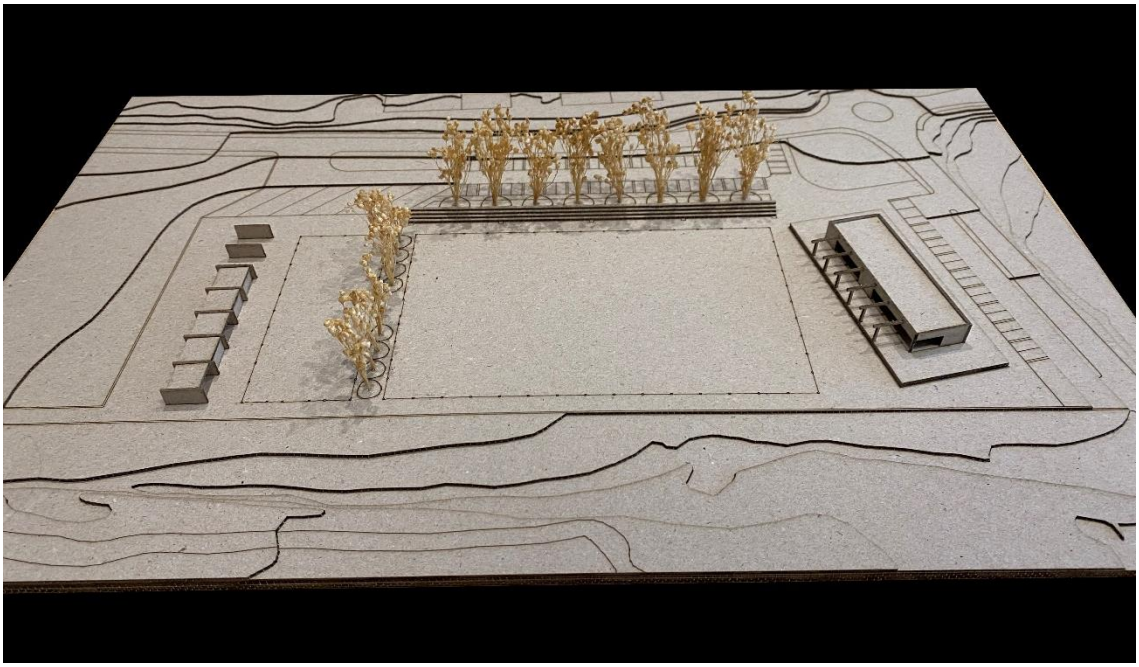
Anexo IX . Fotografias das maquetes físicas

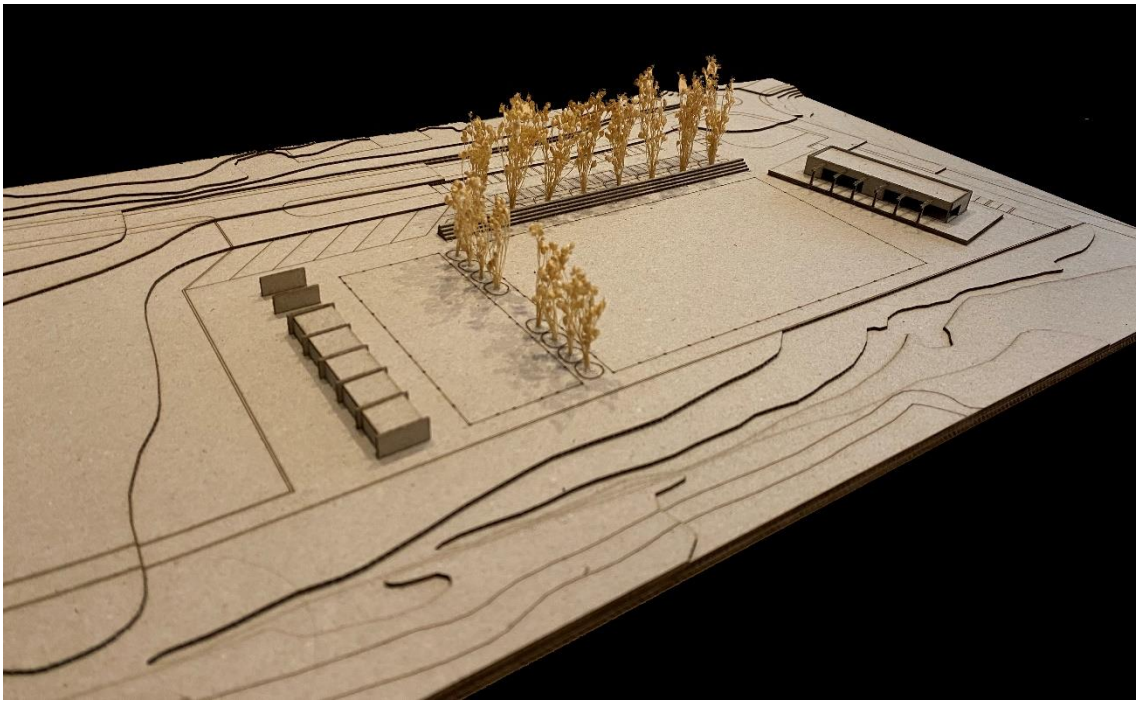
. Implantação, escala 1:2000





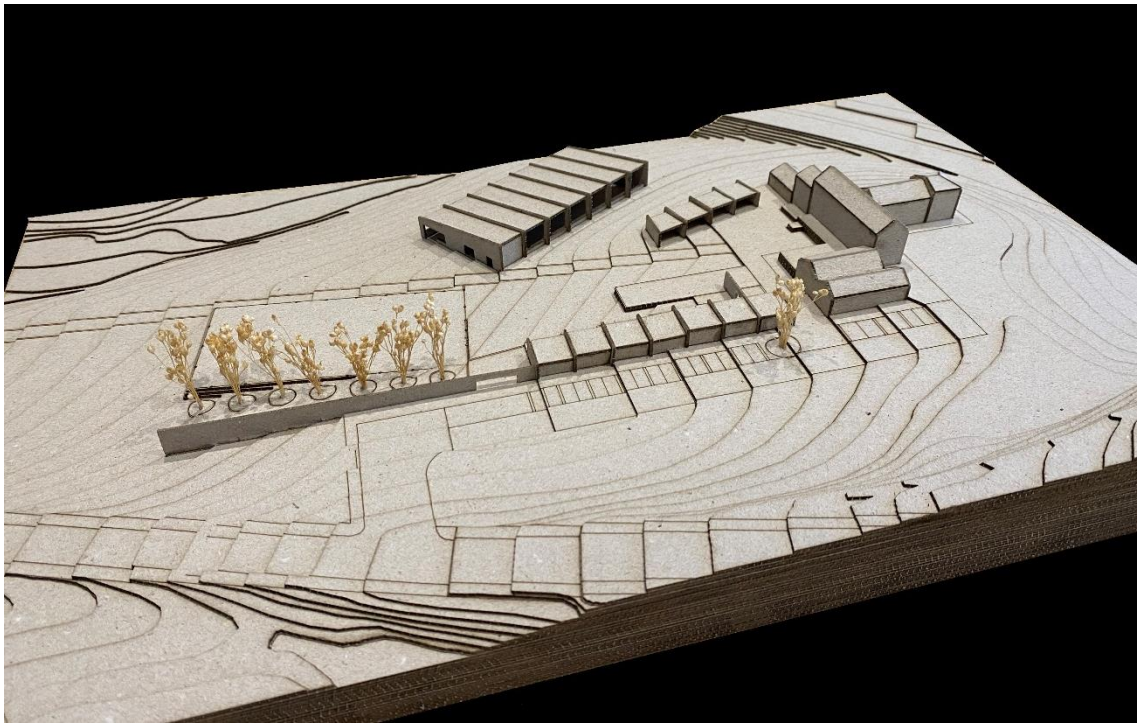
. Núcleo Hipódromo, escala 1:500

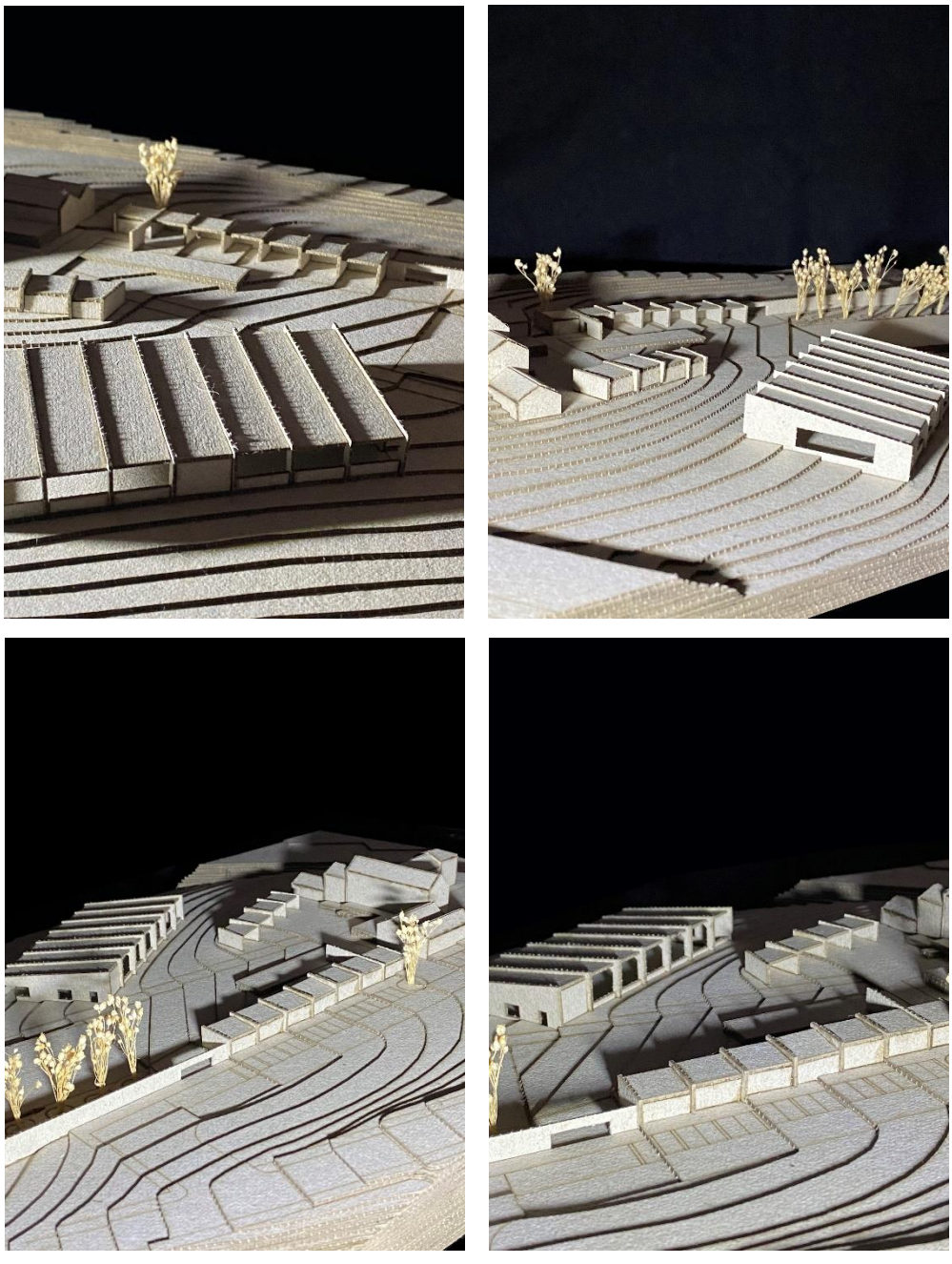




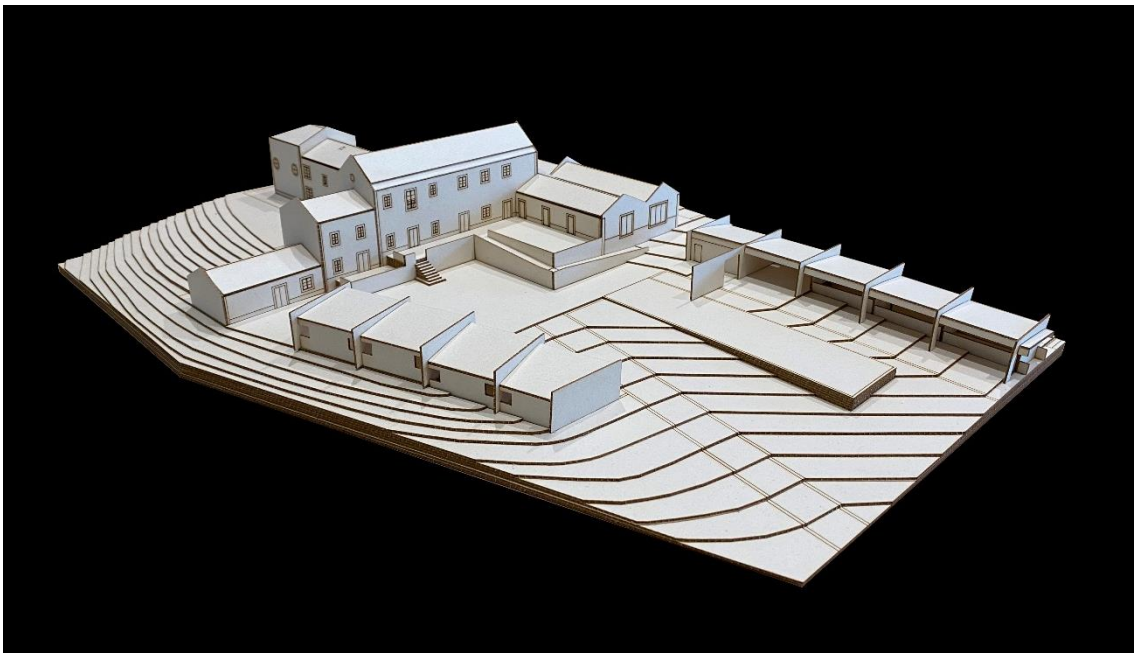
. Núcleo Centro Hípico, escala 1:500

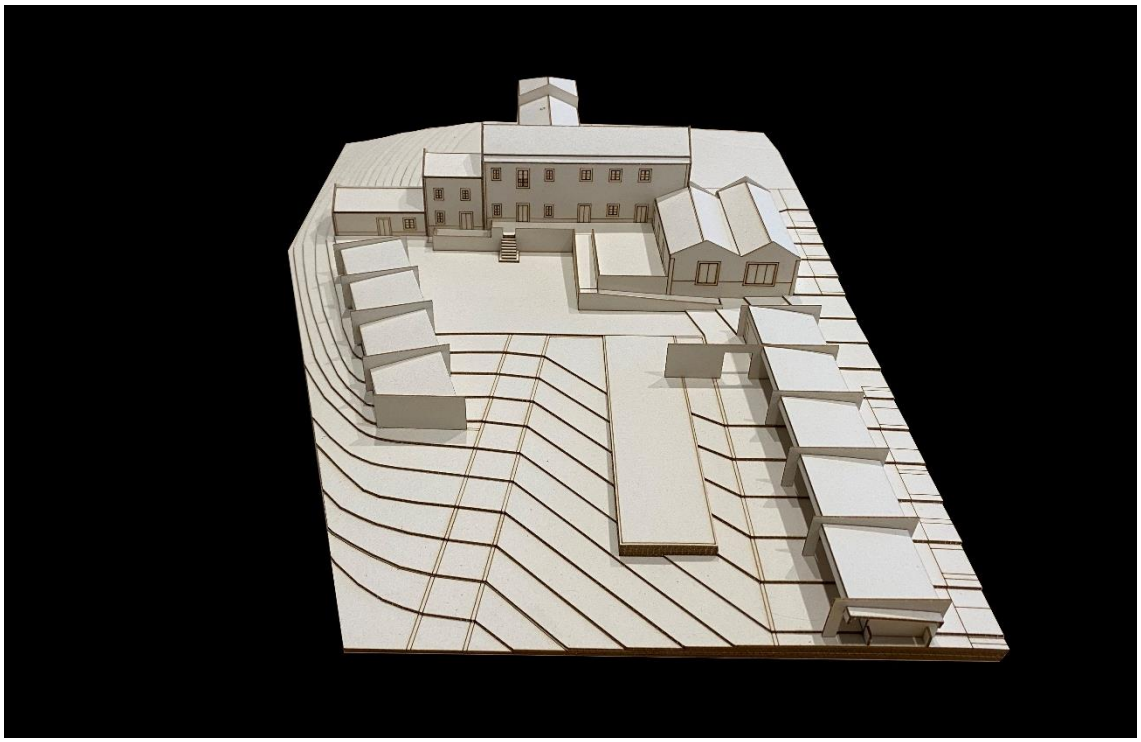






. Núcleo Centro Hípico, escala 1:200










Anexo X . Peças desenhadas definitivas

. Painéis Finais









Após o incêndio de 1910



Quinta Vale de Rosal



Sala da abóbada



ANÁLISE URBANA

LEGENDA

1 - Quinta Vale do Rosal

2 - Hipódromo Municipal de Vale Figueira

3 - Quinta da Carcereira

4 - Quinta de Cima

Limite da área de intervenção

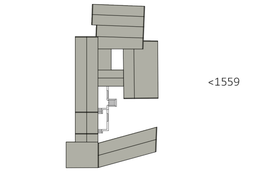
Principais eixos e vias



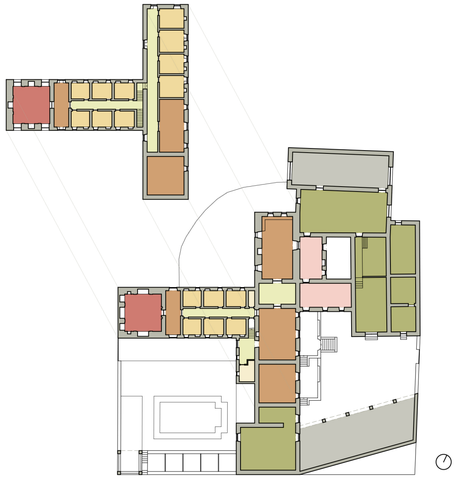




Hipódromo Municipal de Vale Figueira

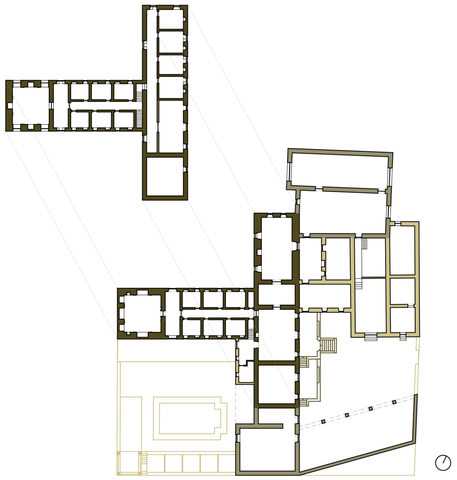


ESQUEMA EVOLUTIVO DA CONSTRUÇÃO esc. 1:1000



DISTRIBUIÇÃO PROGRAMÁTICA ORIGINAL esc. 1:500

LEGENDA Capela | Zonas de estar | Celas | Circulação | Cozinha | Instalações sanitárias | Depósitos agrícolas | Garagem



TEORIA DE VALOR esc. 1:500

LEGENDA Valor Patrimonial, Tipológico ou Identitário | Valor de Enquadramento ou Implantação | Sem valor Artístico, Patrimonial ou Material

<1559 — Terreno agrícola com casebres construídos

1559 — Terreno doado aos Jesuítas como residência de retiro espiritual

1568 — Construção de dormitório com 12 celas e 1 capela

1659 — Erguido o cruzeiro em memória aos 40 mártires

1759 — Por ordem do Marquês de Pombal os Jesuítas são desterrados de Portugal, sendo-lhes confiscada a Quinta

1880 — Volta a ser residência dos Jesuítas

1910 — Implantação da República Num ato anticlerical são destruídos todos os bens e a quinta é incendiada

1916 — A quinta é adquirida por António Ramalho Carlos, mantendo-se propriedade de diversas gerações da família

2012 — Construção da via A33, a cortar o terreno da quinta



Fotografia aérea . 2011



Fotografia aérea . 2024



61.30 Edificado preexistente - Centro Hípico

39.50 Hipódromo

CORTE DO DECLIVE DO TERRENO



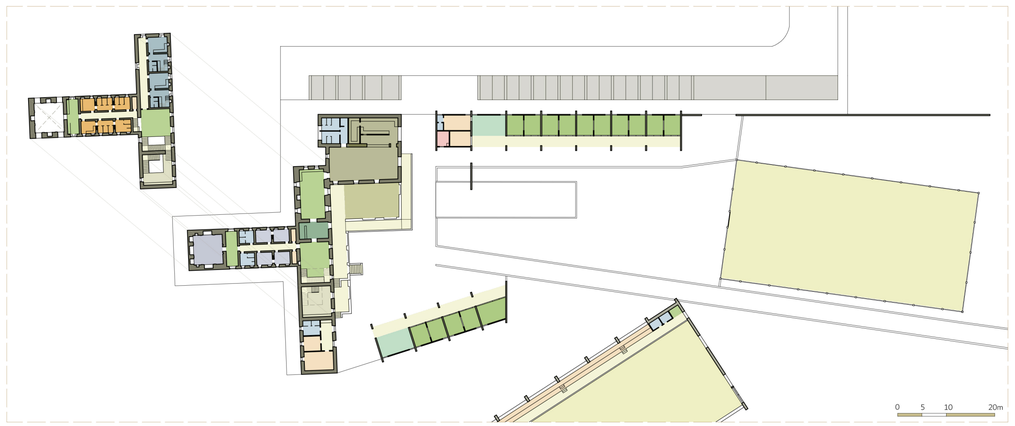
LEGENDA

1 - Núcleo do Centro Hípico
2 - Percurso
3 - Zona de paddocks
4 - Núcleo do Hipódromo
5 - Zona de passeios equestres
6 - Monte da Cruz

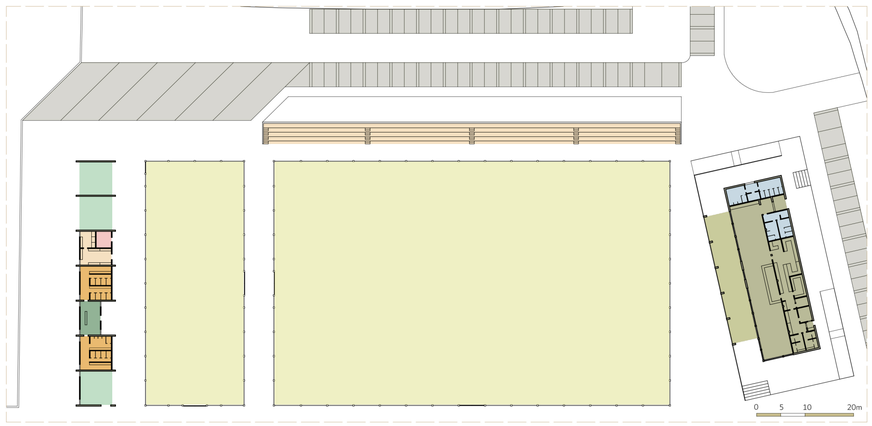
Limite da área de intervenção

Vias de acessibilidade

PLANTA DE IMPLANTAÇÃO



DISTRIBUIÇÃO PROGRAMÁTICA . CENTRO HÍPICO



DISTRIBUIÇÃO PROGRAMÁTICA . HIPÓDROMO

LEGENDA

Receção
Zonas de estar e convívio
Cafetaria/restaurante
Esplanada
Sala de estudo
Administração
Sala de reuniões
Armazenamento e arrumos
Balneários
Módulos Habitacionais
Instalações Sanitárias
Enfermaria
Tribunas
Zona de limpeza e preparação de cavalos
Boxes
Picadeiros
Estacionamento
Circulação

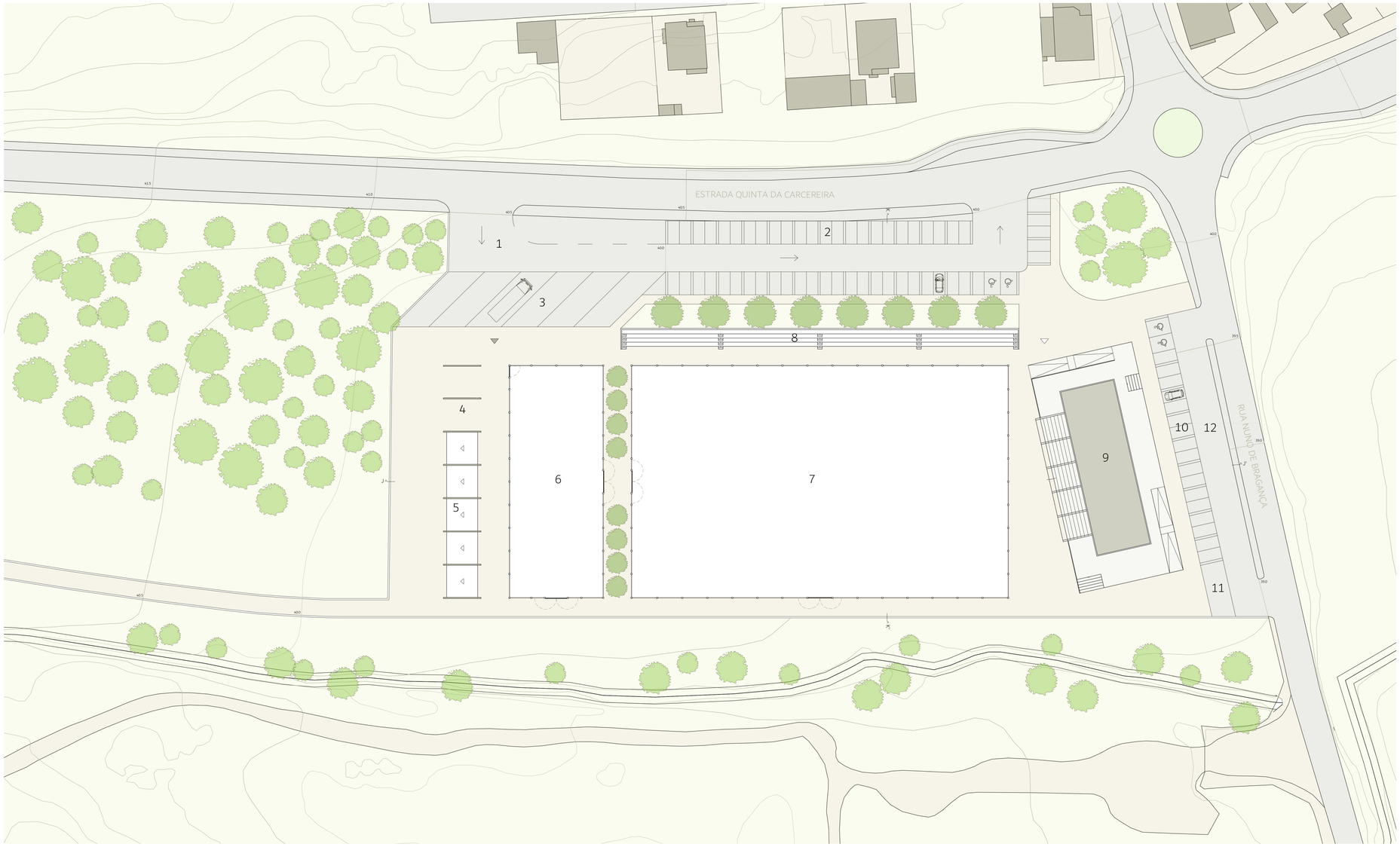
REABILITAÇÃO DA QUINTA VALE DO ROSAL: PROJETO DE HIPÓDROMO E CENTRO HÍPICO

Carolina Vieira Fonseca Resende | 20161255

Orientação científica | Especialista Arquiteto Carlos Macedo | Professor Doutor José Crespo

PROPOSTA URBANA E PROGRAMÁTICA | ESCALA 1:2000

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura
com especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado

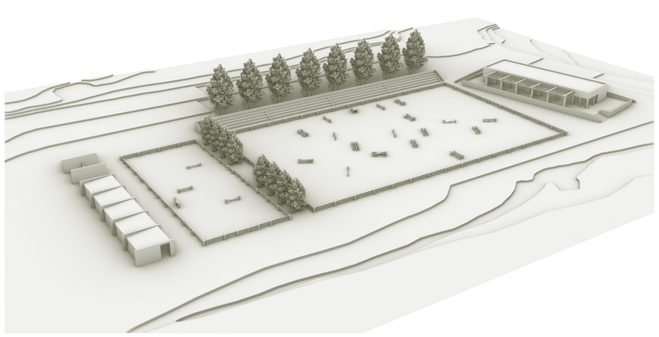


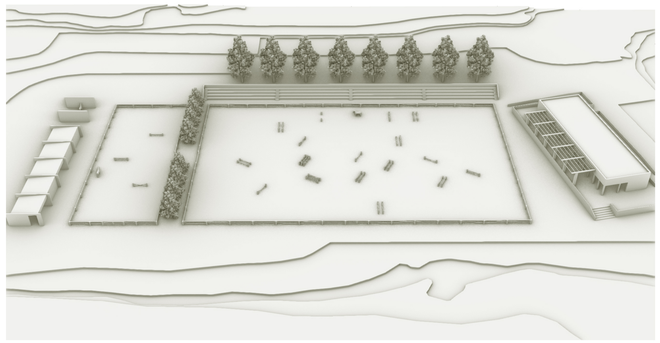
PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

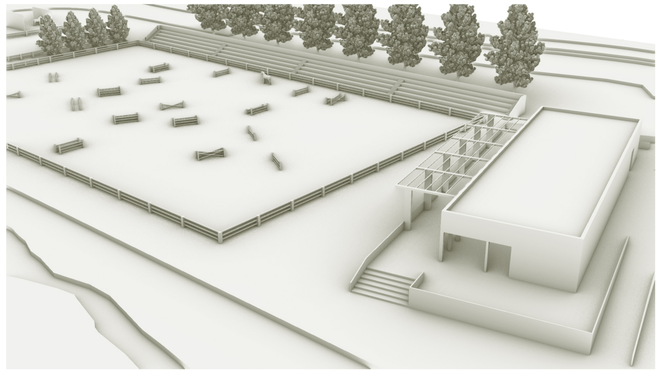
LEGENDA

1 - Estrada de acesso ao Hipódromo
2 - Estacionamento
3 - Estacionamento de pesados / cargas e descargas de cavalos
4 - Zona de preparação de cavalos
5 - Balneários
6 - Picadeiro de aquecimento
7 - Picadeiro de competições e eventos
8 - Tribunas
9 - Restaurante
10 - Estacionamento
11 - Cargas e descargas
12 - Estrada de acesso ao restaurante

▽ - Acesso de visitantes
▽ - Acesso de cavalos transportados e atletas







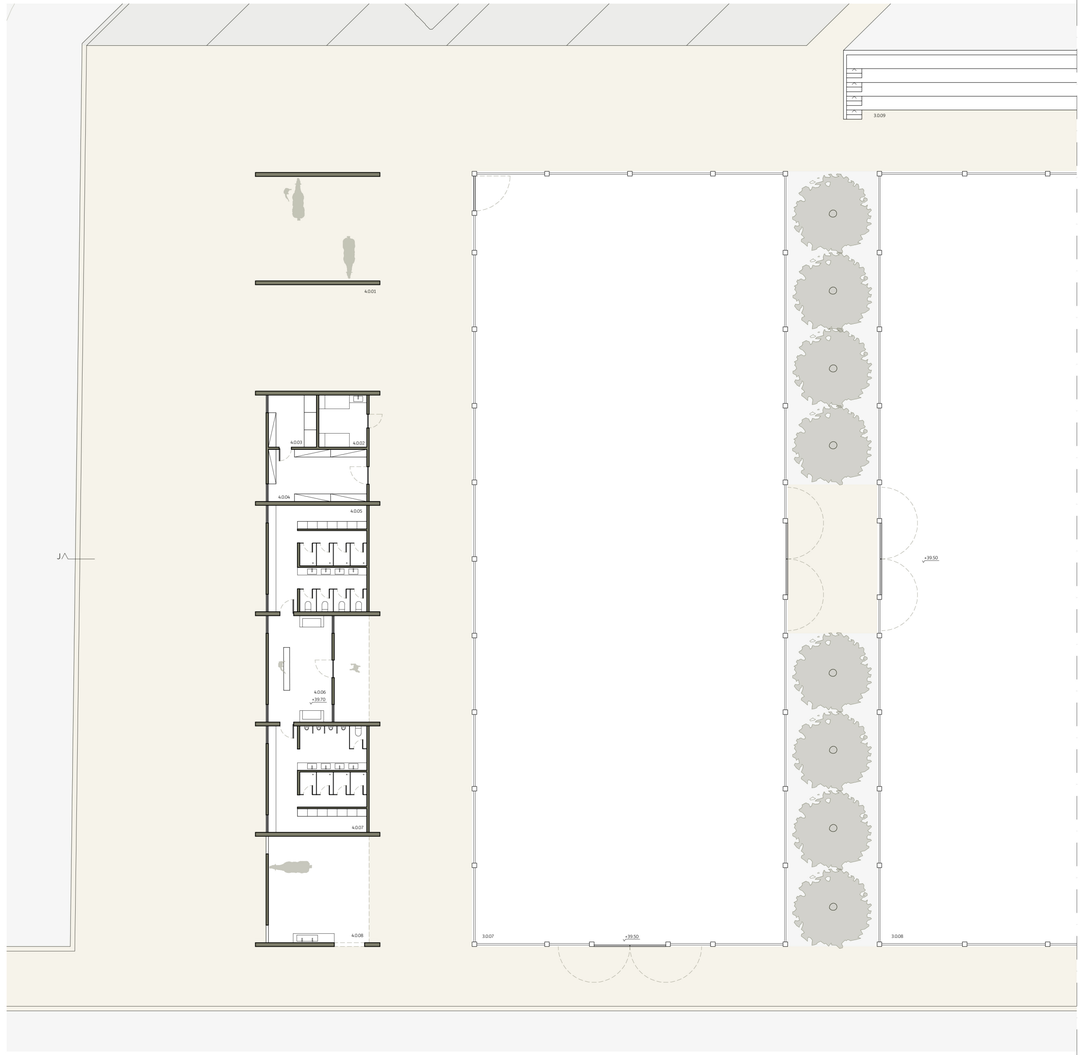
MAQUETE VIRTUAL

REABILITAÇÃO DA QUINTA VALE DO ROSAL: PROJETO DE HIPÓDROMO E CENTRO HÍPICO

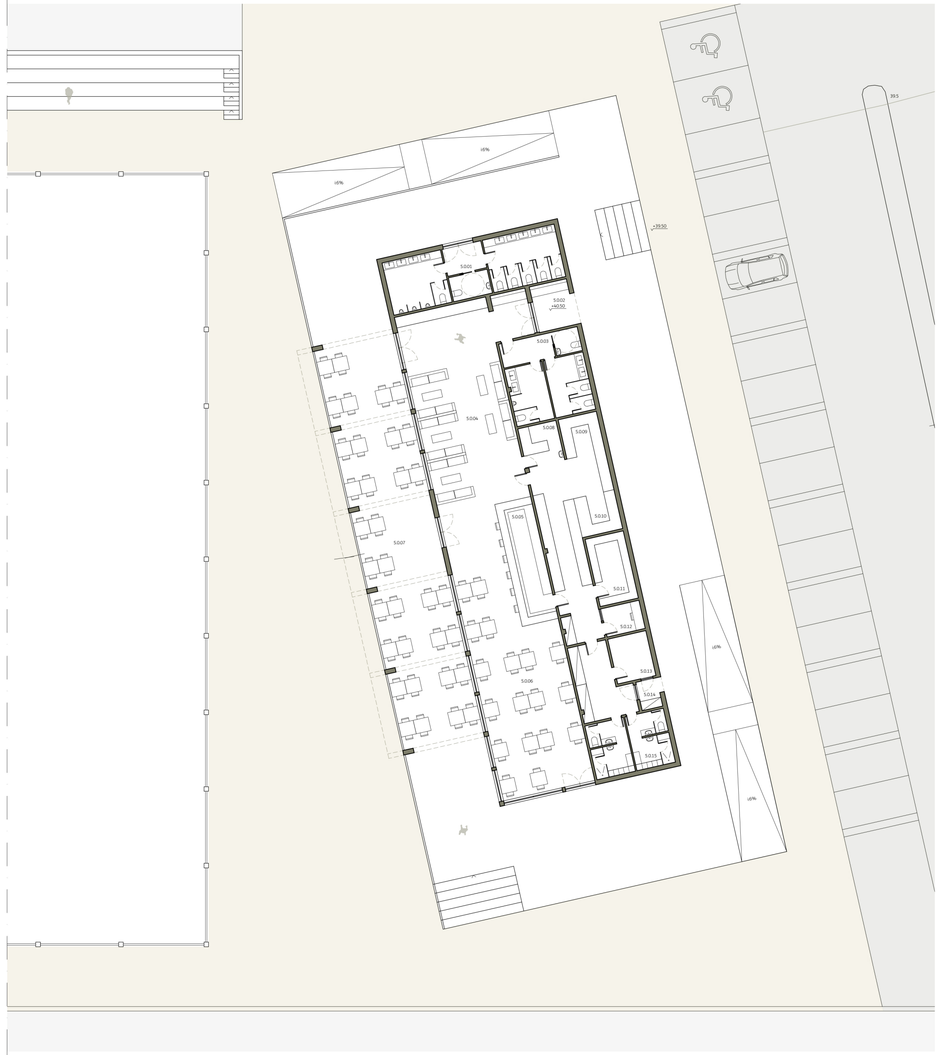
Carolina Vieira Fonseca Resende | 20161255
Orientação científica | Especialista Arquiteto Carlos Macedo | Professor Doutor José Crespo

PROPOSTA URBANA: NÚCLEO DO HIPÓDROMO | PLANTA DE IMPLANTAÇÃO | ESCALA 1:500

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura
com especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado



PLANTA DO PISO 0 - PRIVADO



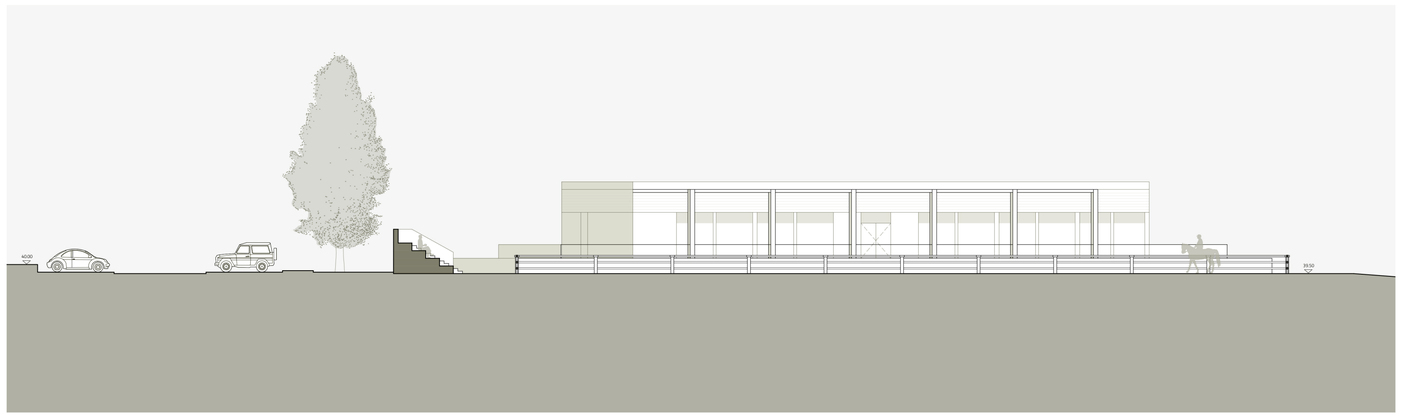
PLANTA DO PISO 0 - PÚBLICO

COMPARTIMENTAÇÃO

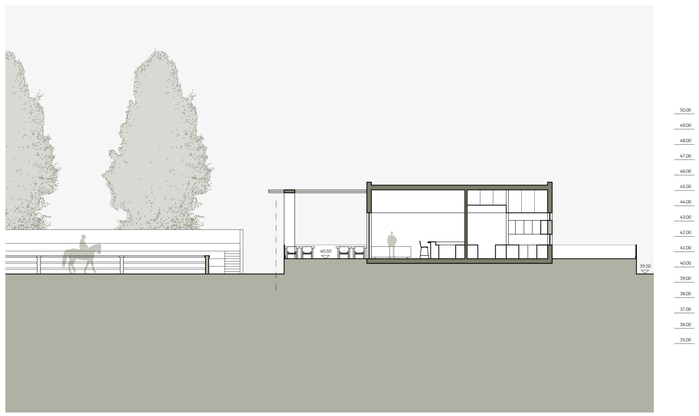
3.0.07 - Picadeiro de aquecimento
3.0.08 - Picadeiro de competição
3.0.09 - Tribunas

4.0.01 - Zona de preparação dos cavalos
4.0.02 - Enfermaria
4.0.03 - Arrumos
4.0.04 - Depósitos
4.0.05 - Balneários femininos
4.0.06 - Receção
4.0.07 - Balneários masculinos
4.0.08 - Zona de limpeza e preparação

5.0.01 - Instalações sanitárias do Hipódromo
5.0.02 - Átrio de entrada
5.0.03 - Instalações sanitárias
5.0.04 - Zona de estar
5.0.05 - Bar
5.0.06 - Restaurante
5.0.07 - Esplanada
5.0.08 - Copa suja
5.0.09 - Zona de confeção de alimentos
5.0.10 - Zona de preparação de alimentos
5.0.11 - Dispensa
5.0.12 - Escritório
5.0.13 - Depósito do lixo
5.0.14 - Entrada do pessoal
5.0.15 - I.S. e vestiários



Corte KK' E ALÇADO POENTE



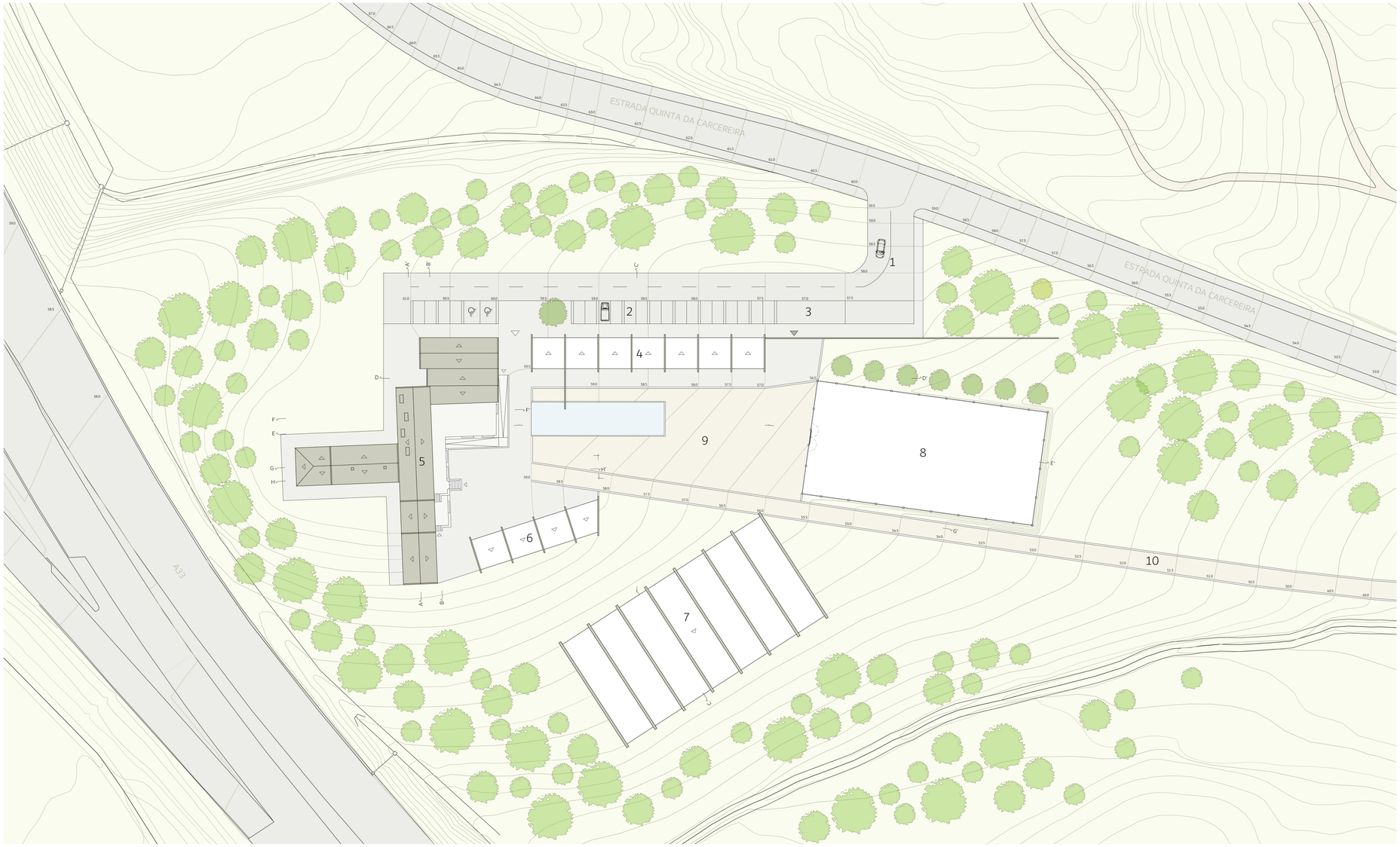
Corte JJ'

REABILITAÇÃO DA QUINTA VALE DO ROSAL: PROJETO DE HIPÓDROMO E CENTRO HÍPICO

Carolina Vieira Fonseca Resende | 20161255
Orientação científica | Especialista Arquiteto Carlos Macedo | Professor Doutor José Crespo

PROPOSTA ARQUITETÓNICA: NÚCLEO DO HIPÓDROMO | PLANTA DO PISO 0 E CORTES | ESCALA 1:200

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura
com especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado



PLANTA DE IMPLANTAÇÃO

LEGENDA

1 - Estrada de acesso ao Centro Hípico

2 - Estacionamento

3 - Estacionamento de atrelados / cargas e descargas de cavalos

4 - Cavalariças

5 - Edifício preexistente

6 - Cavalariças

7 - Picadeiro coberto

8 - Picadeiro descoberto

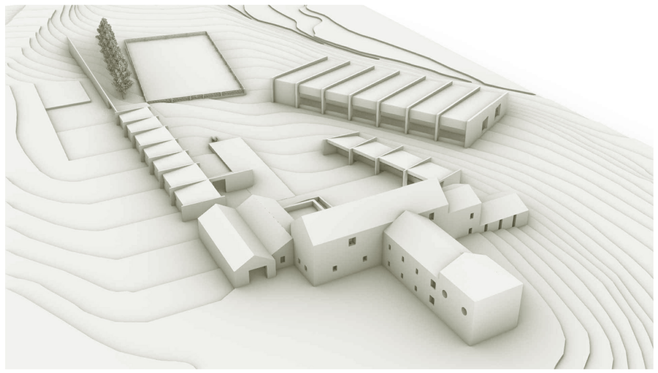
9 - Largo

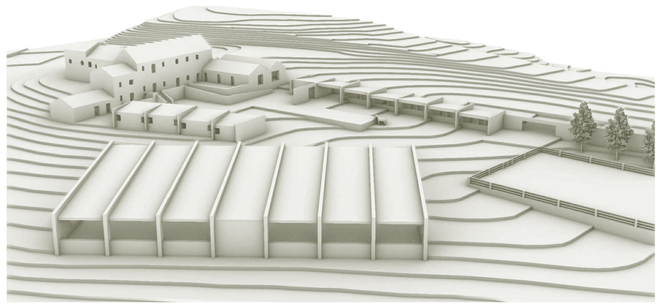
10 - Percurso

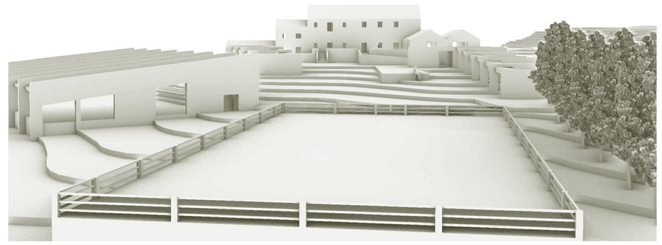
▽ - Acesso de visitantes e atletas

▽ - Acesso ao edifício preexistente

▽ - Acesso de cavalos transportados







MAQUETE VIRTUAL

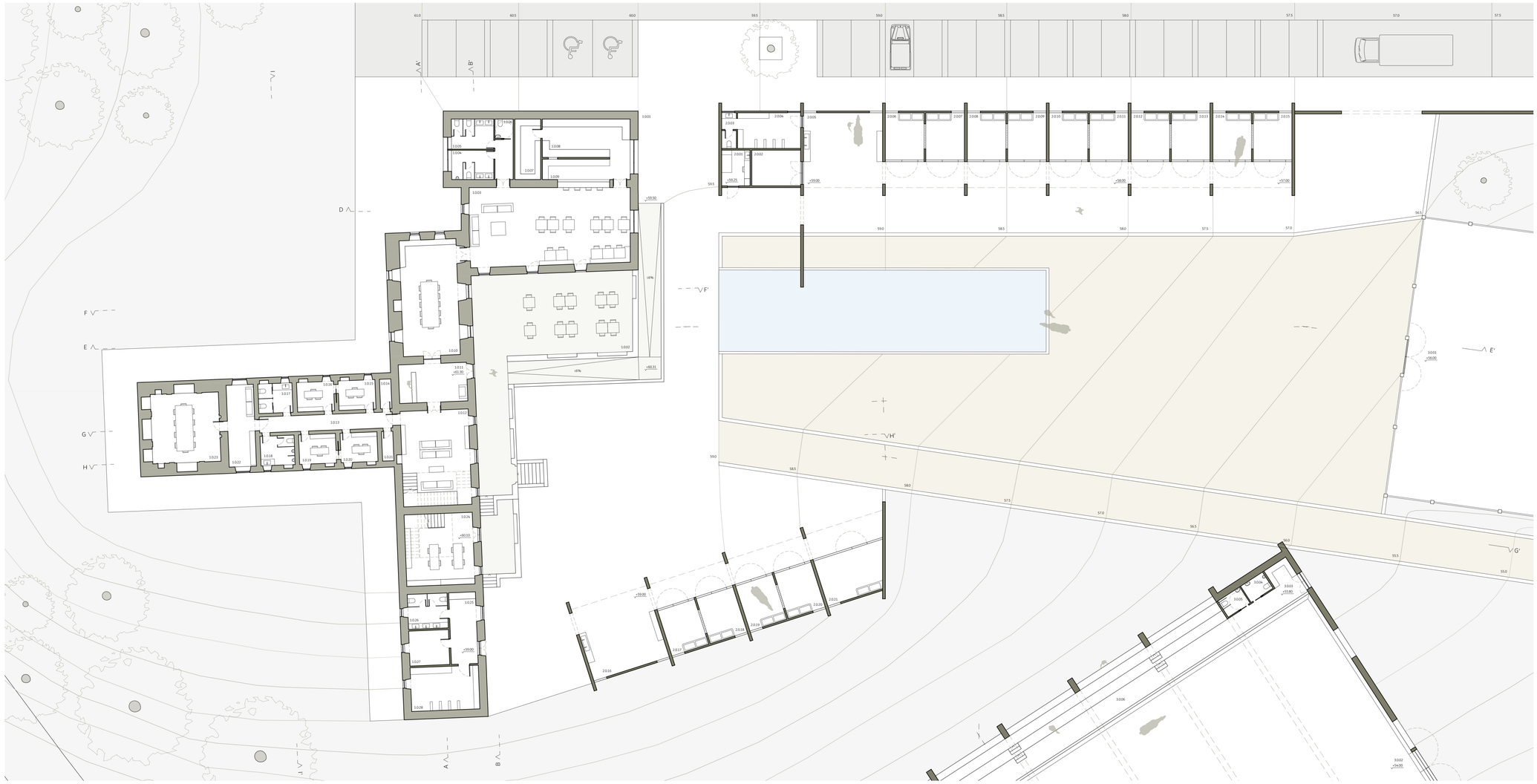
REABILITAÇÃO DA QUINTA VALE DO ROSAL: PROJETO DE HIPÓDROMO E CENTRO HÍPICO

Carolina Vieira Fonseca Resende | 20161255

Orientação científica | Especialista Arquiteto Carlos Macedo | Professor Doutor José Crespo

PROPOSTA URBANA: NÚCLEO DO CENTRO HÍPICO | PLANTA DE IMPLANTAÇÃO | ESCALA 1:500

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura
com especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado



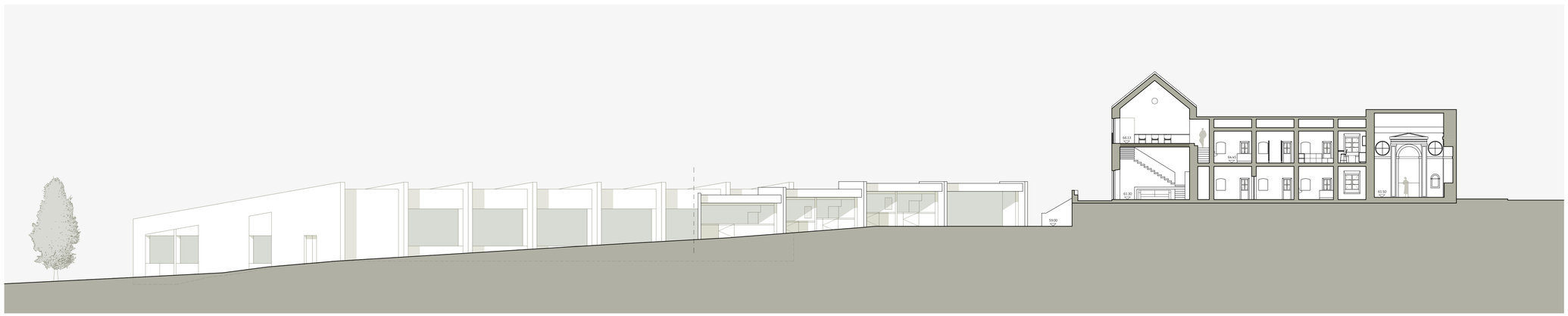
PLANTA DO PISO 0

COMPARTIMENTAÇÃO

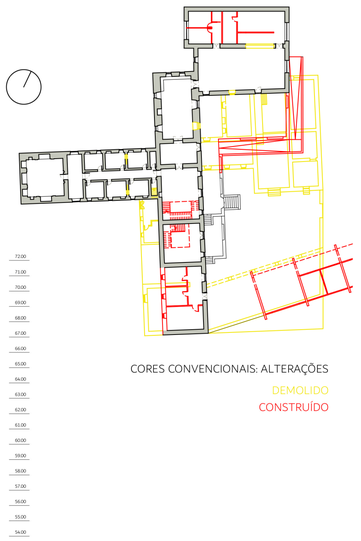
1.0.01 - Entrada do estacionamento
1.0.02 - Esplanada
1.0.03 - Cafetaria
1.0.04 - Instalações sanitárias masculinas
1.0.05 - Instalações sanitárias femininas
1.0.06 - Instalação sanitária mob. red.
1.0.07 - Dispensa
1.0.08 - Cozinha
1.0.09 - Bar
1.0.10 - Sala de refeições formal
1.0.11 - Entrada/receção
1.0.12 - Zona de estar
1.0.13 - Circulação
1.0.14 - Arrumos
1.0.15 - Secretaria
1.0.16 - Tesouraria
1.0.17 - Instalações sanitárias femininas
1.0.18 - Instalações sanitárias masculinas
1.0.19 - Administração
1.0.20 - Administração
1.0.21 - Arrumos
1.0.22 - Átrio
1.0.23 - Sala de reuniões
1.0.24 - Sala de estudo
1.0.25 - Circulação
1.0.26 - Instalações sanitárias
1.0.27 - Armazém de palha e rações
1.0.28 - Sala de arreios

2.0.01 - Enfermaria
2.0.02 - Armazém de palha e rações
2.0.03 - Instalação sanitária
2.0.04 - Sala de Arreios
2.0.05 - Zona de limpeza e preparação
2.0.06 - Box
2.0.07 - Box
2.0.08 - Box
2.0.09 - Box
2.0.10 - Box
2.0.11 - Box
2.0.12 - Box
2.0.13 - Box
2.0.14 - Box
2.0.15 - Box
2.0.16 - Zona de limpeza e preparação
2.0.17 - Box
2.0.18 - Box
2.0.19 - Box
2.0.20 - Box
2.0.21 - Box

3.0.01 - Picadeiro descoberto
3.0.02 - Picadeiro coberto
3.0.03 - Átrio de entrada
3.0.04 - Instalação sanitária masculina
3.0.05 - Instalação sanitária feminina e de mob. red.
3.0.06 - Tribunas



Corte HH'



CORES CONVENCIONAIS: ALTERAÇÕES

DEMOLIDO
CONSTRUÍDO

REABILITAÇÃO DA QUINTA VALE DO ROSAL: PROJETO DE HIPÓDROMO E CENTRO HÍPICO

Carolina Vieira Fonseca Resende | 20161255

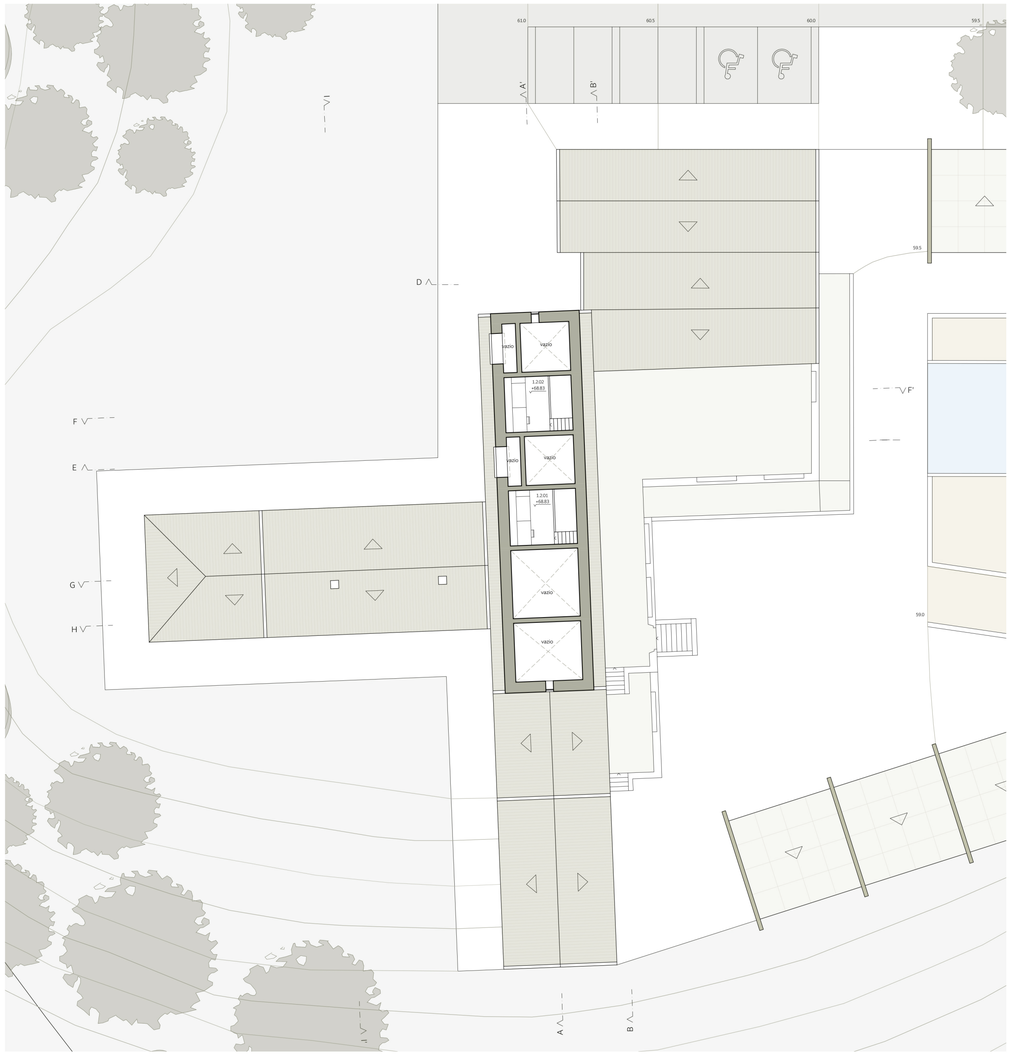
Orientação científica | Especialista Arquiteto Carlos Macedo | Professor Doutor José Crespo

PROPOSTA ARQUITETÓNICA: NÚCLEO DO CENTRO HÍPICO | PLANTA DO PISO 0 E CORTE HH' | ESCALA 1:200

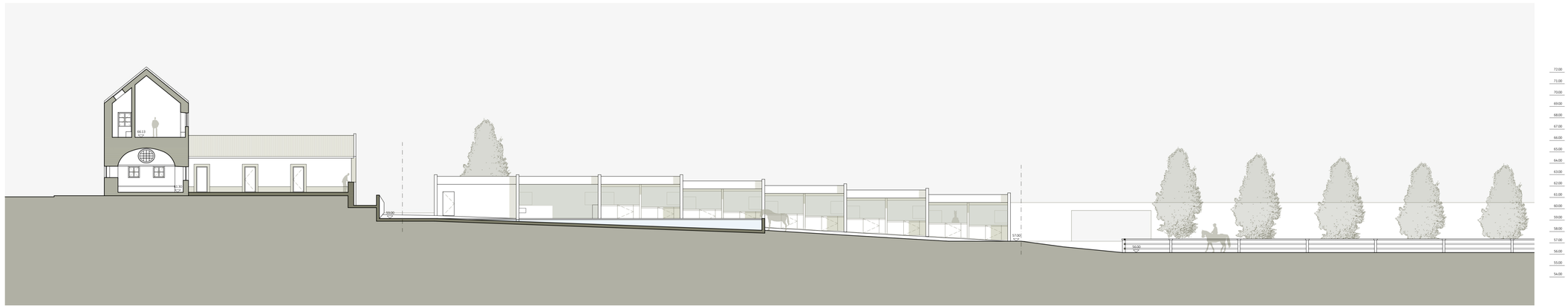
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura
com especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado



PLANTA DO PISO 1



PLANTA DO PISO 2



CORTE EE'

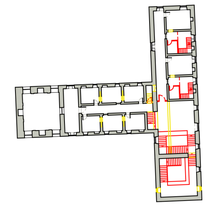
COMPARTIMENTAÇÃO

PISO 1

1.1.01 - Sala de estudo
1.1.02 - Zona de estar
1.1.03 - Circulação
1.1.04 - Módulo habitaciona
1.1.05 - Módulo habitacional
1.1.06 - Arrumos
1.1.07 - Circulação
1.1.08 - Instalações sanitárias femininas
1.1.09 - Balneários femininos - duches
1.1.10 - Vestiário feminino
1.1.11 - Zona de estar e cozinha
1.1.12 - Vestiário masculino
1.1.13 - Balneários masculinos - duches
1.1.14 - Instalações sanitárias masculinas

PISO 2

1.2.01 - Módulo habitacional - zona de dormir
1.2.02 - Módulo habitacional - zona de dormir

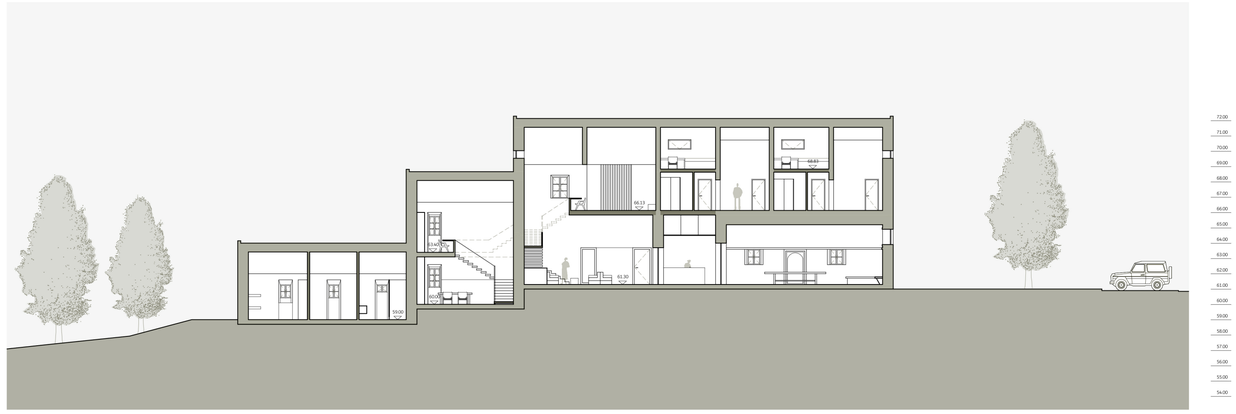


CORES CONVENCIONAIS: ALTERAÇÕES

DEMOLIDO
CONSTRUÍDO



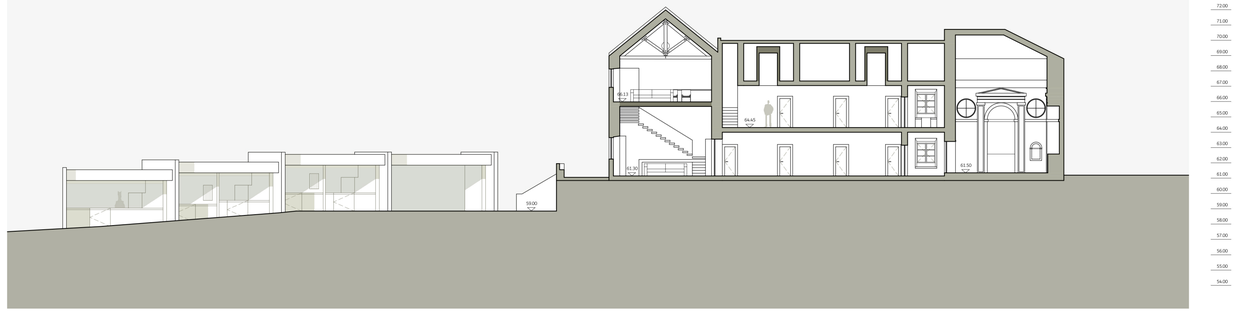
CORTE BB' E ALÇADO NASCENTE



CORTE AA'



CORTE FF' E ALÇADO NORTE



CORTE GG'



CORTE CC'



CORTE II' E ALÇADO POENTE

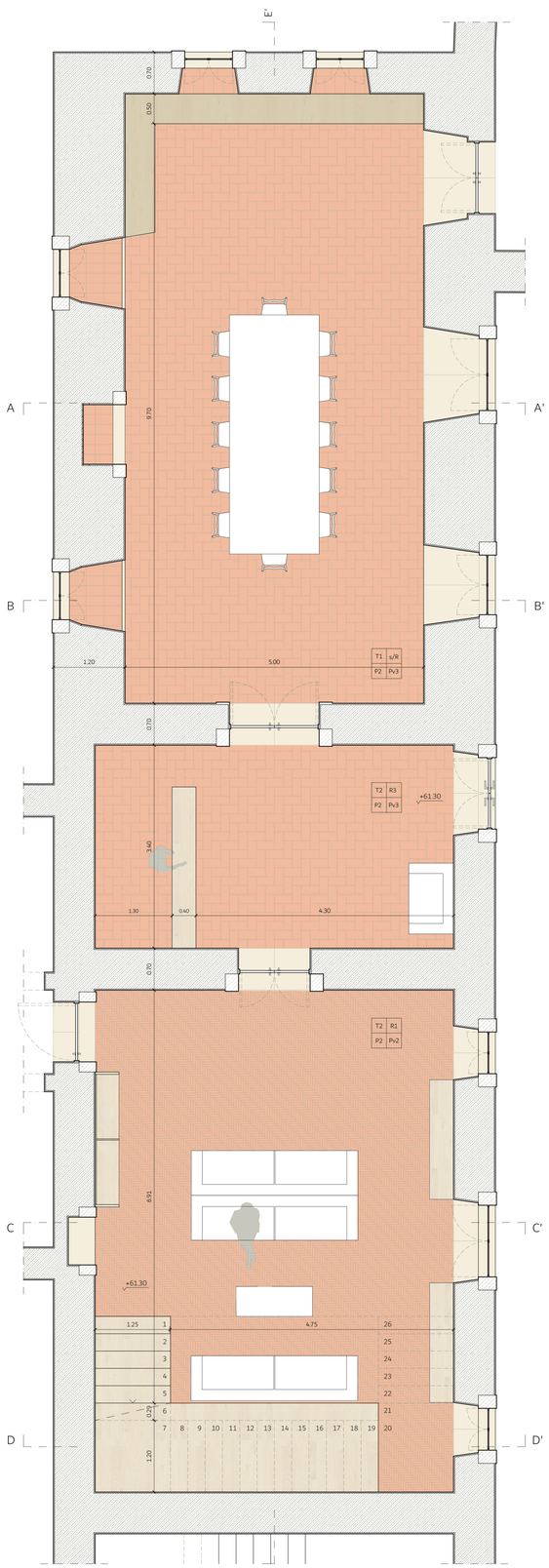
REABILITAÇÃO DA QUINTA VALE DO ROSAL: PROJETO DE HIPÓDROMO E CENTRO HÍPICO

Carolina Vieira Fonseca Resende | 20161255

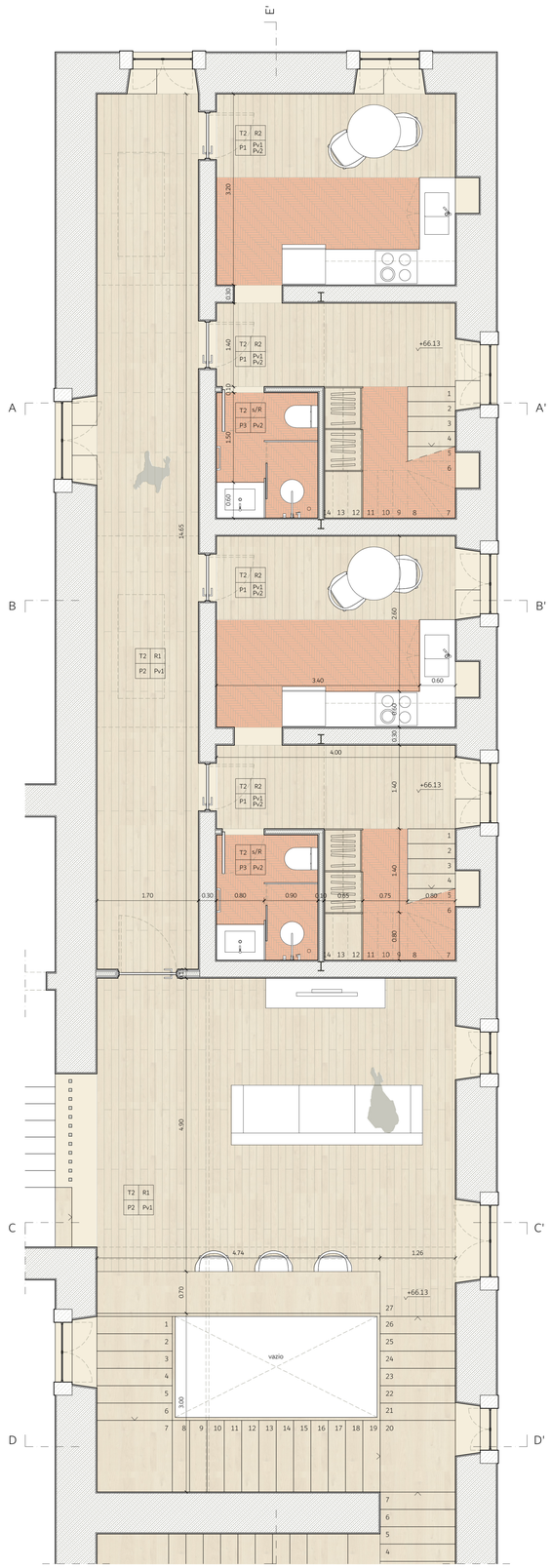
Orientação científica | Especialista Arquiteto Carlos Macedo | Professor Doutor José Crespo

PROPOSTA ARQUITETÓNICA: NÚCLEO DO CENTRO HÍPICO | CORTES E ALÇADOS | ESCALA 1:200

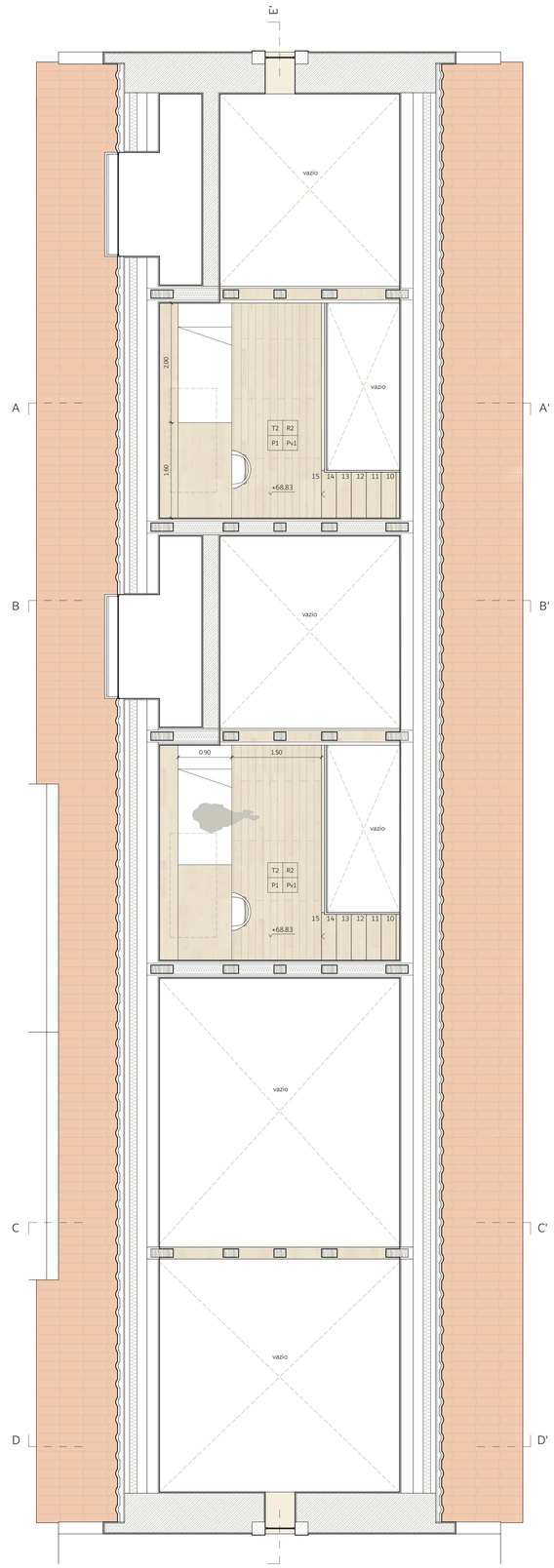
Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura
com especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado



PLANTA DO PISO 0



PLANTA DO PISO 1



PLANTA DO PISO 2

ACABAMENTOS INTERIORES

T - Tetos

T1 - Reboco pintado (NCS S 0601-Y)

T2 - Gesso cartonado pintado (NCS S 0601-Y)

R - Rodapés

R1 - Madeira de pinho pintado (NCS S 0502-Y)

R2 - MDF pintado (NCS S 0601-Y) à face

R3 - Rodapé de azulejo original

P - Paredes

P1 - Reboco pintado (NCS S 0601-Y)

P2 - Reboco pintado (NCS S 0502-Y)

P3 - Azulejo vidrado retangular Linen White, Loja do Azulejo, 0.2 x 0.04 m

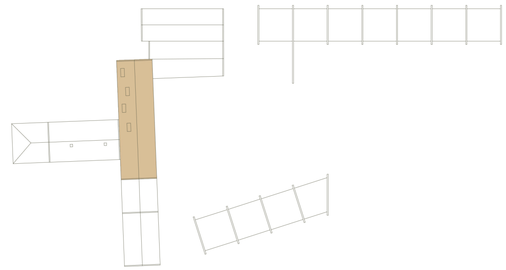
Pv - Pavimentos

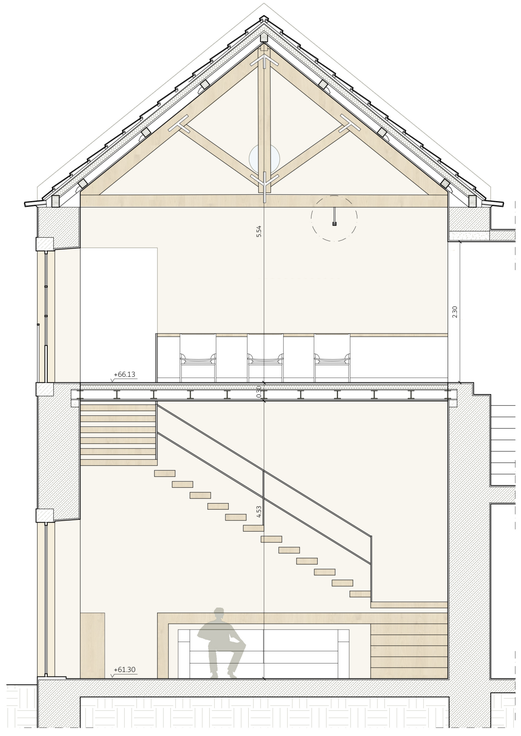
Pv1 - Soalho de pinho, aplicado flutuante

Pv2 - Tijoleira, terracota rosal, Loja do Azulejo, 0.2 x 0.04 m

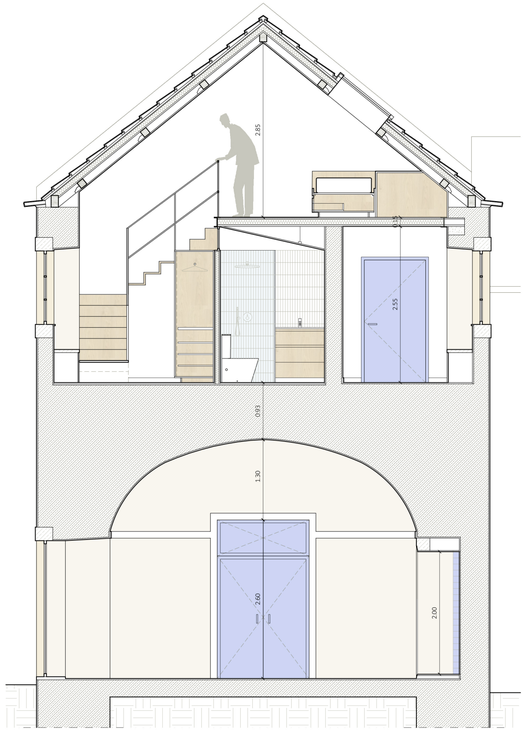
Pv3 - Tijoleira de terracota existente 0.3 x 0.15 m

T	R
P	Pv

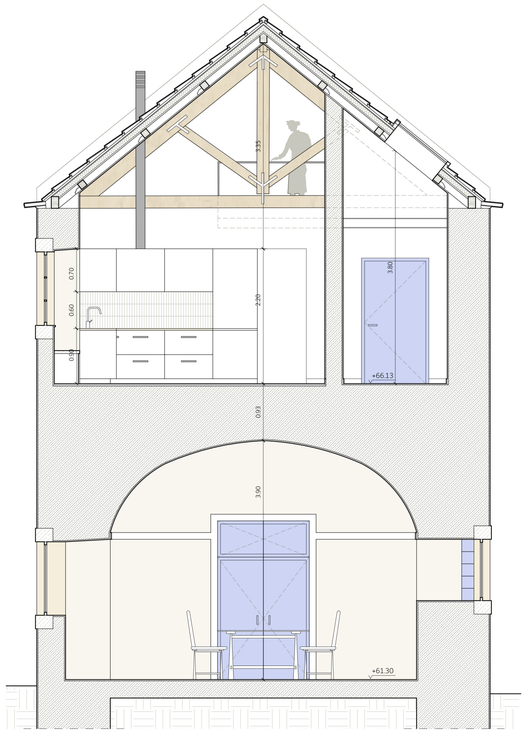




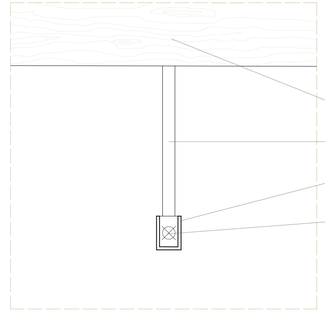
CORTE CC'



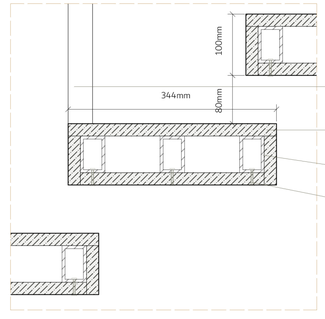
CORTE BB'



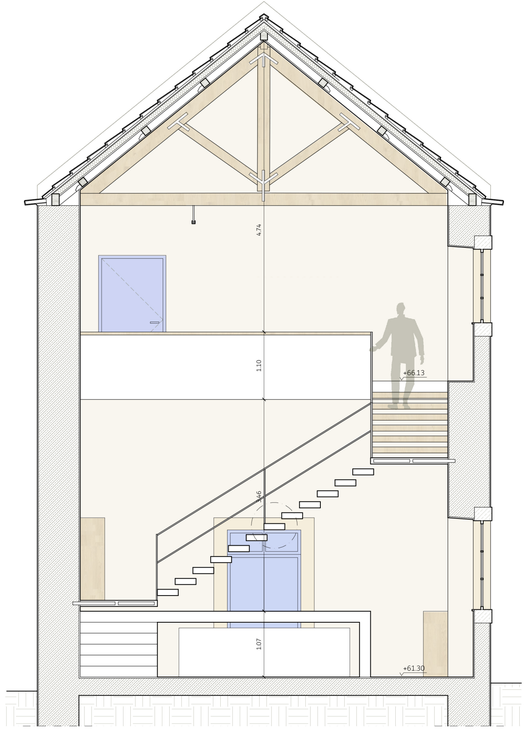
CORTE AA'



DETALHE ILUMINAÇÃO esc. 1:5



DETALHE DEGRAUS esc. 1:5



CORTE DD'



CORTE EE'

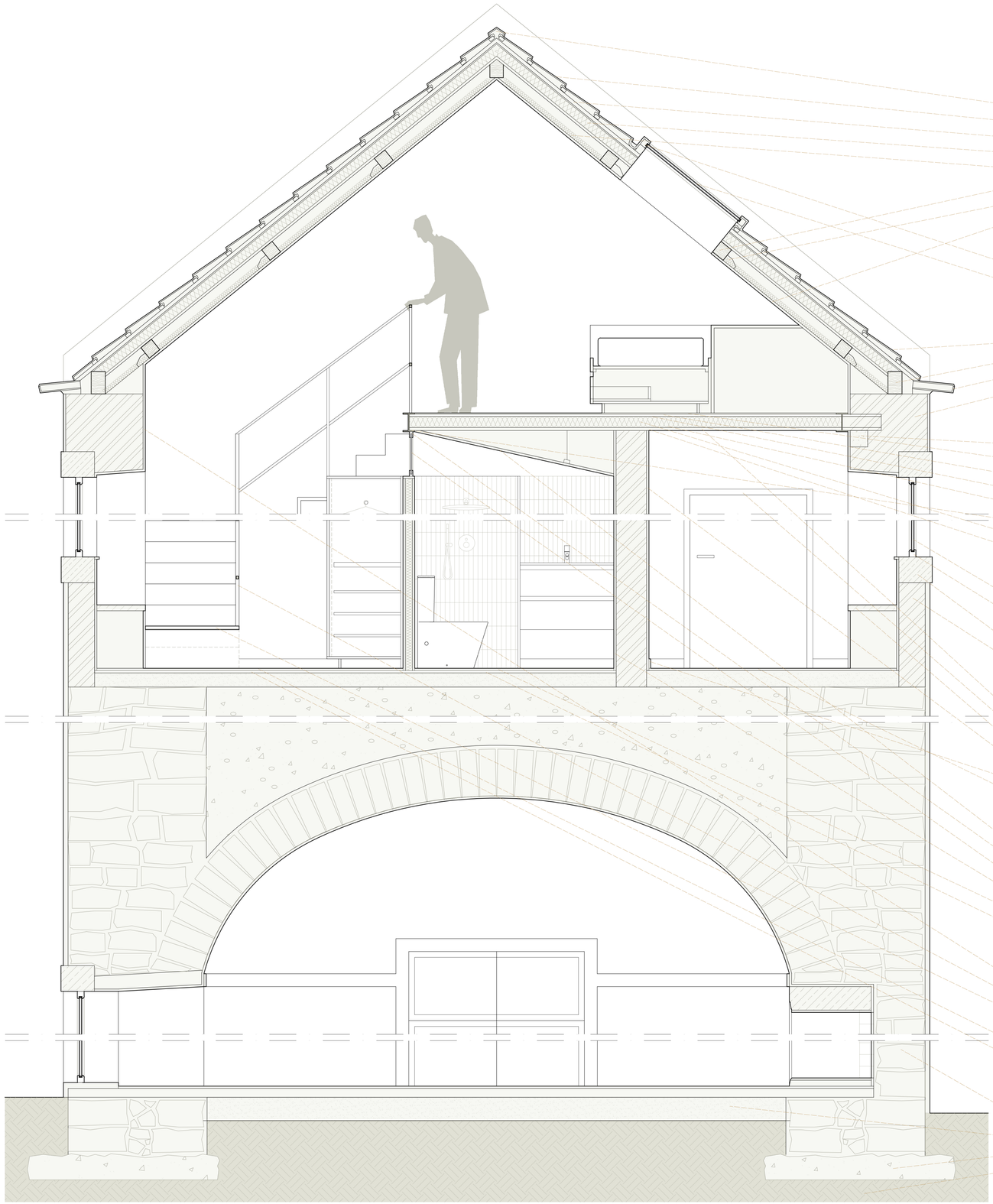
REABILITAÇÃO DA QUINTA VALE DO ROSAL: PROJETO DE HIPÓDROMO E CENTRO HÍPICO

Carolina Vieira Fonseca Resende | 20161255

Orientação científica | Especialista Arquiteto Carlos Macedo | Professor Doutor José Crespo

PROPOSTA ARQUITETÓNICA: EDIFÍCIO PREEXISTENTE | CORTES E DETALHES | ESCALA 1:50

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura
com especialização em Interiores e Reabilitação do Edificado



CORTE BB'

LEGENDA

CUMEEIRA E TELHADO

Telha de cumeeira
Telha lusa de aba e canudo
Subtelha
Painel sandwich de OSB e isolamento de polistireno
Lã de rocha 40mm
Madre
Calço
Teto de placas de gesso cartonado pintado (NCS S 0601-Y)

CLARABÓIA

Caixilharia de alumínio termolacado c/ corte térmico
Vidros duplos temperados e laminados 8.10.6

BEIRAL

Telha
Frechal
Telhão de beiral
Alvenaria de pedra existente

ESTRUTURA DO PISO INTERIOR

Cinta de betão armado
Revestimento de pavimento flutuante de pinho
Placas de viroc
Membrana acústica 5mm
Perfil de aço IPE 120
Perfil de aço IPE 160
Isolamento de lã de rocha 40mm
Teto de placas de gesso cartonado pintado (NCS S 0601-Y)

VÃO EXTERIOR

Vidros duplos temperados e laminados 8.10.6
Caixilharia de madeira c/ estrutura interior de aço c/ corte térmico
Cantaria de pedra lioz
Alvenaria de pedra existente

ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO

Teto de placas de gesso cartonado pintado
Caixilharia interior de madeira pintada (NCS S 3050-R80B)
Namoradeira de pedra lioz
Estuque branco
Rodapé de madeira pintada (NCS S 0502-Y)
Revestimento de pavimento flutuante de pinho

INSTALAÇÃO SANITÁRIA

Teto suspenso de placas de gesso cartonado pintado
Caixilharia de alumínio
Vidro simples fixo
Azulejo vidrado retangular 200x40mm
Revestimento de pavimento de tijoleira 200x40mm
Betonilha armada

ESPAÇO INTERIOR

Reboco pintado (NCS S 0601-Y)
Guarda em ferro de perfil retangular 40x25mm
Escadas de forra de madeira de pinho e
estrutura de chapa de ferro quinada 6mm
Revestimento de pavimento de tijoleira 200x40mm
Betonilha armada

ENCONTRO COM O TERRENO

Parede de pedra existente
Laje de fundo existente
Sapata de fundação existente
Terreno natural

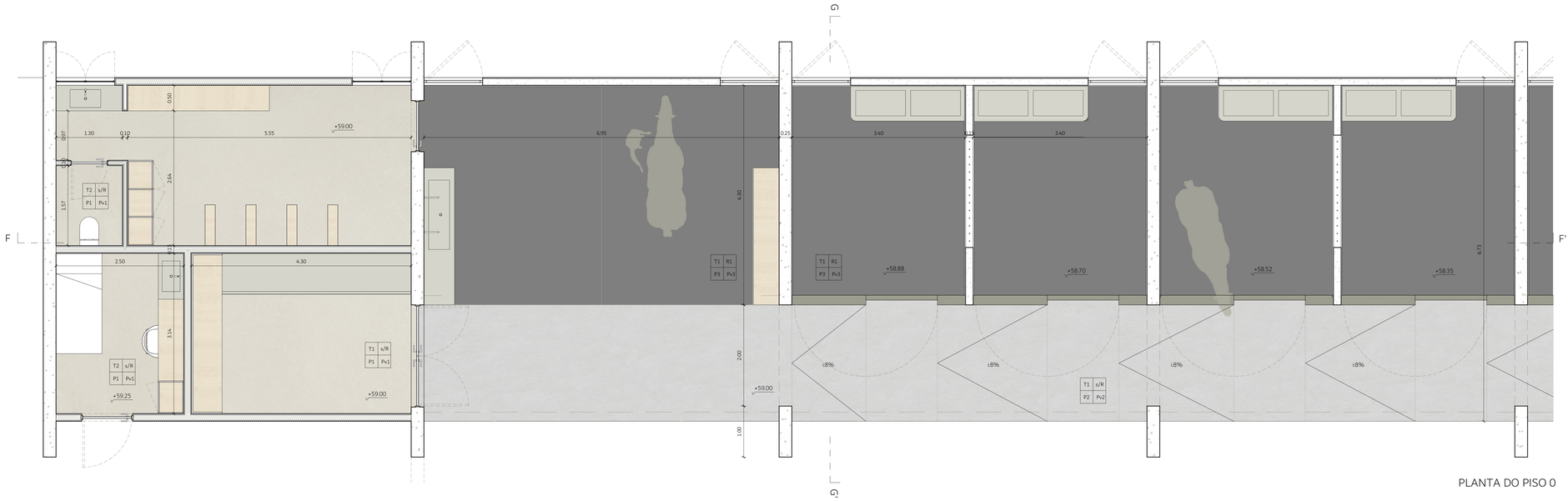








IMAGENS DO ESPAÇO INTERIOR DA HABITAÇÃO



PLANTA DO PISO 0

ACABAMENTOS INTERIORES

T - Tetos

T1 - Reboco pintado (NCS S 0601-Y)

T2 - Gesso cartonado pintado (NCS S 0601-Y)

R - Rodapés

R1 - Painel de borracha em rolo Equiapara 1.20 x 6 m

P - Paredes

P1 - Reboco pintado (NCS S 0601-Y)

P2 - Ripado de madeira de Ipê 1.2 x 0.12 m

P3 - Betão armado

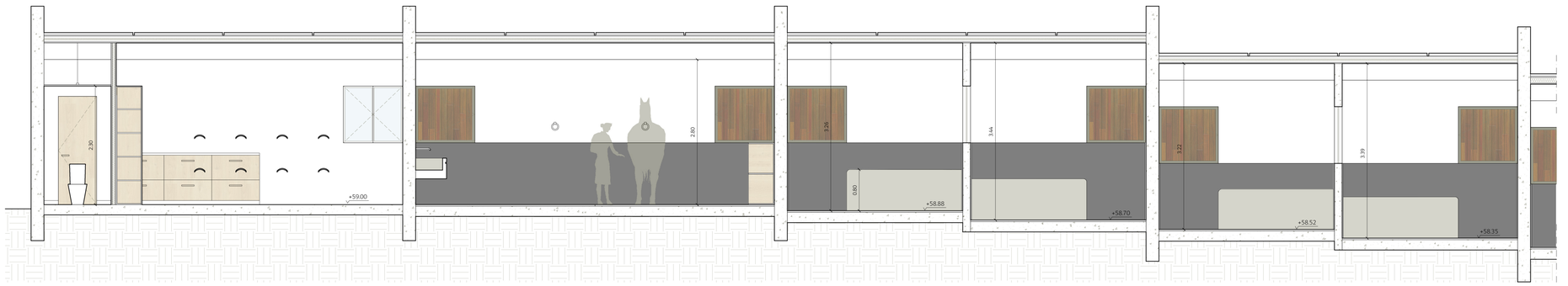
Pv - Pavimentos

Pv1 - Microcimento Microcrete, trufa

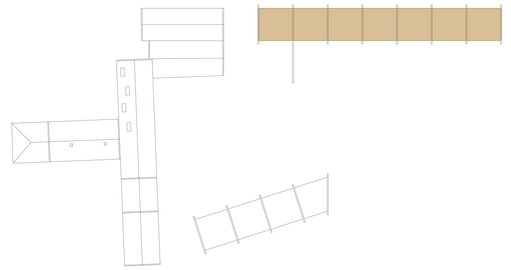
Pv2 - Betuminoso poroso; betão poroso

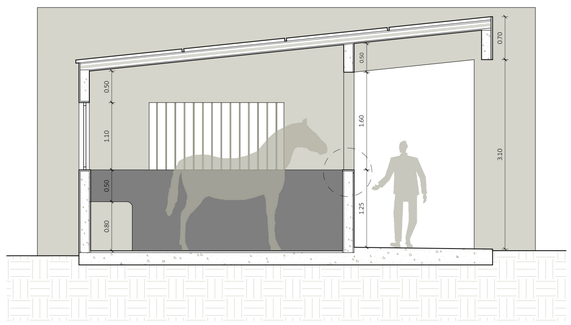
Pv3 - Tapete de borracha Equigomma, preto

T	R
P	Pv

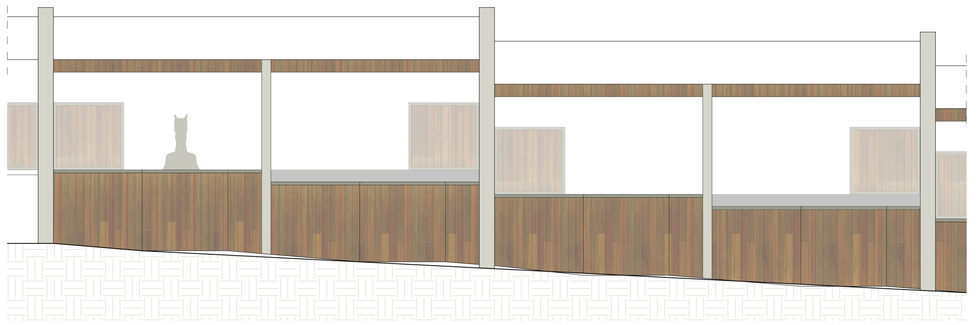


CORTE FF'

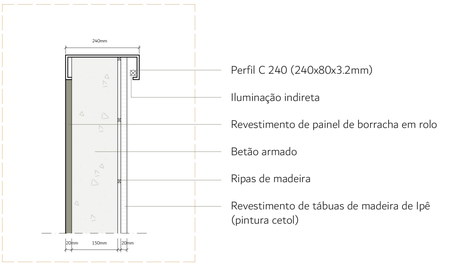




CORTE GG'



ALÇADO SUL



DETALHE BOX esc. 1:10